



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE –  
PROFLETRAS

HUGO HUDSNEY SANTANA DE SOUZA

**COMPREENSÃO ATIVA E RELAÇÕES DIALÓGICAS NA LEITURA  
DE POEMAS DE JENYFFER NASCIMENTO**

Itabaiana – SE

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE –  
PROFLETRAS

HUGO HUDSNEY SANTANA DE SOUZA

## **COMPREENSÃO ATIVA E RELAÇÕES DIALÓGICAS NA LEITURA DE POEMAS DE JENYFFER NASCIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede – PROFLETRAS, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S729c Souza, Hugo Hudsney Santana de.  
Compreensão ativa e relações dialógicas na leitura de poemas de  
Jenyffer Nascimento/ Hugo Hudsney Santana de Souza; orientação: José  
Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2024.  
157 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal  
de Sergipe, Itabaiana, 2024.

1. Leitura. 2. Transposição didática. 3. Poesia. I. Silva, José Ricardo  
Carvalho. (orient.). II. Título.

CDU 808

HUGO HUDSNEY SANTANA DE SOUZA

**COMPREENSÃO ATIVA E RELAÇÕES DIALÓGICAS NA LEITURA  
DE POEMAS DE JENYFFER NASCIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede PROFLETRAS, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe.

Data de Aprovação: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Orientador – Presidente

---

Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Examinadora

---

Profa. Dra. Solange Alves de Oliveira  
Universidade Federal de Brasília (UFB)  
Examinadora

Consagro este trabalho:

Primeiramente a Deus, por estar sempre ao meu lado abrindo as portas do conhecimento e realizando sonhos.

Ao meu pai, Antônio Hugo de Sousa (*in memoriam*), e a minha mãe, Neide do Carmo Santana, pelo incentivo nos estudos, desde o Ensino Fundamental à universidade, e pelo apoio nos altos e nos baixos momentos da minha vida.

A minha esposa, Elaine Sobral de Souza, e aos meus filhos, Rafael Levi e Ryan, pela cumplicidade e pela paciência em darem total apoio aos meus estudos, encorajando-me nesse retorno à vida acadêmica.

Aos meus irmãos, Antônio Hudsney Santana de Souza e Dayse Santana de Souza, por me apoiarem nos estudos de formação continuada, afinal, eles também são educadores.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Dr. José Ricardo Carvalho da Silva, pela orientação de forma humilde e humana, pelo apoio em todos os caminhos e dúvidas durante todo o processo de produção deste trabalho. Conduziu-me com maestria pelos caminhos da pesquisa acadêmica e pelos estudos do Círculo de Bakhtin.

Ao professor Dr. Carlos Magno Santos Gomes, pela dedicação nas aulas, e por ser um extraordinário coordenador do PROFLETRAS/Itabaiana, conduzindo um trabalho administrativo, mas também humano, sempre preocupado com o acompanhamento dos alunos e professores.

À CAPES pelo financiamento e apoio da pesquisa.

## RESUMO

A leitura de poesia, nas práticas tradicionais, muitas vezes, concentra-se em seu aspecto formal, em detrimento do conteúdo. A falta de uma abordagem crítica e dialógica no ensino da poesia resulta em uma compreensão limitada desse gênero literário e negligencia a análise de seus aspectos axiológicos. Apresentamos uma abordagem com leitura de poemas ético-discursiva, com foco no livro *Terra fértil*, da poetisa Jenyffer Nascimento. Nossa pesquisa se baseia nas teorias de linguagem e na compreensão da poesia em Bakhtin (1998, 2003, 2010) e Volóchinov (2017, 2019), destacando as categorias: *compreensão ativa*, *relações dialógicas*, *centros de valores*, *autor-pessoa*, *autor-criador*, *herói/personagem* e *autor-contemplador*. Para realizar um processo de transposição didática das categorias do Círculo de Bakhtin, apoiamos-nos nos estudos de Carvalho (2021), que apontam para procedimentos didáticos no plano da leitura do ponto de vista ético, estético e discursivo, com foco no domínio das capacidades da leitura dialógica. Dessa forma, aplicamos e testamos esses procedimentos em um estudo de caso - um estudo piloto -, a fim de relatar uma experiência de leitura com poema e ressignificação valorada. A partir da experiência de transposição didática das categorias do Círculo de Bakhtin, utilizadas por Carvalho (2023), exploramos os procedimentos da leitura dialógica no campo da prática na sala de aula. Ao final, propusemos a produção de um caderno pedagógico com as atividades destinadas a alunos do 9º ano do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Leitura dialógica. Transposição didática. Leitura da poesia. Poesia de Jenyffer Nascimento.

## ABSTRACT

Reading poetry, in traditional practices, often focuses on its formal aspect to the detriment of its content. The lack of a critical and dialogic approach to teaching poetry results in a limited understanding of this literary genre and neglect of the analysis of its axiological aspects. We propose an approach with ethical-discursive reading of poems, focusing on the book *Terra Fértil*, by poet Jenyffer Nascimento. Our research is based on the theories of language and understanding of poetry in Bakhtin (1998, 2003, 2010) and Voloshinov (2017, 2019), highlighting the categories: active understanding, dialogical relationships, value centers, author-person, author-creator, hero/character and author-contemplator. To carry out a process of didactic transposition of Bakhtin's circle categories, we rely on the studies of Carvalho (2021, p. 163) who points to didactic procedures in terms of reading from an ethical, aesthetic and discursive point of view with a focus on the domain of dialogic reading skills. Therefore, we applied and tested these procedures in a case study in this pilot study in order to report a reading experience with a poem with valued reframing. Based on the experience of didactic transposition of the Bakhtin Circle categories used by Carvalho (2023), we explored the procedures of dialogical reading in the field of practice in the classroom. In view of this study, we ultimately propose the production of a pedagogical notebook with activities aimed at students in the 9th year of elementary school.

**Keywords:** Dialogical reading; Didactic transposition; Reading poetry; Poetry by Jenyffer Nascimento.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - <i>A carne</i> .....	42
Quadro 2 - <i>CARNE de Mulher</i> .....	44
Quadro 3 - Relação dialógica externa entre música e poema.....	46
Quadro 4 - Plano de leitura com ressignificação valorada em suas três dimensões.....	47
Quadro 5 - <i>Menina bonita do laço de fita</i> .....	51
Quadro 6 - <i>Menina bonita sem laço de fita</i> .....	52
Quadro 7 - Centro de valores organizados na construção estética .....	55
Quadro 8 - Diálogo dos alunos com o texto <i>Presença-ausência</i> .....	62
Quadro 9 - Quadro Comparativo sobre a representação de mulher .....	63
Quadro 10 - <i>A carne</i> , de Elza Soares, e <i>CARNE de mulher</i> , de Jenyffer Nascimento.....	65
Quadro 11- Resposta dos alunos ao texto <i>Menina bonita sem laço de fita</i> .....	68

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jenyffer Nascimento .....	28
Figura 2 - Capa de <i>Terra Fértil</i> , de Jenyffer Nascimento .....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>19</b>
1.1 A COMPREENSÃO DA POESIA NA CONTEMPORANEIDADE.....	19
1.1.1 A poesia contemporânea e as relações dialógicas.....	21
2.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA <i>AUTORA-PESSOA</i> JENYFFER NASCIMENTO E CRIAÇÃO ESTÉTICA .....	26
<b>3 PROCEDIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>32</b>
3.1 OBSERVAÇÃO DA DINÂMICA RESPONSIVA .....	35
3.2 ANÁLISE DE AULAS GRAVADAS .....	35
3.3 EXPLORAÇÃO DOS PLANOS DE LEITURA .....	36
<b>4 LEITURA DA POESIA DE JENYFFER NASCIMENTO: UM DIÁLOGO COM QUESTÕES DO MUNDO DA VIDA .....</b>	<b>37</b>
4.1 PLANO ESTÉTICO .....	39
4.2 PLANO ÉTICO .....	40
4.3 PLANO DISCURSIVO.....	40
4.4 O DIÁLOGO DA PALAVRA <i>CARNE NEGRA</i> EM UMA CANÇÃO E EM UM POEMA .....	41
4.5 DISCUSSÃO DOS CENTROS DE VALOR.....	48
4.6 OS CENTROS DE VALORES EM UMA NARRATIVA E UM POEMA DE JENYFFER NASCIMENTO.....	50
<b>5 ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA NA SALA DE AULA.....</b>	<b>58</b>
5.1 A LEITURA DA CAPA.....	59
5.2 A INTRODUÇÃO DA LINGUAGEM POÉTICA.....	60
5.3 O CONTRASTE ENTRE A LINGUAGEM INFORMATIVA E A LINGUAGEM POÉTICA .....	61
5.4 A PRODUÇÃO RESPONSIVA DOS ALUNOS DIANTE DO POEMA.....	64
5.5 TRABALHANDO O EU-LÍRICO COLETIVO.....	66
5.5 TEXTO: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA (ANA MARIA MACHADO)....	67

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>
APÊNDICE A - 1ª Parte - Aula de interação em sala de aula com falas e escritas.....	76
APÊNDICE B - 2ª Parte - Aula de interação em sala de aula com falas e escritas.....	78
APÊNDICE C - 3ª Parte - Aula de interação em sala de aula com falas e escritas.....	95
APÊNDICE D - Textos: Canção <i>A Carne</i> , de Elza Soares, e o Poema <i>CARNE de Mulher</i> , de Jenyffer Nascimento .....	102
APÊNDICE E - 4ª Parte - Aula de interação em sala de aula com falas e escritas .....	105
APÊNDICE F - Atividade: Compartilhamento da Experiência Responsiva Artística.....	111

## INTRODUÇÃO

A leitura de poesia, quando abordada nas práticas tradicionais de ensino, frequentemente, concentra-se em seu aspecto formal, privilegiando a métrica, a rima e as figuras de linguagem, em detrimento de uma análise mais profunda e crítica dos temas explorados, de forma axiológica, estética e discursiva. A abordagem formalista, ainda que válida em seu aspecto linguístico e estilístico, resulta em uma compreensão limitada dos gêneros poéticos, pois acaba por desconsiderar ou dar pouca ênfase à análise dos aspectos axiológicos e ideológicos dos textos sob o aspecto discursivo, ou seja, os valores, os posicionamentos éticos dos agentes de linguagem e a formulação estética-discursiva envolvida na atividade leitora de textos artístico-literários. A fim de investigar novas possibilidades de leitura da poesia numa abordagem estético-discursiva, propusemos uma discussão teórico-metodológica da leitura com ressignificação valorada apresentada por Carvalho (2023, 2024) a partir de experiências didáticas com o livro *Terra fértil*, da poetisa Jenyffer Nascimento.

Nossa pesquisa se fundamenta nas teorias de linguagem e na compreensão da poesia desenvolvidas por Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, teóricos cujas obras enfatizam a importância das relações dialógicas e da compreensão ativa no processo de leitura. De acordo com Bakhtin (1998, 2003, 2010) e Volóchinov (2017, 2019), a compreensão não é um ato passivo, pois existe um diálogo contínuo entre o leitor, o texto e a vida social. O leitor se posiciona, ativamente, interpretando e atribuindo valores ao que lê diante dos acontecimentos sociais e existências que permeiam o processo de significação. As categorias teóricas centrais dessa abordagem incluem a compreensão ativa, as relações dialógicas, os centros de valores, a distinção entre o autor-pessoa e o autor-criador, bem como entre o herói/personagem e o autor-contemplador.

A partir da compreensão dessas categorias, buscamos realizar um processo de transposição didática, adaptando as categorias e os procedimentos de análise do Círculo de Bakhtin para o contexto de procedimentos metodológicos da leitura na sala de aula. Para tanto, tomamos como apoio a proposta de leitura com ressignificação valorada desenvolvida por Carvalho (2021, 2023). Esse autor (2021) destaca a importância de orientar os estudantes para a realização de uma leitura dialógica, na qual possam interagir com o texto, de forma crítica, reconhecendo e analisando os valores subjacentes aos discursos poéticos.

A leitura da poesia, quando considerada do ponto de vista ético, estético e discursivo, revela-se como uma atividade de atualização de sentido dos enunciados, ampliando a visão de mundo e o conhecimento de si mesmo. A abordagem tradicional tende a se concentrar em um conjunto restrito de poetas e estilos, negligenciando a diversidade de vozes poéticas que existe. Isso pode perpetuar uma visão estreita da poesia e excluir visões de mundo e possibilidades de existência. A poesia é uma forma de expressão que abraça a diversidade de vozes e as experiências humanas. No entanto, o ensino tradicional tende a privilegiar poetas e autores considerados “clássicos”, excluindo, muitas vezes, vozes marginalizadas, como as de mulheres, as pessoas LGBTQ+, as minorias étnicas e sociais. Uma abordagem ética, estética e discursiva da leitura de poesia no ensino tem como suporte a valorização da diversidade e a representação de todas as perspectivas.

A literatura negra periférica é uma forma de expressão que, muitas vezes, é negligenciada no contexto educacional. Sua estética capta as nuances da vida cotidiana, a luta contra a desigualdade social, a violência, a esperança e a resiliência de populações periféricas. O surgimento desse movimento literário também está ligado à democratização da publicação e à disseminação da literatura por meio das redes sociais e da autopublicação. Isso permitiu que autores das periferias alcançassem um público mais amplo e escapassem das limitações impostas pelo mercado editorial tradicional. Os autores dessas comunidades, muitas vezes, trazem à tona questões que são inobservadas pela mídia tradicional e pela literatura convencional. As suas narrativas oferecem uma perspectiva única sobre as experiências das comunidades periféricas, especialmente no que se refere às questões de gênero e étnico-raciais. O trabalho de Jenyffer Nascimento é, especialmente, relevante, pois ela se destaca como uma voz literária de mulher negra periférica urbana influente nesse cenário. Com esta pesquisa, apresentamos a realização de uma experiência de leitura com poemas do livro *Terra fértil*, em diálogo com outros textos, que assumem a mesma temática, numa perspectiva dialógica.

Poemas são expressões artísticas que, frequentemente, evocam emoções, percepções e imagens vividas, que permitem representar a realidade de uma forma distinta daquelas situadas da prática no espaço do cotidiano. O trabalho com poemas traz um olhar sensível sobre a vida e propõe discussões sobre o contexto histórico e cultural em que o poema foi escrito. O planejamento de atividades didáticas para explorar essas dimensões da poesia é fundamental para explorar as dimensões intersubjetivas da leitura. É necessário criar atividades que incentivem os alunos a explorar as diversas camadas de significação presentes nos versos,

considerando o contexto histórico e cultural em que o poema foi escrito, enriquecendo sua compreensão sobre as influências que moldaram a obra.

A compreensão de procedimentos didáticos de leitura de poemas e textos artístico-literários não apenas ajuda a aprimorar as habilidades de leitura, como também enriquece a apreciação da linguagem e da arte, incentivando o entendimento de si e do outro na vida. Quando os alunos são expostos a poemas que abordam temas e estilos variados, têm a chance de descobrir formas poéticas que ressoam com suas próprias experiências e interesses. Isso pode inspirar o gosto pela poesia e pela literatura, em geral, enriquecendo sua vida cultural e intelectual ao longo do tempo.

Nesse sentido, apresentamos a aplicação de procedimentos de leitura com ressignificação valorada, desenvolvida por Carvalho (2023,2024), em uma oficina de leitura literária de poemas de Jenyffer Nascimento, como ponto de partida. Observamos como a ressignificação valorada pode ser aplicada à leitura de seus poemas, a fim de permitir aos alunos uma compreensão ativa de teor ético-discursivo, tomando como ponto de referência as vozes e as avaliações presentes nos poemas a serem analisados e debatidos em sala de aula.

A ressignificação valorada é um processo pelo qual os estudantes não apenas interpretam o texto a partir de suas estruturas linguísticas e temáticas, mas também incorporam suas próprias experiências, valores e perspectivas críticas na compreensão do texto. Esse processo é evidenciado nos momentos em que os estudantes, após a leitura do poema e a interação com outros materiais, como entrevistas e canções, começam a estabelecer conexões dialógicas entre os textos e suas próprias vidas, promovendo uma compreensão ativa, que transcende a análise literária superficial.

Neste contexto, destacamos a promoção da diversidade e da inclusão nas relações humanas, destacando a importância de incluir a literatura negra periférica, especialmente a obra *Terra fértil*, de Jenyffer Nascimento, sob a perspectiva dialógica. Ao aplicar essa abordagem na sala de aula, podemos não apenas enriquecer a compreensão literária dos alunos, como também promover uma maior empatia e consciência das experiências sociais vinculadas a situações de exclusão e discriminação.

A falta de uma abordagem ético-estético-dialógica dos textos artístico-literários aponta para a necessidade de desenvolver novas propostas e experiências de leitura que explorem os aspectos axiológicos, estéticos e ideológicos. Propusemos, então, uma leitura ético-discursiva de poemas presentes no livro *Terra fértil*, da poetisa Jenyffer Nascimento, em uma turma de 9º

ano. Assim, os sujeitos têm a possibilidade de se constituírem no âmbito da linguagem no processo da interação, promovendo a compreensão dos enunciados de forma dialógica. Volóchinov (2017) afirma que “[...] toda verdadeira compreensão é ativa e possui um embrião de respostas”. A leitura, sob essa ótica, torna-se uma ferramenta poderosa de entendimento e transformação pessoal e coletiva.

O leitor crítico é aquele que se posiciona a partir da compreensão das relações dialógicas em um dado texto ou situação e na própria vida, estabelecendo uma relação ético-discursiva no processo da linguagem. Conforme Carvalho (2021, p. 102), “[...] as relações éticas são de profunda importância, pois ela evoca o contínuo processo de diálogo, no qual os sujeitos estão reavaliando os valores e deveres que guiam suas ações”. Nessa perspectiva, os leitores se posicionam frente ao texto lido e à vida, produzindo atos responsáveis e responsáveis, que ressignificam os textos e a realidade vivida de maneira valorada. De acordo com Carvalho (2021, p. 91):

No domínio da capacidade de ressignificação valorada, o leitor atualiza os sentidos do objeto simbólico em relação ao contexto de produção, conferindo uma visão crítica sobre os diversos pontos de vistas exibidos no texto e a linha argumentativa representada pelo autor em contraste com as condições de produções na qual se realiza a leitura. Nessa dinâmica considera-se que toda palavra corresponde a uma arena de disputas de sentidos, fazendo valer a contra-palavra, as réplicas proferidas por distintas vozes no interior do texto e fora dele com acentos apreciativos.

Realizando a leitura de forma dialógica, cria-se no estudante uma autonomia nos discursos, pois ele se posicionará criticamente frente aos enunciados do outro, bem como será avaliado nos seus discursos diante de vários temas que circundam na sociedade. Desse modo, o interesse pela leitura de poemas, numa perspectiva bahktiniana, poderá fortalecer o trabalho do docente de Língua Portuguesa, com textos literários em sua dimensão ético-axiológica, tendo como foco as relações dialógicas que existem nos poemas, imprimindo no aluno uma consciência de discussão de valores existentes nas falas do eu e do outro, permitindo, assim, uma aproximação com a leitura, de forma que se crie uma compreensão ativa do objeto estudado, assimilando um crescimento para os sujeitos leitores.

Logo, este trabalho tem a intenção de trabalhar a leitura de poemas de uma forma que o aluno perceba que há vozes que dialogam através de enunciados cujas palavras ali contidas têm valores, cabendo ao leitor se posicionar diante das relações de discursos expostos. Assim, concretizamos procedimentos para promover a leitura crítica a partir das relações dialógicas estabelecidas, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar sensível e empático dos textos

literários, que refletem e retratam sobre vários temas sociais, numa análise ética, axiológica e sociológica.

Por esse caminho, esta pesquisa tem como questão norteadora central: De que forma a proposta de leitura com ressignificação valorada ancorada no estudo das relações dialógicas propostas pelo Círculo de Bakhtin pode contribuir para o trabalho de leitura com poemas do livro *Terra fértil*, de Jenyffer Nascimento, em uma classe do 9º ano do ensino fundamental?

Nesse contexto, o estudo tem como objetivo geral avaliar o impacto da aplicação da leitura com ressignificação valorada, com base nas teorias dialógicas do Círculo de Bakhtin, no desenvolvimento da consciência crítica e axiológica dos estudantes do 9º ano, ao analisarem os poemas de *Terra fértil*, de Jenyffer Nascimento. Neste contexto, consideramos o processo de transposição didática das categorias do Círculo de Bakhtin, na prática de uma oficina de leitura dialógica voltada para a ressignificação valorada, destacando o processo de produção de sentido dos poemas da literatura negra periférica de Jenyffer Nascimento, tomando como referência os princípios da análise do texto em seu plano ético, estético e discursivo.

Para alcançar esse objetivo geral, a pesquisa traçou os seguintes objetivos específicos: explorar procedimentos de leitura ético-estético-discursiva com foco nas relações dialógicas internas e externas a partir da leitura de poemas da obra *Terra fértil*, de Jenyffer Nascimento; aplicar a oficina de leitura dialógica, com foco na compreensão ativa e no processo de ressignificação valorada e responsiva dos alunos; e analisar o processo de transposição didática a partir da experiência organizada na oficina de leitura, com poemas de Jenyffer Nascimento e dos registros de compreensão responsiva dos alunos.

Esta pesquisa se fundamenta, teoricamente, nos estudos pioneiros de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, cujos trabalhos realizados nas primeiras décadas do século XX continuam a exercer uma profunda influência nos campos da linguística, da teoria literária e da educação. Nossa abordagem aprofunda aspectos da teoria dialógica da linguagem e vê a transposição didática de leitura dialógica apresentada por Carvalho (2023) como uma oportunidade para ampliar procedimentos de ensino da leitura da literatura no espaço escolar. Por meio do processo de transposição, exploramos as categorias desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin para o domínio das práticas de ensino da leitura, a exemplo de: *compreensão ativa*, *relações dialógicas*, *centros de valores*, *autor-pessoa*, *autor-criador*, *herói/personagem* e *autor-contemplador* e *relações dialógicas internas ao texto* e *relações dialógicas externas entre textos*.

Esta investigação visa contribuir para a prática de ensino da leitura literária em uma abordagem discursiva, destacando a literatura negra periférica, com base na obra *Terra fértil*, de Jenyffer Nascimento. Ao abordar a questão dos procedimentos dialógicos na leitura literária, sobretudo na poesia, pretendemos contribuir para a criação de percursos didáticos que garantam ao professor orientar seus alunos por meio de uma experiência de leitura dialógica.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 A COMPREENSÃO DA POESIA NA CONTEMPORANEIDADE

No início do século XX, um grupo de formalistas russos analisou a poesia em sua estrutura formal. Bakhtin, em seus estudos sobre a linguagem, principalmente as construções dialógicas entre consciências, traz um enfoque que valoriza a interação entre os sujeitos. E para corroborar com essa nova linha teórica dos estudos da linguagem por Bakhtin, Tezza (2006, p. 198), também, reafirma a visão da poesia e da prosa construída pelo estudioso russo:

O conceito de prosa e o conceito de poesia, tais como ele os definirá anos mais tarde, são, pois, expressões de diferentes modos de apropriação da linguagem, numa atividade em que necessariamente haverá no mínimo, dois participantes que neste momento Bakhtin chama de ‘autor’ e de ‘herói’.

Realizando uma leitura da filosofia do ato de Bakhtin (2003), percebemos que o autor coloca a poesia em destaque como um “[...] ‘evento do ser’: um momento singular, único, e do qual o sujeito é responsável por seus atos a ser compreendido a partir da relação do mundo da cultura com o mundo da vida”. Essas duas pontes apresentam o valor do *ser* na relação com o *outro*, o qual o filósofo sintetiza da seguinte forma:

O que queremos fazer é uma representação, uma descrição da arquitetura real, concreta do mundo dos valores experimentados não com uma fundação analítica à frente, mas com aquele centro real, concreto, do mundo dos valores experimentados, não com uma fundação analítica à frente, mas com aquele centro real, concreto, tanto espacial quanto temporal, do qual surgem avaliações, asserções e ações, e onde os membros constituintes são objetos reais interconectados por relações-eventos no evento único do ser (Bakhtin, 2003, p. 60).

Nessa passagem, no seu projeto arquitetônico voltado para a criação da poesia e da prosa, Bakhtin destaca a categoria *compreensão do ato ético do ser no evento*. Desta maneira, esse autor produziu a visão teórica de que o agente é um centro de valor que assume uma visão de mundo e defende um ponto de vista. É importante destacar que o filósofo da linguagem nas suas primeiras análises e estudos literários, teve um olhar primeiro na poesia, colocando em prática esses estudos dos centros de valores, no poema lírico *Separação* (Razluca), de Pushkin, destacando o lugar do autor e dos heróis na construção estética, consoante afirma:

Há duas pessoas ativas [...] – o herói lírico (autor objetivado) e ‘ela’, e conseqüentemente, há dois contextos de valor, dois pontos de referência concretos para os quais os momentos valorativos, concretos, do ser estão correlacionados. Todos os momentos concretos da arquitetura são atraídos e concentrados em torno de dois centros de valores (o herói e a heroína) e ambos são igualmente abrangidos pela

autoatividade estética humana, afirmadora e valorativa, em um único evento (Bakhtin 2010, p. 127).

Na obra de Jenyffer Nascimento, a interação entre as categorias *autor objetivado* e *autor-criador* oferece uma lente para explorar a compreensão da poesia. O *autor objetivado* emerge nos poemas de Jenyffer como uma voz lírica que carrega ecos da experiência pessoal, visões de mundo e nuances emocionais da poetisa. Essa manifestação não é uma transcrição direta da vida da autora, mas uma representação artística que objetiva aspectos de sua identidade dentro da estrutura poética. Através desse processo, Jenyffer consegue explorar temas profundamente pessoais e universais, simultaneamente, estabelecendo uma conexão íntima com o leitor, ao compartilhar vislumbres de sua vivência como mulher negra e periférica.

O *autor-criador*, por outro lado, refere-se à Jenyffer como a força motriz por trás do ato criativo, a mente que tece as palavras e a estrutura dos poemas, com intencionalidade artística. Esta entidade é responsável pela seleção de imagens, metáforas, ritmo e estrutura, que compõem os poemas, agindo como um arquiteto que molda a matéria-prima da experiência pessoal e da observação do mundo em expressões poéticas. Analisar os poemas de Jenyffer sob esta ótica, permite-nos apreciar a habilidade com que ela balanceia a expressão subjetiva e a construção objetiva, criando obras que são tanto espelhos de sua alma quanto artefatos, cuidadosamente, lapidados.

Para analisar os poemas de Jenyffer Nascimento, considerando essas categorias, é fundamental atentar para como a interseção entre o *autor objetivado* e o *autor-criador* enriquece o texto, conferindo-lhe camadas de significado e ressonância emocional. A investigação dessas entidades nos poemas revela não apenas a complexidade da identidade poética de Jenyffer, mas também como ela dialoga com questões mais amplas de *identidade*, *pertencimento* e *resistência*. Assim, ao mergulhar na poesia de Jenyffer, somos convidados a transitar entre o universo da vida pessoal e social, entre a experiência individual articulada pelo autor objetivado e a expressão artística moldada pelo autor-criador, deparando-nos, em cada verso, com a potência da voz poética em diálogo com as produções culturais da atualidade de seu momento histórico.

### 1.1.1 A poesia contemporânea e as relações dialógicas

Ao explorar novas tendências da poesia e outros gêneros contemporâneos, torna-se relevante examinar como os poemas de Jenyffer Nascimento engajam com diálogos sobre exclusão, ética e ressignificação de valores, destacando as vozes sociais, frequentemente, silenciadas pela sociedade. As diversas manifestações artístico-literárias, principalmente, a partir dos meados do século XX, até os dias atuais, conforme cada situação histórica vivenciada no Brasil e no mundo, exploram diferentes formas de expressão e lirismo, pois não há mais uma padronização na forma e na estética dos poemas, há uma liberdade temática de apresentação para os seus leitores e ouvintes, entretanto, sabemos que, para organizar essa linha tênue, é algo mais complexo, porque cada um tem seu estilo próprio de produção e criatividade.

Começamos pela poesia marginal, que nasce no contexto de repressão brasileira nos anos 1970, no regime militar. Uma poesia que representou a voz das minorias, as quais eram silenciadas pelo governo da época e pela imprensa, que só apresentava poemas que se identificassem com o pensamento da “elite” do nosso país. Esse gênero dialogava com o público de forma direta, a partir de textos curtos, visuais, com uma linguagem informal, para que o povo compreendesse a sua mensagem. Trabalhava com algumas figuras, como a ironia, o humor e a crítica, principalmente, e nessas produções havia nomes como Torquato Neto, Paulo Leminski, Chacal, entre outros.

Quanto ao grupo das mulheres poetisas contemporâneas, destacaremos três, as quais produziram e produzem poemas e contos que representam os excluídos e marginalizados da sociedade, entre elas, Adélia Prado, que trabalha numa linha temática de dar voz e vez às mulheres, na sua forma de pensar com autonomia, liberdade e sensualidade, para que não fiquem presas ao que a sociedade impõe aos seus corpos e comportamentos.

Outra poetisa e contista que merece destaque, nesse contexto, é Cora Coralina, a qual, em seus poemas, realiza uma trajetória da sua infância, da sua adolescência e das circunstâncias que passou durante a vida. Poetisa contemporânea, de uma linguagem coloquial, e com boas reflexões sobre viver na sociedade.

Não poderíamos deixar de mencionar a escritora Conceição Evaristo, uma voz que, também, representa os invisíveis marginalizados pela sociedade contemporânea, principalmente, no conto *Olhos d'água*, que realiza uma narração numa perspectiva bahktiniana de significação e ressignificação valorada, inclusive, já com trabalhos apresentados por

alunos/as de mestrado profissional, um deles pela mestra Joice Barreto do Santos Almeida, que defendeu a dissertação/tese intitulada *A compreensão das relações dialógicas no conto Olhos d'água de Conceição Evaristo*, em 2022.

Santos *et al.* (2015, p. 345) observam que a discussão em torno das escritoras negras no Brasil revela uma questão de dupla marginalização, que afeta tanto a produção quanto a circulação de seus trabalhos. Essa marginalização se reflete na ausência de mulheres no quadro de autores, frequentemente, discutidos, apesar da contribuição significativa de textos de escritoras negras, desde o século XIX, a exemplo do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. A literatura produzida por mulheres negras, muitas vezes, encontra espaço em canais alternativos ou associações literárias, longe do *mainstream* literário, evidenciando nomes como Miriam Alves, Sônia Fátima da Conceição, Lia Vieira, Marta Monteiro, Esmeralda Ribeiro.

Grupos como o Quilombhoje, em São Paulo, formado em 1978, têm sido essenciais para dar voz a essas autoras, por meio de publicações, como a série Cadernos Negros, que apresenta obras em prosa e verso, dedicadas à discussão da identidade negra e à militância ativa. Embora a audiência para tais publicações tenha crescido, a não legitimação por canais oficiais, como editoras, revistas e instituições acadêmicas, mantém essa literatura à margem do cânone literário oficial. Outros grupos, com missões semelhantes, incluem o Negricia, no Rio de Janeiro, e o Cenas, na Bahia, além do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da UFBA, dedicado aos estudos das populações africanas e asiáticas e seus descendentes. Esse cenário ressalta a importância de reconhecer e valorizar a literatura produzida por mulheres negras, desafiando as barreiras que limitam sua visibilidade e reconhecimento.

As novas tendências da poesia periférica contemporânea dialogam e representam as vozes silenciadas daqueles/aquelas que vivem num contexto de desigualdade social e que são cantadas por grupos das periferias das grandes capitais e cidades interioranas do país. Um deles é o grupo Racionais MC, formado, essencialmente, por músicos negros, e que trazem nas suas letras realidades de vivências do povo pobre invisibilizado pela sociedade brasileira.

Influenciada por esse movimento, a escritora Jenyffer Nascimento, cujos poemas iremos analisar, representa várias vozes silenciadas e excluídas, como as mulheres que vivem em regiões periféricas e trabalham com temas como a violência nas grandes cidades, a exploração dos trabalhadores/as no comércio e nas casas domésticas e sua relação com o tempo, a objetificação das mulheres, principalmente as negras, a prisão dentro das metrópoles e a vida

corrida, entre outras temáticas. Um outro mote bastante recorrente na literatura produzida por mulheres negras, na atualidade, segundo Marçal (2018, p. 81), é a política do afeto:

A representação do afeto, muitas vezes vista como um clichê dentro do pensamento ocidental, podendo ser entendido como um sentimento alienante e carregando consigo todo o imaginário construído pela indústria capitalista (principalmente pelas propagandas e pelo cinema), porém, para a epistemologia das comunidades negras e, em especial, para as mulheres negras, o amor é um conceito fundamental para a reafirmação de uma humanidade violentada [...] É diante dessa dificuldade de enfrentar o amor e de compreendê-lo que as mulheres negras procuram compreender o amor e aprender a lidar com esse sentimento (enquanto a amor a si mesmas e enquanto amor aos próximos e próximas). É necessário entender que em uma cultura que representa majoritariamente a mulher negra como sozinha, estéril e bestializada, essas mulheres enfrentam diariamente em suas vivências o auto-ódio. Seja através culpabilização em relacionamentos abusivos, ou através da tentativa de se enquadrar em estereótipos, ou através da tentativa de adequar os seus corpos em padrões artificiais (através das violências da indústria dos cosméticos), ou enfrentando a solidão afetiva.

Os poemas contemporâneos, como os de Jenyffer Nascimento, exploram esse universo, e, numa linha de relações dialógicas, faz-se necessário no processo de leitura crítica uma abordagem axiológica e ideológica, construindo uma reflexão dialógica, formando um leitor ativo e responsivo com o texto literário. Como aponta o pesquisador Lucas Vinicius Maciel (2014), os discursos se interconectam para o crescimento um do outro. Sendo assim, Bakhtin (1995, p. 274-275) demonstra que:

O discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo absolutamente precisos.

Saber como a palavra do outro adentra a consciência é importante para esclarecer “[...] a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida” (Maciel, 2014, p. 24). Embora nessa passagem não seja empregado o termo *dialogismo*, percebemos

[...] a relação entre a palavra do outro que vem a mim, entra na minha consciência e acaba, de algum modo, refletindo-se em minhas enunciações futuras. Ou seja, é dialogismo, pois há um vínculo entre palavras alheias e palavras minhas, entre palavras passadas e palavras futuras (Maciel, 2014, p. 102).

Dessa forma, a compreensão discursiva evoca essas relações de retomada do enunciado do outro com um novo sentido. Nessa perspectiva, os enunciados constituem relações dialógicas emanadas do âmbito das interações sociais. A “[...] transmissão das enunciações de outrem” e a “integração dessas enunciações, enquanto enunciações de outrem” (Bakhtin; Volochinov, 1929, p. 149) são relevantes na compreensão discursiva, pois mostram os vínculos

entre a voz do “eu” e a voz do “outro”. Se todos os enunciados são precedentes, é válido observar como essa retomada é verbalizada em termos dos tipos de discurso disponíveis para o falante ou o escrevente assimilar a palavra alheia. Esse processo não apenas enriquece a experiência individual, mas também fortalece a teia de relações sociais através do reconhecimento e da valorização das múltiplas perspectivas.

Segundo Bakhtin (2010), percebemos o mundo como uma estrutura arquitetônica viva, na qual os valores transcendem a esfera dos conceitos abstratos para se firmarem como elementos essenciais da realidade concreta, palpável. Essa visão sugere que a compreensão do mundo e a formação de valores derivam de interações diretas e reais, cujas experiências e atos individuais estão entrelaçados. Assim, o mundo é visto não apenas como um palco de objetos e eventos isolados, mas como um espaço dinâmico, constantemente, negociado e redefinido a partir da experiência vivida.

Todos os atos têm em comum alguns elementos: um sujeito que age, um lugar em que esse sujeito age, e um momento em que age. Isso se aplica tanto aos atos realizados na presença de outros sujeitos como os atos realizados sem a presença de outros sujeitos, aos atos cognitivos que não tenham expressão linguística, etc. Falar de ato, portanto, pressupõe dois planos, um plano de generalidade, dos atos em geral, e um plano de particularidade, de cada ato particular, planos esses que estão necessariamente inter-relacionados (Sobral, 2009, p. 24).

Nesse sentido, a compreensão dos atos éticos está vinculada ao mundo da vida, sem se desconectar com o mundo da cultura, da teoria. Exploram-se, então, as relações dialógicas entre enunciados, sob uma perspectiva axiológica. Neste contexto, a atividade autoral mobiliza recursos expressivos para cumprir um projeto enunciativo específico, enfrentando o desafio de conjugar a entoação avaliativa — a nuance emocional ou valorativa que o autor imprime em sua obra — com a resposta ativa do interlocutor. Esta última se refere à recepção do texto pelo leitor, sempre carregada de suas próprias avaliações e interpretações. O poema, portanto, emerge como um campo de forças onde se cruzam a expressividade autoral e a interatividade do leitor, configurando-se como um espaço singular de diálogo e de construção de significados.

O centro da noção de gênero discursivo do Círculo de Bakhtin é a atividade autoral de mobilização de recursos com vistas à realização de um dado projeto enunciativo de um locutor perante um dado interlocutor, o que envolve o embate entre entoação avaliativa (a inflexão que o locutor busca imprimir ao que diz) e resposta ativa (a recepção, necessariamente valorativa, do interlocutor ao dito) (Sobral, 2011, p. 37).

No gênero *poema*, a relação dialógica entre as vozes e os enunciados revela a complexidade e a profundidade do diálogo interno e externo. A voz poética, ao entrelaçar diversos enunciados, cria um espaço de conversa não apenas entre diferentes perspectivas

dentro do próprio texto, mas também entre o poema e o mundo de textos e discursos que o precederam e o cercam.

Essa interação dialógica no poema permite uma rica camada de interpretações, na medida em que cada leitor traz sua bagagem cultural e experiencial para interagir de forma única com o texto. Essa natureza dialógica faz do poema um campo fértil para a exploração de identidades, relações e conflitos, refletindo a constante negociação entre o individual e o coletivo, o pessoal e o universal.

[...] dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). Qualquer resenha da história de alguma questão científica [...] realiza confrontos dialógicos [...] entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros (Bakhtin, [1959-61] 2020, p. 331).

Nesse contexto, a capacidade do poema de incorporar e dialogar com outros gêneros discursivos amplia seu alcance comunicativo e expressivo. Por meio da absorção e da reformulação de diferentes vozes, o poema estabelece um rico diálogo com o leitor, convidando-o a uma participação ativa na construção de significados. Finalmente, as relações dialógicas nos poemas não se limitam ao texto escrito; elas se estendem à performance, à oralidade e à visualidade, abrindo caminhos para uma experiência estética mais ampla e envolvente. Esse aspecto reforça o papel do poema como um espaço de encontro entre diversas formas de expressão, evidenciando a natureza intrinsecamente interativa e multivocal da poesia.

## 2 A QUESTÃO DA AUTORIA NA LEITURA DA POESIA DE JENYFFER NASCIMENTO

A leitura de um poema, especialmente quando considerada sob a luz dos estudos do Círculo de Bakhtin, adquire uma dimensão profundamente interativa e dialogal. A poesia de Jenyffer Nascimento, nesse contexto, oferece um campo fértil para a aplicação dessas teorias, revelando como a ressignificação e a valorização do texto poético podem emergir de um engajamento ativo entre o leitor e a obra. A poesia dessa escritora pode ser lida não apenas como um conjunto de textos isolados, mas como enunciados dentro de uma cadeia comunicativa mais ampla, que dialogam com tradições poéticas, com o presente cultural e social em que estão inseridos, destacando-se com uma literatura feminina periférica.

### 2.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA AUTORA-PESSOA JENYFFER NASCIMENTO E CRIAÇÃO ESTÉTICA

Na obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003) detalha o processo de compreensão artístico-literária, enfatizando a necessidade de observar as relações dialógicas que permeiam o texto. Ele argumenta que a apreciação da criação literária requer uma análise das interações entre *autor-pessoa*, *autor-criador*, *personagens* e *as diversas vozes sociais* representadas. Para Bakhtin, essa matriz dialógica não só estrutura a obra literária, como também revela os modos pelos quais a literatura dialoga com a realidade e com os leitores. Na concepção bakhtiniana, a autoria é destacada por duas lentes distintas: a do *autor-pessoa* e a do *autor-criador*. Esta divisão é sustentada por um alicerce ético e axiológico, que reconhece a arte e a vida como esferas entrelaçadas. Em oposição à visão do formalismo russo, que isolava a análise literária nos elementos linguísticos da obra, desconsiderando a riqueza da autoria, Bakhtin propôs uma abordagem que valoriza as múltiplas vozes, os valores implícitos e os posicionamentos que o autor imbrica em sua criação.

Para Bakhtin (*apud* Faraco, 2011, p. 21-26), o *autor-criador* “[...] dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida, mas a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-se esteticamente”. Já a definição de *autor-pessoa*, aqui, é entendido, conforme Faraco (2011), como “o escritor, artista, a pessoa física”. Este estudo visa explorar como a vida de Jenyffer, como *autor-pessoa* e *autor-criador*, se entrelaça com sua

produção literária, com um foco particular em compreender como sua história pessoal influencia seu processo criativo e estético.

No contexto descrito por Bakhtin, o *autor-pessoa* se refere ao autor na sua capacidade e na sua identidade como um indivíduo real, com suas próprias visões de mundo, experiências, desejos, e até as influências externas, como a crítica e as circunstâncias práticas. Este conceito destaca a complexidade e a multiplicidade de fatores que influenciam o autor, ao criar suas personagens e obras. Bakhtin argumenta que, embora as declarações do autor-pessoa sobre suas personagens possam oferecer dados valiosos, eles são condicionados por uma série de elementos aleatórios e, portanto, podem ser incertos. A importância dessas declarações reside mais em seu valor biográfico, revelando aspectos da vida e do pensamento do autor. No entanto, para que essas declarações adquiram um valor estético e contribuam, significativamente, para a compreensão da obra, elas precisam ser consideradas à luz do "sentido artístico da obra". Ou seja, é o conteúdo e a forma da obra de arte que iluminam e dão significado às intenções e aos comentários do autor-pessoa. O autor-criador, nesse sentido, é aquele que, através de sua obra, permite a compreensão do autor-pessoa, enriquecendo nossa interpretação da obra com informações adicionais e perspectivas.

No caso da poetisa Jeniffer Nascimento, a aplicação dos conceitos de Bakhtin sobre o autor-pessoa e o autor-criador pode oferecer uma perspectiva rica para entender a interseção entre sua vida pessoal e sua obra poética. Jeniffer, como autor-pessoa, traz para sua escrita as vivências, os desafios e as percepções oriundas de sua condição de mulher negra e periférica. Esses elementos biográficos não apenas influenciam tematicamente sua poesia, mas também informam o estilo, a voz e a escolha semântica que caracterizam sua obra. Considerando Jeniffer Nascimento como autor-pessoa, é importante reconhecer como suas experiências de vida específicas moldam as temáticas de sua poesia. Essa influência biográfica pode ser evidenciada através da exploração de temas relacionados à identidade, à resistência, ao pertencimento e à luta, refletindo diretamente sua visão de mundo e seus desejos de mudança e afirmação.

Embora a poesia, muitas vezes, caracterize-se pela expressão de sentimentos e pensamentos íntimos do poeta, no contexto de Bakhtin, as "personagens", na obra de Jeniffer, podem ser vistas como as diversas vozes e perspectivas que ela incorpora em seus textos. A relação dinâmica que Jeniffer, como *autor-criador*, estabelece com essas vozes revela uma complexa rede de diálogos internos e externos, em que ela responde ao todo de sua experiência vivida por meio da poesia. Seguindo Bakhtin, as criações poéticas de Jeniffer adquirem uma

vida própria, independentemente das intenções originais da poetisa. Isso significa que os poemas de Jeniffer, uma vez compartilhados com o público, começam a interagir com os leitores de maneiras que podem transcender sua experiência pessoal, engajando-se em diálogos mais amplos sobre questões sociais, culturais e humanas. As declarações de Jeniffer sobre sua própria obra, seu processo criativo e as motivações por trás de seus poemas adquirem significado elucidativo e complementar, quando vistos à luz do sentido artístico de sua poesia. A compreensão profunda da obra de Jeniffer permite aos leitores e críticos apreciarem a interação entre o biográfico e o estético, cuja reação ativa à vida se manifesta na estrutura semântica e estilística de seus textos. Aqui, nesse primeiro momento, nos interessa conhecer um pouco da história do autor-pessoa, que influencia o seu projeto de criação estética.

Figura 1 - Jenyffer Nascimento



Fonte: Literafro (2014).

Jenyffer Nascimento, nascida em 1984, na cidade Paulista, situada em Pernambuco, vive hoje, ativamente, na periferia de São Paulo. Sua vida, imersa na atividade literária desde a infância, reflete uma jornada marcada por descobertas prematuras no universo das palavras e uma evolução constante, que a conduziu da leitura à criação poética. A transição de Jenyffer, da escrita de letras de *rap* durante a adolescência para formas literárias mais amplas, revela não

apenas sua versatilidade artística, mas também sua capacidade de transformar vivências pessoais em expressões universais.

Como escritora, ativista, militante, mulher negra e feminista, a obra de Jenyffer Nascimento transcende a simples categoria de literatura. Suas raízes e identidades múltiplas infundem suas palavras com uma potência que desafia e redefine o espaço literário. A autenticidade de sua voz vem da intersecção dessas várias facetas de sua existência, que se refletem em seus textos poéticos, os quais servem como espelho de suas lutas, angústias, revoltas e esperanças. A presença ativa de Jenyffer em saraus nas periferias de São Paulo e sua dedicação à produção e à apreciação da arte revelam um compromisso com a democratização da expressão cultural e a valorização das narrativas marginalizadas. Seu trabalho é um testemunho do poder da literatura em promover diálogos, construir pontes entre realidades distintas e oferecer novas perspectivas sobre questões sociais e políticas.

Em termos bakhtinianos, a figura do *autor-pessoa* como Jenyffer Nascimento, desdobra-se em uma complexa rede de diálogos entre sua experiência vivida e sua expressão artística. Ela não apenas vivencia a vida por meio de suas próprias categorias axiológicas, mas também emprega essas vivências como matéria-prima para sua obra, que, por sua vez, dialoga com um público diversificado. Esse processo de troca contínua entre autor, texto e leitor é emblemático da visão de Bakhtin (2010) sobre a literatura como um espaço ético e singular de existência, em que o pessoal e o coletivo, o íntimo e o social se entrelaçam. Jenyffer Nascimento, portanto, encarna a essência do autor-pessoa ao utilizar sua arte como um veículo para a expressão de uma vida rica em desafios e conquistas, uma vida que, embora profundamente pessoal, ressoa universalmente nas questões que aborda. Seu legado literário e ativista é um convite à reflexão, ao questionamento e, acima de tudo, à transformação social por intermédio do poder da palavra.

A transição de Jenyffer da composição de letras de *rap* na adolescência para uma poeta reconhecida ilustra seu compromisso em usar a arte como veículo para expressar e combater as injustiças sociais, especialmente o racismo e o machismo. Considerando Bakhtin e sua teoria sobre o autor-criador, Jenyffer encarna esse papel, ao trazer para a sua poesia as vozes, as experiências e as lutas das comunidades com as quais se identifica e pelas quais luta. Seu estilo não é apenas uma manifestação artística, mas também um ato de resistência, uma tentativa de redefinir narrativas e desconstruir estereótipos opressores. Bakhtin enfatiza a importância do

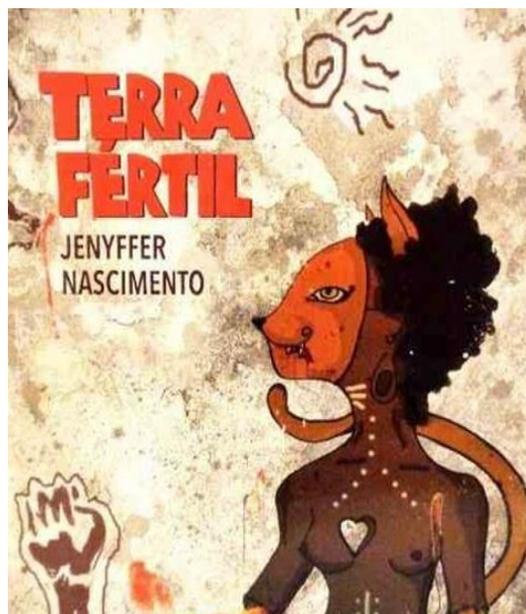
contexto sociocultural na produção textual, e a obra de Jenyffer é um exemplo vivo disso, enraizada nas realidades do cotidiano que ela e muitos outros enfrentam.

A filiação literária de Jenyffer pode ser vista na tradição do realismo social, porém, com uma voz distinta, que incorpora elementos do *rap* e da poesia performática. Essa combinação confere à sua obra uma potência e uma acessibilidade únicas, capazes de engajar um público diversificado. Suas performances em saraus e eventos literários nas periferias não são apenas apresentações, mas atos de comunhão e partilha, cujas fronteiras entre o autor e o público se dissolvem em experiências compartilhadas. Na visão de Bakhtin (2020), o autor-criador é alguém que dialoga com seu contexto, reagindo a ele e o influenciando por meio de sua obra. Jenyffer Nascimento, ao se posicionar claramente contra as várias formas de opressão, e ao lutar por uma narrativa alternativa que celebre a identidade, a resistência e a esperança, personifica essa teoria. Sua poesia não é apenas um reflexo de sua luta pessoal, mas também um chamado à ação, uma ferramenta para o empoderamento e uma ponte para o diálogo.

Dessa forma, Jenyffer, na condição de autor-criador, utiliza sua poesia inspirada nas cenas do cotidiano, em suas experiências pessoais e nas histórias daqueles ao seu redor, para não apenas contar histórias, mas para mudar a realidade dessas narrativas. Ao fazer isso, ela confirma a visão de Bakhtin sobre a literatura como um espaço vivo de interação, cujos textos não são apenas escritos, mas vividos, tanto pelo autor quanto pelos leitores. A poesia de Jenyffer Nascimento se ergue como um território cujo silêncio é quebrado e as vozes subjugadas ganham espaço. Ao dar voz àqueles que foram silenciados, a poesia de Jenyffer promove um diálogo entre o leitor e os temas abordados, incentivando uma reflexão crítica e, potencialmente, uma ressignificação dos valores do leitor frente a essas questões. Sua obra, portanto, não só enriquece o panorama literário com sua estética única, como também contribui para a ampliação do horizonte ético e axiológico dos seus leitores, refletindo a capacidade transformadora da literatura, como explorado por Bakhtin e Volochinov.

O livro *Terra fértil* marca a estreia de Jenyffer Nascimento como autora solo, consolidando seu papel como uma voz poderosa e distintiva na literatura brasileira contemporânea. Lançado em 2014 pela Editora Mjibas, esse livro de poemas é uma celebração vibrante e uma crítica aguda das experiências vividas por mulheres negras no Brasil, abordando temas de resistência, identidade, opressão e esperança, com profundo lirismo e sensibilidade.

Figura 2 - Capa de *Terra Fértil*, de Jenyffer Nascimento



Fonte: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1059-afeto-fertil-fertil-poema-a-lirica-de-jenyffer-nascimento.1>

A capa do livro é uma prévia do que o leitor encontrará em suas páginas. A escolha da cor, que se aproxima da negra, não é apenas esteticamente significativa; ela ressoa como tema central da obra e como a identidade da autora. Os desenhos que adornam essa capa são evocativos da rica tapeçaria cultural do Brasil, incorporando elementos como o carnaval, as máscaras, as pinturas rupestres e a figura de uma mulher negra. Essa imagem da mulher não apenas invoca as raízes ancestrais e selvagens, mas também simboliza as lutas e as conquistas das mulheres negras contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Acesso em: 7 dez. 2024.

### 3 PROCEDIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa, situada no campo da Linguística aplicada, adota procedimentos de uma pesquisa qualitativa interpretativista, centrada na realização de um estudo de caso acerca da transposição didática das categorias analíticas derivadas dos estudos do Círculo de Bakhtin, conforme proposta de leitura com ressignificação valorada desenvolvida por Carvalho (2023, 2024). Esse enfoque é adotado com o intuito de investigar a aplicabilidade dessas categorias no contexto da leitura dialógica em sala de aula, particularmente por meio da análise e da interpretação de obras poéticas. Realizamos um estudo piloto direcionado à leitura ético-estético-discursiva de poemas de Jeniffer Nascimento, contidos em sua obra *Terra fértil*.

O estudo de caso em uma classe de nono ano do ensino fundamental oferece uma oportunidade para testar e refinar a abordagem didática de leitura dialógica, com potencial para impactar positivamente a forma como os estudantes percebem e interagem com a poesia. A criação de um caderno pedagógico baseado na experiência empírica fortalece ainda mais a contribuição do estudo, servindo como recurso para educadores interessados em replicar ou adaptar a abordagem.

A pesquisa envolve uma revisão bibliográfica, não apenas dos trabalhos de Bakhtin e das publicações de Jeniffer Nascimento, mas também de literatura secundária que dialoga com essas fontes primárias, fornecendo um suporte teórico-metodológico para a análise dos poemas. Essa revisão tem como objetivo situar o estudo dentro do contexto acadêmico mais amplo, identificando conexões entre a teoria e a prática na sala de aula.

É importante lembrar que em nosso estudo de caso examinamos o diálogo entre a teoria e a prática, especificando acontecimentos vividos na sala de aula em torno da leitura de poemas. Dessa maneira, pontua Yin (2005, p. 32): “O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real”. Em situação pedagógica, Telles (2002, p. 108) afirma que “[...] os estudos de caso, frequentemente descritivos, são utilizados quando o professor-pesquisador deseja focar determinado evento pedagógico, componente ou fenômeno relativo à sua pesquisa profissional”.

Considerando as informações discutidas, optamos pelo estudo de caso com um corpus constituído pelos poemas de Jeniffer Nascimento, visando uma análise discursiva alinhada às categorias do Círculo de Bakhtin. Esta escolha metodológica é estratégica para promover o desenvolvimento de leitores responsável e responsável. A análise discursiva, inspirada nos

conceitos do Círculo de Bakhtin, enriquece a experiência de leitura ao destacar não apenas as relações dialógicas internas presentes nos poemas — como as interações entre diferentes vozes, personagens e o próprio poeta — mas também as relações dialógicas externas que se estabelecem entre os textos poéticos e outros textos culturais e sociais.

Sublinhar que dialogismo interno e externo podem coincidir, mas são fenômenos diferentes, ajuda a ver que intertextualidade recobre apenas as relações dialógicas externas – as supostas relações entre textos –, sem considerar que no âmbito de um único enunciado podem se configurar relações dialógicas internas. Porque essas relações dialógicas internas existem – entre personagens, entre narrador e personagens –, não se deve utilizar intertextualidade como se fosse sinônimo de dialogismo. Intertextualidade só parece recobrir – e ainda assim não de modo totalmente bakhtiniano – relações dialógicas externas, ignorando a existência das internas (Maciel, 2017, p.148).

Este enfoque dialógico permite aos estudantes reconhecerem como os poemas dialogam com enunciados alheios, refletindo questões mais amplas da existência humana, da sociedade e da cultura. Além disso, ao explorarem as relações dialógicas internas e externas, os participantes das oficinas são encorajados a se envolverem com uma rede ampla de discursos, fomentado pelas representações artístico-literárias.

Para examinarmos essas relações no plano da leitura, adotamos princípios metodológicos de análise das interações que sustentam aulas de leitura e exploram a capacidade de ressignificação valorada dos alunos. Coletamos nossos dados em uma oficina de leitura realizada numa turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Nossa Senhora da Glória (SE). Inicialmente, o estudo observou a contextualização e o enquadramento de inserção dos textos nas aulas de leitura, focando na produção de sentido de poemas selecionados do livro *Terra Fértil*, de Jenyffer Nascimento, aliados a outros textos propostos para as relações dialógicas. O processo de exploração das interações se desdobra em observações de como os alunos interagem com o texto poético, observando a interpretação, os posicionamentos axiológicos e a ressignificação dos poemas pelos alunos diante dos textos e das questões apresentadas nas atividades de leitura. Avaliamos de que forma as atividades planejadas mobilizam as percepções manifestadas nas discussões em sala de aula. O foco, portanto, está nas experiências vividas pelos alunos durante a leitura e em como essas experiências permitem um engajamento ativo e uma compreensão crítica do texto.

A coleta de dados privilegiou a captura detalhada das vivências, das análises e das interpretações dos alunos por meio de registros escritos e orais gravados em vídeos e áudios,

bem como escaneamento das atividades escritas. A preocupação com a organização de perguntas que exploram as capacidades de ressignificação é crucial para a efetividade da leitura crítica e reflexiva. Elaboramos questões que incentivam os alunos a reavaliarem e a reinterpretarem o texto, posicionando-se axiologicamente. Essa metodologia analisa as respostas dos estudantes e do processo de ressignificação, fornecendo uma visão detalhada das relações dialógicas estabelecidas durante a leitura e em suas atividades responsivas após a leitura. A análise dos dados destaca as relações dialógicas e críticas, com um enfoque na compreensão textual dos alunos, quando observam valores culturais e sociais subjacentes nos textos e nos discursos. Neste contexto, enfatizamos a singularidade das experiências de leitura dentro de um contexto específico, como a turma do 9º ano em questão.

Neste estudo de caso, avaliamos o processo de transposição didática das categorias de análise dialógica do Círculo de Bakhtin, tomando como referência os planos de leitura sociocognitiva, estético, ético e discursivo organizados por Carvalho (2023). Sendo assim, a pesquisa sistematiza a análise textual-discursiva e o modo como ela se realiza na sala de aula. Diante do planejamento das aulas sob uma perspectiva didática, analisamos as aulas de leitura gravadas em vídeo, as quais foram transcritas, conforme ditas pelos depoentes. A proposta central da análise reside na observação atenta aos dizeres dos alunos e as suas produções escritas, permitindo estabelecer juízo de valor sobre os gestos didáticos, o movimento de transposição didática e o produto das interações. Esse método possibilitou capturar a compreensão dos estudantes diante das atividades propostas, avaliando as mediações do professor nas interações com os textos literários e musicais no plano sociocognitivo, estético, ético e discursivo.

Na condução desta pesquisa, é crucial reconhecer a distinção entre a voz do professor como pesquisador e a do professor atuando diretamente na sala de aula. A voz que se manifesta nos relatos e nas análises é a do professor pesquisador, que adota uma perspectiva distanciada e analítica sobre os dados coletados. A pesquisa optou por relatar a experiência leitora na sala de aula de maneira impessoal, apesar de envolver a experiência do professor em sala de aula. Tal opção metodológica se deve ao distanciamento temporal e espacial do fato vivenciado na sala de aula, com um momento posterior de análise do ambiente de ensino. Este afastamento ajudou a minimizar o viés da proximidade emocional e do envolvimento direto com os alunos e as práticas de ensino. Além disso, a colaboração do orientador como analista dos discursos

no plano externo e a adoção de uma abordagem distanciada asseguraram a ampliação do rigor científico da pesquisa.

Enfim, a metodologia empregada combina uma abordagem dialógica entre enunciados alheios nos textos trabalhados em sala de aula com uma análise detalhada das interações dos alunos. Assumimos uma abordagem sociointeracionista, considerando a construção compartilhada de significações e valores, oferecendo uma visão mais abrangente da experiência de leitura, sendo assim, não nos cabe a descrição de dados quantitativos, como gráficos, tabelas etc. Neste enfoque, exploramos as percepções individuais e coletivas que conectam e transformam o entendimento dos sujeitos da pesquisa com as práticas pedagógicas desenvolvidas.

### 3.1 OBSERVAÇÃO DA DINÂMICA RESPONSIVA

Na observação das aulas gravadas, priorizamos a identificação dos momentos em que os estudantes se engajam em diálogos significativos sobre os textos apresentados. Esses diálogos foram cruciais para a análise, pois refletiram a transposição didática das aulas de leitura com utilização das categorias de análise bakhtinianas, evidenciando a compreensão ativa e a responsividade dos estudantes. A dinâmica responsiva pode explorar atividades de leitura em seu plano ético, estético e discursivo.

### 3.2 ANÁLISE DE AULAS GRAVADAS

As aulas gravadas serviram como um recurso de análise das interações em sala de aula, permitindo revisitar as aulas e analisá-las. Observamos padrões de resposta e temas emergentes nas discussões, bem como respostas singulares baseadas na história de vida dos alunos. A análise foca em como os estudantes articulam suas interpretações e como essas interpretações se desenvolvem ao longo da oficina, refletindo sobre os temas propostos e sobre si mesmos.

### 3.3 EXPLORAÇÃO DOS PLANOS DE LEITURA

O processo de análise investiga como os planos de leitura estético, ético e discursivo são explorados e compreendidos pelos estudantes por meio das propostas de leitura dialógica desenvolvidas na oficina organizada por unidades. Através da observação da interação com os textos e da dinâmica de grupo, avaliamos como os estudantes mobilizam suas capacidades leitoras nos planos da leitura dialógica. Esse aspecto da análise visa entender como a abordagem dialógica da oficina contribui para uma leitura mais rica e multifacetada.

Sendo assim, priorizamos a investigação da leitura dialógica com ressignificação valorada (Carvalho, 2021, 2023) a partir do planejamento de atividades de leitura de poemas de Jenyffer Nascimento na escola. Para tanto, consideramos o enunciado concreto, como delineado por Volóchinov (2017), pois essa unidade comunicativa emerge da interação social entre seus participantes. O enunciado não pode ser reduzido a uma abstração linguística, pois seu significado e forma são, intrinsecamente, moldados pelo caráter da interação em que ocorre.

#### 4 LEITURA DA POESIA DE JENYFFER NASCIMENTO: UM DIÁLOGO COM QUESTÕES DO MUNDO DA VIDA

Carvalho (2023, 2024), em sua proposta de leitura dialógica literária, inspirada nos estudos do Círculo de Bakhtin, propõe uma imersão em obras literárias por meio de três planos complementares: *estético*, *ético* e *discursivo*. Por meio desse procedimento, ampliam-se as capacidades de compreensão de uma criação estética, favorecendo aos leitores não apenas apreciar a beleza e a forma das obras, mas também engajar-se, profundamente, com as questões morais, valores e diálogos culturais que elas apresentam. No plano estético, a atenção é voltada para as escolhas artísticas do autor, que molda a criação artística, revelando como a obra evoca sensações, emoções e reflexões estéticas. Já no plano ético, os leitores são convidados a refletirem sobre dilemas morais e o desenvolvimento moral dos personagens, conectando a literatura com questões éticas da vida real. Por fim, no plano discursivo há uma abordagem da interação da obra com o contexto cultural e literário mais amplo, enfatizando o diálogo entre diferentes vozes e perspectivas.

Essa proposta dialógica não só aprofunda o entendimento das obras literárias, como também desenvolve habilidades analíticas e críticas nos leitores, promovendo um engajamento ativo com os textos. Ao explorar esses três planos, os leitores ganham uma compreensão mais rica e multifacetada da literatura, apreciando-a como um espaço dinâmico de questionamento, reflexão e diálogo.

Analisamos o poema *Presença-ausência*, que está no livro *Terra fértil*, da poetisa Jenyffer Nascimento (2016, p. 35), sob essa perspectiva.

Ah... essa sua presença-ausência  
Não me deixa prosseguir:  
Amarra minhas mãos, venda meus olhos  
Acorrenta minhas pernas, tapa minha boca  
Massacra meus desejos.

Eu já me despi mais de 23 vezes  
Lingeries de rendas brancas, rendas vermelhas  
Aromas de canela, de café e um pote cheio de mel.  
Bebi aquela garrafa inteira de vodka  
Mas você não veio.  
Você nunca chega.

Ah... Essa sua presença-ausência  
Me faz acreditar que você não existe.

Ventania passou  
O calor consumiu minhas forças.  
Eu estou com sede

Eu estou com fome  
Eu andei 12 Km com uma faca na mão  
Eu enlouqueci!

Você não é real; é um holograma.  
O problema é que você nunca vai embora.

O tema central do poema *Presença-ausência* é a complexidade emocional inerente às relações humanas na era digital, focalizando, especificamente, a dicotomia entre a proximidade virtual e a distância física. Esse poema aborda, de maneira poética, a sensação de estar, simultaneamente, conectado e isolado, uma condição cada vez mais prevalente na sociedade contemporânea, cujas tecnologias de comunicação transformam as interações humanas. Por meio da metáfora do “holograma”, o poema captura a essência de relações que parecem reais e tangíveis na superfície, mas que, sob um exame mais profundo, revelam-se vazias e insatisfatórias. O holograma, como uma imagem tridimensional que pode ser vista, mas não tocada, simboliza a natureza efêmera e ilusória das conexões estabelecidas nos meios digitais. Essa representação ressalta a crise de autenticidade e a sede por relações genuínas e significativas.

Além disso, o poema explora os sentimentos de solidão, de frustração e do desejo não correspondido - emoções que emergem da experiência de navegar pela “presença-ausência” do outro. O eu lírico expressa um anseio profundo por uma conexão autêntica, que transcenda a superficialidade das interações virtuais, buscando algo mais substancial e enraizado na realidade física e emocional. Nesse contexto, o poema *Presença-ausência* também reflete sobre a condição feminina na sociedade contemporânea, especialmente em relação às expectativas e à busca por relações afetivas. Ao fazê-lo, o poema dialoga com temas de gênero, de intimidade e da luta pela realização pessoal dentro do contexto de uma sociedade cada vez mais mediada pela tecnologia.

Apesar da aparente predominância de uma única voz no poema *Presença-ausência*, a obra de Jenyffer Nascimento convida o leitor a um diálogo implícito através de sua linguagem poética. A expressão monológica do sofrimento e da ausência pelo eu lírico, paradoxalmente, abre espaço para a polifonia, pois a natureza do discurso poético não é buscar respostas, mas sim se oferecer como uma resposta em si. Ao apresentar uma linguagem que ressoa com o inominado e o ausente, o poema estabelece uma ponte entre o texto e o leitor, cujas próprias interpretações e respostas emocionais são convocadas para preencher os espaços vazios

deixados pela ausência. Essa interação entre a voz do poema e a voz do leitor transforma a experiência de leitura em um ato dialógico, cujo significado é co-construído e a diversidade de interpretações é bem-vinda.

As imagens de restrição física (“amarrar as mãos”, “vendar os olhos”, “acorrentar as pernas”, “tapar a boca”) servem como metáforas poderosas da luta interna enfrentada pelo eu lírico, cujo desejo por conexão e presença se choca com a realidade opressiva da ausência. Essas imagens não apenas ilustram a negação da presença física, mas também simbolizam a supressão da expressão individual e do desejo, colocando em questão a autonomia do eu lírico. O conflito ético do poema reside nessa tensão entre o anseio por uma relação autêntica e significativa e a experiência de isolamento e silenciamento impostos pela ausência. Assim, o poema reflete sobre as implicações éticas da busca por autenticidade nas relações humanas, questionando a capacidade de manter a autonomia e a liberdade em um contexto de conexões, frequentemente, superficiais e insatisfatórias.

Analisando o poema *Presença-ausência*, de Jenyffer Nascimento, por meio dos três planos propostos – estético, ético e discursivo –, mergulhamos em uma experiência literária enraizada na dialógica bakhtiniana, cujo texto se volta para o espaço de interação entre vozes, valores e formas expressivas.

#### 4.1 PLANO ESTÉTICO

No plano estético, a complexidade da obra literária pode ser explorada por meio dos graus de orientação polifônica, das escolhas linguísticas, da apropriação de diferentes gêneros e da maneira como estes se relacionam com o interlocutor, desafiando e até rompendo com convenções estabelecidas. Esses elementos servem como pilares que direcionam o texto para um discurso ora dialógico ora monológico, revelando a habilidade do autor em navegar e mesclar diferentes vozes dentro da narrativa. A partir dessa perspectiva, é possível observar como os gêneros discursivos são moldados do ponto de vista estilístico, e como o autor orchestra a experiência estética por intermédio da introdução de formas linguísticas específicas, estruturas narrativas, metáforas, simbolismo e imagens sensoriais. Tais escolhas não são aleatórias; elas são, meticulosamente, planejadas para evocar reações particulares nos leitores, contribuindo, significativamente, para o impacto estético da obra.

A linguagem poética de Jenyffer Nascimento evoca uma intensa experiência sensível por meio da representação de imagens e da escolha de palavras. O título *presença-ausência* funciona como um ponto que amarra a obra, criando uma tensão que permeia todo o poema. A descrição de atos de se despir, os aromas de canela e café, e a menção de uma caminhada de 12 km com uma faca na mão intensificam a expressão de um desejo frustrado e de um desespero palpável. A linguagem do poema, centrada na expressão da ausência que se faz presente em sua dolorosa insistência, articula uma experiência de leitura que transita entre o tangível e o intangível, desafiando os “limites do sensível” diante da visão social e individual.

#### 4.2 PLANO ÉTICO

eticamente, o poema navega pelo dilema íntimo do eu lírico confrontado com a ausência persistente do outro que, paradoxalmente, manifesta sua presença pela lacuna que deixa. As imagens de restrição física não apenas retratam uma luta contra a incapacidade física e emocional imposta pela ausência, mas também suscitam questões sobre a autonomia individual e a liberdade de expressão e desejo. Esse conflito interno reflete um dilema ético maior sobre a natureza das relações humanas contemporâneas — a tensão entre a necessidade inata de conexão autêntica e a realidade de isolamento e fragmentação experienciada em uma sociedade mediada pela tecnologia. O poema, assim, questiona o custo ético de relações que, embora facilitadas pela tecnologia, muitas vezes, falham em satisfazer o anseio por um reconhecimento e entendimento mútuos profundos.

#### 4.3 PLANO DISCURSIVO

Discursivamente, o poema se apresenta como uma manifestação do discurso monológico, na medida em que a voz do eu lírico domina o texto, expressando sua visão de mundo e seu sofrimento sem a interrupção de outras vozes. Contudo, essa aparente monologia é subvertida pela própria natureza do discurso poético que, conforme Tezza (1976), não busca resposta, mas sim se constitui como uma resposta em si. A linguagem poética, portanto, engaja-se em um diálogo com o inominado, o ausente, cuja presença se faz sentir na tessitura do texto e na reação provocada no leitor. A polifonia emerge nas entrelinhas, nos espaços vazios

deixados pela ausência, convocando o leitor a preenchê-los com suas próprias interpretações e respostas emocionais, transformando a leitura em um ato dialógico.

Destacamos, nesse processo, um olhar mais atento aos poemas em suas relações dialógicas, sejam eles de cunho lírico, social ou reflexivo, pois os heróis dos poemas correspondem a centros de valores, conforme Bakhtin (2021). Um outro dado importante são os signos ideológicos, os quais estão presentes nesse gênero. Também, as palavras, que ganham uma dimensão de efeito de sentidos, dentro de vários contextos de interação verbal da linguagem, como afirma Volóchinov (2017, p. 93) sobre o signo:

Qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tomar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de os limites de sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim, por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicados a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação sgnica.

Essas ideias nos apontam para procedimentos de análise dos enunciados dos poemas, observando como os signos apresentam camadas de significação em que se analisa não apenas o conteúdo explícito dos poemas, mas também o que eles refletem, refratam e distorcem sobre a realidade, revelando as posições ideológicas do autor e dos personagens, bem como as possíveis leituras ideológicas que os leitores podem inferir. A análise dos signos ideológicos nos poemas, portanto, exploram as complexas interações entre texto, autor, leitor e sociedade.

De acordo com Volóchinov (2017), os signos podem tanto representar aspectos da realidade quanto distorcê-los, dependendo do contexto e das interpretações. Esse autor argumenta que o campo ideológico e o campo dos signos estão, intrinsecamente, interligados. Isso significa que não podemos separar a linguagem e a comunicação da ideologia. Cada signo carrega consigo uma carga ideológica, refletindo as visões de mundo e os valores de quem o utiliza. Portanto, onde há signos, há também ideologia, e tudo o que é ideológico se manifesta por signo e posicionamento axiológico de quem toma a palavra.

#### 4.4 O DIÁLOGO DA PALAVRA *CARNE NEGRA* EM UMA CANÇÃO E EM UM POEMA

A relação dialógica entre uma canção e um poema, especialmente quando se trata de temas profundamente enraizados na experiência humana, como a representação e a vivência

das pessoas negras, transcende a mera comparação de formas artísticas. Ela revela as maneiras pelas quais diferentes meios de expressão podem dialogar entre si, refletir e ampliar discursos sociais, culturais e políticos. No caso específico de *A carne*, essa relação dialógica é, particularmente, potente, pois tanto a canção quanto o poema trabalham não apenas para expressar uma realidade, mas também para contestá-la e transformá-la. A música *A carne* (Quadro 1), com sua repetição incisiva da frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, não apenas denuncia a objetificação e a desvalorização do corpo negro; mas também, convoca o ouvinte a reconhecer e a refletir sobre as estruturas de poder e opressão que sustentam essa realidade. A repetição dessa frase enfatiza a persistência desse problema.

Quadro 1 - *A Carne*

*A Carne*

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)  
(Né, mano? Vixe!)  
(Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Só serve o não preto)

Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
Que vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra (diz aí!)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história  
Segurando esse país no braço, mermão  
O cabra aqui não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento  
Mas muito bem-intencionado  
E esse país vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado

Mas, mesmo assim  
Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito

Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)  
De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar

(Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só serve o não preto)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só serve o não preto)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)

Negra  
Negra  
Carne negra (pode acreditar)  
A carne negra.

Fonte: Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette (2002).

A música se remete à objetificação em diferentes aspectos da vida das pessoas negras. Ela menciona que essa “carne negra” vai parar no presídio, sob plástico (possivelmente fazendo referência à violência policial e ao racismo estrutural), no subemprego e nos hospitais psiquiátricos. A frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra” é repetida várias vezes ao longo da canção. Essa repetição serve para enfatizar a ideia central da música, destacando a gravidade da questão racial e reforçando o ponto principal. A música utiliza gírias e uma linguagem coloquial, como “né, mano?” e “mermão”, para criar uma sensação de autenticidade e conexão com o público. O uso de gírias e de linguagem coloquial reflete a linguagem cotidiana de muitos jovens e comunidades urbanas, especialmente nas áreas em que a música aborda questões de discriminação racial.

A música denuncia a discriminação racial e o racismo sistêmico, ao destacar que a “carne mais barata do mercado é a carne negra”. Isso levanta questões éticas sobre igualdade, justiça e dignidade, questionando por que as pessoas são tratadas de maneira diferente, com base na cor de sua pele. A letra menciona que essa “carne negra” vai parar no presídio e é vítima de violência policial. Isso chama a atenção para questões éticas relacionadas ao uso da força por parte das autoridades, bem como ao tratamento justo e humano de todas as pessoas, independentemente, de sua raça ou origem étnica. Além disso, a música aborda a ideia de que a “carne negra”, também, é associada ao subemprego e a problemas de saúde mental. Essa

discussão levanta questões éticas sobre a distribuição justa de oportunidades econômicas e acesso a cuidados de saúde mental para todos os membros da sociedade.

Ao adaptar a temática da “CARNE” para explorar a percepção e o tratamento do corpo feminino, o poema *CARNE de Mulher* (Quadro 2) não apenas responde à canção, mas também amplia seu escopo. Jenyffer Nascimento se apropria da imagem da carne como um símbolo de vulnerabilidade, objetificação e resistência, mas direciona o foco para as experiências específicas das mulheres, criando um espaço para a contemplação da interseccionalidade de gênero, raça e classe. Agora leremos um poema que se debruça sobre a complexa tessitura das identidades e a percepção do corpo feminino na sociedade contemporânea: *CARNE de Mulher*, de Jenyffer Nascimento. Esse poema convida a uma introspecção profunda sobre como o corpo feminino é visto e avaliado, tanto no íntimo quanto no espaço público.

Quadro 2 - *CARNE de Mulher*

*CARNE de Mulher*

Nua em frente ao espelho  
Me olho  
Me observo  
Me vejo  
E me sinto mulher.

Nas ruas é bem diferente.  
Mesmo vestida  
Me olham  
Me observam  
Me veem  
Como pedaço de CARNE.

Quanto vale ou é por quilo?  
CARNE de primeira, de segunda?  
CARNE de mulher?  
CARNE de vaca?  
Seria eu uma vaca?

Eu não sou a CARNE mais barata do mercado

Fonte: Nascimento (2014, p. 54).

O poema *CARNE de Mulher*, de Jenyffer Nascimento, revela uma reflexão sobre a relação entre o eu-lírico e o “outro”, que são representados pela sociedade e pelas pessoas que a observam nas ruas. O poema começa com a protagonista se olhando no espelho, refletindo sobre sua própria imagem. Esse ato de observação é uma reflexão da realidade individual do eu-lírico, uma experiência íntima e pessoal. No entanto, quando ela sai às ruas, sua imagem é

distorcida pelos olhares alheios, que a enxergam não como uma pessoa, mas como um objeto, uma “CARNE”. Isso demonstra como os signos, nesse caso, a palavra “CARNE”, ganham sentido metafórico, expressando a visão da poetisa.

Do ponto de vista estilístico, na primeira estrofe, a poetisa, em seu processo de criação verbal utiliza o “Me”, seguido de um verbo em primeira pessoa: “Me olho”, “Me observo”, “Me vejo”. Na segunda estrofe, o paralelismo é retomado, mas dessa vez para descrever como a personagem é percebida pelas outras pessoas nas ruas. Os versos começam com: “Me olham”, “Me observam”, “Me veem”. Esse paralelismo destaca como a protagonista é objetificada e reduzida à sua aparência física quando vista pelos outros.

Assim, o paralelismo nesse poema serve como uma ferramenta estilística que acentua o contraste entre a autorreflexão da personagem e a maneira como ela é vista e tratada pela sociedade, contribuindo para a profundidade do poema e para a reflexão sobre questões de gênero e identidade.

Vemos que a palavra “CARNE” é usada com acento depreciativo pejorativo, expressando a visão desumana do outro, reduzindo-o a um mero objeto sexual. Essa carga ideológica revela como a sociedade, muitas vezes, trata as mulheres negras como mercadorias, sujeitas a julgamentos superficiais e desrespeitosos. A palavra “CARNE” é, portanto, um signo que reflete a ideologia que perpetua essas visões distorcidas e objetificantes das mulheres.

É possível perceber a relação dialógica entre o poema *CARNE de Mulher*, de Jenyffer Nascimento, e o filme *Quanto Vale ou é por Quilo?*, pois ambos abordam questões profundas relacionadas à desigualdade, à exploração e à objetificação de grupos marginalizados na sociedade brasileira.

No poema, a protagonista questiona a forma como é vista pela sociedade, comparando-se à “CARNE de vaca” e levantando a questão sobre seu próprio valor e dignidade. Por sua vez, o filme *Quanto Vale ou é por Quilo?* também aborda a questão da desigualdade social e econômica no Brasil, fazendo uma crítica contundente à exploração da miséria e da pobreza por parte de instituições e indivíduos que se beneficiam dessas condições. O filme lança luz sobre como as pessoas mais vulneráveis são frequentemente vistas como “CARNE de segunda”, exploradas em um sistema que lucra com sua própria desgraça.

A relação dialógica entre o poema e o filme pode ser analisada considerando como ambos exploram a desumanização e a desvalorização de determinados grupos, seja com base na raça, na classe social ou em outras categorias. Eles convidam o público a refletir sobre

questões éticas e morais relacionadas à exploração e à desigualdade, questionando o valor intrínseco de cada ser humano e os sistemas que perpetuam a objetificação.

Nesse poema, percebemos como o signo *CARNE* ganha dimensões semânticas dentro de um contexto social em relação à mulher, vista como um ser mercadológico por boa parte da sociedade, principalmente, o público masculino. Ao explorar o signo *CARNE*, o poema estabelece um diálogo com a canção *A carne*, de Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette, interpretada por Elza Soares, ampliando a discussão sobre a desvalorização e a objetificação de corpos marginalizados. Enquanto *A carne* foca na dimensão racial, *CARNE de Mulher* nos confronta com as questões de gênero, apresentando uma perspectiva em que o eu lírico, embora profundamente individual, ecoa as vozes de muitas mulheres submetidas a experiências similares de redução e desumanização. Como frisa Volóchinov (2019), na coletividade, muitos signos ideológicos expressam visões de mundo que orientam as ações no mundo.

Quadro 3 - Relação dialógica externa entre música e poema

<b>Categoria</b>	<b><i>A carne</i> (música)</b>	<b><i>CARNE de mulher</i> (poema)</b>
<b>Tema</b>	Desvalorização racial e social da população negra.	Objetificação e desvalorização do corpo feminino.
<b>Foco do eu lírico</b>	Coletivo, representando a comunidade negra.	Individual, mas com ressonâncias no coletivo feminino.
<b>Perspectiva sobre a "Carne"</b>	Metáfora para a exploração e marginalização racial.	Metáfora para a objetificação e redução do corpo feminino.
<b>Implicações sociais</b>	Denúncia do racismo estrutural e suas consequências.	Crítica à misoginia e ao patriarcado na percepção do corpo feminino.
<b>Voz narrativa</b>	Predominantemente coletiva, ampliando a voz da comunidade negra afetada.	Transita entre o íntimo e o universal, destacando a experiência feminina individual com implicação coletiva.
<b>Chamado à ação</b>	Implícito na denúncia e na Resistência à desigualdade racial.	Explícito na reivindicação de dignidade, autonomia e respeito ao corpo feminino.
<b>Estratégias linguísticas e discursivas</b>	Repetição e metáfora, reforçando a crítica social.	Jogo entre a autopercepção no espaço privado versus a objetificação no espaço público.

Fonte: Carvalho; Souza (2024, p. 5).

A análise das relações dialógicas presentes no quadro entre a música *A carne* e o poema *CARNE de Mulher* desdobra-se em várias camadas de sentido, evidenciando tanto pontos de convergência quanto de divergência entre as duas obras. Ambas utilizam o signo *CARNE* como metáfora central para explorar e denunciar formas específicas de objetificação e desvalorização, embora cada uma se concentre em contextos e experiências distintas – raciais e de gênero, respectivamente. Enquanto a música *A carne* adota uma voz coletiva, representando a experiência da comunidade negra, *CARNE de Mulher* apresenta uma perspectiva mais individual, explorando a experiência e a subjetividade feminina. Neste contexto, o poema *CARNE de Mulher* demarca uma narrativa que transita entre o espaço íntimo e o público. Observamos essa leitura a partir do plano de leitura com ressignificação valorada em suas três dimensões (Quadro 4).

Quadro 4 - Plano de leitura com ressignificação valorada em suas três dimensões

Planos de Análise	<i>A carne</i> (canção)	<i>CARNE de Mulher</i> (poema)	Relações dialógicas
Estético	Uso de repetição e metáfora para enfatizar a desvalorização da carne negra.	Linguagem íntima e descritiva, contrastando percepções pessoais e sociais do corpo feminino.	Ambas utilizam metáforas do corpo como “carne” para provocar impacto e reflexão, embora com focos temáticos distintos.
Ético	Denúncia do racismo e da desvalorização sistemática de vidas negras.	Questionamento da objetificação e da desvalorização do corpo feminino.	As duas obras compartilham um compromisso ético de desafiar a desumanização e a marginalização, destacando lutas específicas.
Discursivo	Dialoga com discursos sociais e históricos sobre racismo e marginalização.	Reflete sobre a objetificação do feminino no discurso social e pessoal.	Ambas contribuem para um diálogo mais amplo sobre opressão, abrindo espaço para discussões interseccionais sobre racismo e sexismo.

Fonte: Carvalho; Souza (2024, p. 5).

As relações dialógicas entre *A carne* e *CARNE de Mulher* revelam como ambas as obras utilizam o signo *CARNE* para abordar temas de desvalorização e objetificação, cada uma dentro

de seu contexto específico de racismo e misoginia. Ao analisar essas obras por meio dos planos estético, ético e discursivo, destacamos as escolhas estilísticas e o simbolismo intrínseco ao uso do signo *CARNE*. Em ambas as criações estéticas, o signo *CARNE* amplia o sentido da palavra *dicionarizado*, adquirindo camadas de significação vinculadas. Na música *A carne*, a técnica de repetição é empregada para enfatizar a continuidade da opressão racial, criando um efeito de ressonância em direção ao ouvinte. Por outro lado, no poema *CARNE de Mulher*, o eu-lírico adota uma abordagem narrativa mais pessoal, traçando um contraste entre como é percebido externamente as suas experiências de violação pessoal. Esse contraste acentua a cisão entre a identidade pessoal e a imagem objetificada pelo olhar alheio. Ambos os recursos estilísticos intensificam a carga emocional e a crítica social subjacentes aos seus temas.

#### 4.5 DISCUSSÃO DOS CENTROS DE VALOR

Analisamos mais adiante o poema *Fui*, de Jenyffer, numa perspectiva bakhtiniana, com foco nas relações dialógicas. Sugerimos a leitura do poema *Fui*, de Jenyffer, observando as relações dialógicas entre o eu-lírico diante das opressões de um relacionamento que oferece pouco além de "migalhas". Utilizando a perspectiva bakhtiniana como lente analítica, mergulhamos na interação entre o eu lírico e o outro, não apenas como figuras isoladas, mas como representantes de universos axiológicos contrastantes, em constante diálogo e conflito. Destaca-se a complexidade das relações humanas, marcadas por valores divergentes e o processo contínuo de negociação identitária, revelando a jornada do eu lírico rumo à autoafirmação e à busca de um novo começo. A escolha do título *Fui* não apenas marca um fechamento de ciclo, como também sinaliza uma reivindicação de autonomia e a intenção de viver experiências mais autênticas e gratificantes. Sendo assim, o poema traz a despedida de um relacionamento.

Fui

Eu cansei de migalhas.  
De te ver com horário marcado.  
De tomar café frio porque você não chegou  
De ver você ter que ir embora.  
As migalhas não aliviam a fome, nem o desejo  
Ora são antídoto, mas a longo prazo são veneno  
Cansei de me embriagar sem você pra me carregar.  
Cansei de sambar sem você pra acompanhar meu compasso.  
Cansei de escrever textos com seu nome.  
Quero outro carnaval  
Dessa vez sem você.

Nesse contexto, o ser amado representa um universo de valores próprios, intrinsecamente ligados às experiências e às percepções do eu-lírico, mas ao mesmo tempo distinto e autônomo. A relação entre o eu-lírico e o ser amado se caracteriza por um complexo interjogo de atração e rejeição, desejo e desilusão, que culmina na decisão de ruptura expressa pelo título *Fui*. Essa relação não é meramente bilateral, mas envolve uma rede de influências recíprocas cujos valores, expectativas e percepções de ambos os sujeitos entram em diálogo, mesmo na ausência física ou no silêncio do ser amado. O silêncio do ser amado, ou a sua ausência narrativa, torna-se arquetonicamente ativo, influenciando as decisões e os sentimentos do eu-lírico e, por extensão, afetando o leitor. A partir dessa interação silenciosa, emerge um espaço rico para a reflexão sobre como a ausência e a presença são vivenciadas e como essas experiências moldam nossa compreensão do universo do eu-lírico. Se analisarmos aos olhos de Bakhtin esse poema, o autor-criador e o herói formam dois centros de valores, duas referências que têm pontos valorativos reais e que estão em conexão entre si em atos concretos, como afirma o próprio Bakhtin (2022, p. 47):

O eu e outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valores diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças, são arquetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos, é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam, é no plano dessa contraposição axiológica que cada um orienta seus atos.

Nessa concepção, significa que viver é tomar uma posição axiológica em cada situação, é se colocar diante dos valores apresentados ou construídos. A vida é construída de valores, principalmente, quando verbalizamos nossos atos no processo responsável no interior dos discursos, que é constante. Vale lembrar que o eu e o outro são dois mundos de valores. Contudo, quando os dois se relacionam no sentido de se posicionar têm campos diferentes axiologicamente, conforme assevera Bakhtin (2010, p. 74):

A vida conhece dois centros de valores que são fundamentalmente e essencialmente diferentes, e ainda assim, correlacionados um com o outro: eu mesmo e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser são distribuídos e dispostos.

Voltando ao poema, analisemos essa passagem:

Eu cansei de migalhas.  
De ter ver com horário marcado.  
De tomar café frio porque você não chegou.

O eu-lírico, no final do poema, dirige-se ao antigo amado, com tom de liberdade para viver sem dependências, ressignificando a sua vida: “Quero outro carnaval, dessa vez, sem você”. É interessante abordar, aqui também, os valores que as palavras apresentam no poema *migalhas*, que simbolizam o mínimo, o insuficiente, refletindo uma relação em que o amor e a atenção são esporádicos e insatisfatórios, incapazes de nutrir verdadeiramente. O ato de "ver com horário marcado" e o "tomar café frio porque você não chegou" são manifestações concretas dessa insuficiência, cujas esperança e espera se transformam em decepção e solidão, marcando um descompasso entre o desejo e a realidade vivida pelo eu-lírico.

As "palavras e formas de sua organização", no poema, criam um cenário não apenas para os eventos narrados (esperas frustradas, decepções amorosas), mas também para a vivência emocional do eu-lírico, que se cansou das "migalhas" e anseia por um "outro carnaval". Esta expressão poética estabelece uma relação viva e específica com o mundo, a qual o autor conseguiu capturar e transformar em texto, engajando o leitor como um "terceiro participante" que, ao se debruçar sobre o poema, entra em diálogo com essas experiências e sentimentos, conforme observa Volóchinov (2013, p. 86):

Na poesia, a palavra é o ‘cenário’ do evento, que uma pessoa que tenha uma percepção profunda e válida, coloca em cena renunciando com muita sensibilidade, nas palavras e nas formas de sua organização, as relações vivas e específicas existentes entre o autor e o mundo, assim como o autor as extrai, e de tal modo que entre nessas relações como um terceiro participante, ou seja, como ouvinte.

Ao ler um poema, a experiência começa com o grafema, ou seja, a representação visual da palavra, mas rapidamente se expande além disso, incorporando aspectos como articulação, sonoridade, entonação no campo das relações dialógicas. A percepção do encontro de vozes oferece um rico espaço para as análises literárias de cunho ético-discursivo. Ao abordar a literatura como um diálogo entre vozes distintas, somos convidados a reconhecer a alteridade, a considerar a validade de perspectivas diferentes da nossa e a refletir sobre nossa posição ética diante das questões levantadas pela criação estética.

#### 4.6 OS CENTROS DE VALORES EM UMA NARRATIVA E UM POEMA DE JENYFFER NASCIMENTO

O diálogo entre o conto *Menina bonita do laço de fita* (Quadro 5) e o poema *Menina bonita sem laço de fita* (Quadro 6) ilustra como a arte literária pode servir como um campo fértil para a reflexão sobre as relações axiológicas em torno dos valores humanos, que

ultrapassam a discussão estrutural do texto. A interação entre os heróis das narrativas e seus autores criadores convidam os leitores a refletirem sobre suas próprias posições axiológicas, estimulando um diálogo contínuo, que é essencial para o crescimento pessoal e coletivo.

Quadro 5 - *Menina bonita do laço de fita*

***Menina bonita do laço de fita***

Era vez uma menina linda, linda.

Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas.

Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina, a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida.

E pensava:

– Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela... Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

– Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou:

– Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

– Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou:

– Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi.

Mas não ficou nada preto. – Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

– Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

– Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

– Artes de uma avó preta que ela tinha... Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta e se casar.

Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhos não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.

E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:

– Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? E ela respondia:

– Conselhos da mãe da minha madrinha...

Fonte: Machado (2005).

Essa narrativa emprega elementos de fantasia para tratar temas sociais de maneira acessível, especialmente dirigida ao público infantil. A beleza da menina é descrita de forma poética e é valorizada pelo coelho, um personagem que, apesar de sua inocência, busca a beleza negra da menina. Essa abordagem enfatiza a valorização da beleza física de maneira positiva.

Nessa narrativa, a heroína – a menina bonita de pele escura e lustrosa – representa um centro de valores baseado na beleza, na identidade e na positividade da diversidade racial. O autor-criador, Ana Maria Machado, por sua vez, articula uma visão valorativa que celebra essas qualidades, posicionando-se contra estereótipos negativos e promovendo uma mensagem de aceitação e admiração pela diferença. Esse posicionamento axiológico é, fundamentalmente, social e reflete um compromisso com a construção de um mundo mais inclusivo e apreciativo das diversas formas de beleza humana.

Quadro 6 - *Menina bonita sem laço de fita*

*Menina bonita sem laço de fita*

Laço de fita?

Nunca botou no cabelo  
Diz que é feio, não combina.

Menina, só quer ser bonita.

Do nariz já não gosta  
Da boca tem vergonha.  
Toda semana o ritual.  
Acorda cedo, lava o cabelo  
Separa mecha por mecha  
Começa a chapinha.  
Às vezes o couro arde, queima.  
Ela já não liga.

Gosto assim

Quando passa na rua e alguém diz:  
– Psiu, ô morena, ô moreninha!

Menina, só quer ser bonita.

Queria que os garotos  
A olhassem na escola  
Mas dia após dia  
Ela parece invisível.

Ainda não percebeu  
Ao alisar seus cabelos  
Alisa também seus **crespos sonhos**  
Os deixando sem brilho  
Sem forma definida.

Sexta-feira não abre mão  
Vestir de branco é tradição  
Sua vó lhe ensinou assim

Vivendo a ancestralidade  
Essa não pode negar.

**Ah menina...**  
**Te vendo assim**  
**Reconheço no seu presente**  
**Pedaços do meu passado.**

Menina bonita, sem laço nem fita  
Tenho certeza  
Eu ainda vou te ver brilhar  
E seu cabelo crespo reinar.  
  
Futura Rainha Nagô.

Fonte: Nascimento (2016, p. 76).

Em *Menina bonita sem laço de fita*, o eu-lírico, que é a voz que narra a história, estabelece uma relação de identificação e empatia com a heroína do poema. Essa relação é construída ao longo do poema, à medida que o eu-lírico expressa compreensão e reconhecimento das experiências e inseguranças da protagonista. O eu-lírico se identifica com a heroína, afirmando: "Te vendo assim, reconheço no seu presente pedaços do meu passado." Essa frase indica que a narradora também enfrentou desafios semelhantes aos da protagonista em algum momento de sua vida. Essa identificação cria uma ligação emocional entre o eu-lírico e a personagem heroína, pois sugere que ambas compartilham experiências e sentimentos similares. Essa relação entre o eu-lírico e a personagem-heroína serve para explorar o tema das lutas e inseguranças do adolescente e sua autoaceitação na descoberta da identidade. Nesse contexto, a narradora do poema se relaciona com a personagem heroína por meio da identificação e da empatia, estabelecendo uma conexão emocional que amplifica a mensagem do poema sobre a importância de reconhecer e compartilhar experiências comuns.

No início do poema, a heroína é retratada como uma menina insegura, preocupada com a opinião dos outros e desejosa de se encaixar nas expectativas do padrão de beleza eurocêntrico. Ela acredita que precisa alisar seus cabelos para ser considerada bonita pelos padrões hegemônicos. A heroína realiza um ritual de beleza regularmente, alisando seus cabelos com uma chapinha, mesmo que isso cause desconforto. Ela faz isso na esperança de ser notada e admirada pelos garotos da escola, buscando validação externa.

No meio do poema, há uma reviravolta, quando a heroína se conecta com suas raízes e ancestralidade. Ela segue uma tradição familiar de se vestir de branco às sextas-feiras, honrando

sua herança cultural e reconhecendo a importância dessa conexão. À medida que o poema avança, a menina bonita começa a perceber que sua verdadeira beleza não está em conformidade com os padrões externos, mas em abraçar sua identidade, incluindo seus cabelos crespos e sua herança cultural. Ela começa a aceitar a si mesma como é, sem a necessidade de alisar seus cabelos ou buscar aprovação dos outros. A jornada da heroína culmina com a mensagem de que ela é uma “futura Rainha Nagô”, sugerindo que está abraçando sua herança cultural com orgulho e autoconfiança. Ela está no caminho para se tornar uma mulher autoconfiante, livre das pressões sociais de conformidade com os padrões de beleza convencionais.

Menina bonita sem laço de fita Laço de fita?  
Nunca botou no cabelo  
Diz que é feio, não combina.  
Menina, só quer ser bonita.  
Do nariz já não gosta Da boca tem vergonha.  
Toda semana o ritual. Acorda cedo, lava o cabelo  
Separa mecha por mecha  
Começa a chapinha.

Este trecho do poema expressa profundamente a complexidade da busca pela beleza sob o jugo de padrões estéticos impostos. A menina, que nunca adotou o laço de fita — um adereço comum que, muitas vezes, é associado à inocência e à alegria da infância —, rejeita-o por não se ver enquadrada nessa imagem, tradicionalmente, “bonita”. Isso revela uma insegurança profunda e uma luta interna contra sua aparência natural. Suas ações, como o ritual do alisamento dos cabelos, destacam a conformidade aos padrões de beleza dominantes e a rejeição de traços físicos associados à sua identidade negra.

O alisamento do cabelo, em particular, é simbólico de uma tentativa de apagar visualmente parte de sua cultura e etnia, um esforço para alcançar um ideal de beleza que não reflete quem ela realmente é. Essa negação do próprio eu, motivada por sentimentos de inadequação e vergonha em relação às suas características naturais, como o nariz e a boca, é uma consequência dolorosa do racismo internalizado e da opressão. A insistência cultural em “ser bonita” de acordo com um molde externo se sobrepõe ao valor da individualidade e da herança cultural da menina. Esse trecho ressalta a importância crítica da aceitação e da celebração da beleza negra em todas as suas formas, enfatizando a necessidade de um diálogo contínuo sobre a autoestima e a representatividade.

O poema de Jenyffer Nascimento oferece um contraponto à narrativa de Ana Maria Machado, focando na luta interna de uma personagem que se debate com a pressão para se enquadrar em padrões estéticos que não refletem a sua identidade. Aqui, a heroína é, simultaneamente, vítima e agente de mudança, pois evoca a sujeição a forças externas que exigem conformidade, podendo suprimir ou negar a autenticidade individual. A heroína é colocada num constante estado de conflito e negociação, diante de seus traços identitários de mulher negra. O estilo de Jenyffer Nascimento é introspectivo e provocativo, utilizando uma linguagem que convida à reflexão e ao questionamento.

A forma poética é empregada para intensificar o impacto emocional do poema e para desafiar o leitor a pensar criticamente. A luta interna da personagem, portanto, é uma representação do embate que muitas pessoas enfrentam ao negociar suas identidades dentro de contextos culturais que valorizam a estética do cabelo alisado. O autor-criador se posiciona como um interlocutor crítico dessas normas sociais, desafiando-as e propondo uma reavaliação dos valores que definem a beleza e o valor do indivíduo. Ao analisar os dois textos por meio da lente bakhtiniana, observamos como o “eu” e o “outro” são constituídos por universos de valores distintos, mas interconectados, conforme vemos no Quadro 7.

Quadro 7 - Centro de valores organizados na construção estética

<b>Aspecto</b>	<b><i>Menina bonita do laço de fita</i> (Ana Maria Machado)</b>	<b><i>Menina bonita sem laço de fita</i> (Jenyffer Nascimento)</b>
<b>Contexto do herói</b>	A menina bonita de pele escura e lustrosa simboliza a beleza natural a partir do olhar do coelho.	A protagonista luta contra padrões estéticos opressivos, vivenciando um conflito interno de autoaceitação. Seu contexto é pautado por um desafio cognitivo-ético em relação à própria imagem e identidade.
<b>Contexto do autor</b>	Ana Maria Machado cria uma narrativa que enfatiza valores de afirmação da beleza negra. O contexto formal-estético é utilizado para reforçar essas mensagens positivas.	O autor utiliza o poema para questionar e desafiar padrões de beleza socialmente impostos, promovendo uma reflexão crítica sobre autoestima e identidade cultural. A forma poética amplifica essa mensagem.
<b>Interpenetração de contextos</b>	A visão do autor abraça e expande a experiência do herói, apresentando uma narrativa que transcende a história individual para tocar em temas universais de aceitação e beleza.	O conflito interno do herói e sua jornada de autoconhecimento são encapsulados e elevados pelo contexto do autor, que os usa para refletir sobre questões sociais mais amplas,

		envolvendo o leitor em um diálogo sobre valores.
<b>Diálogo com o leitor</b>	A obra estabelece um diálogo positivo, incentivando o leitor a reconhecer a diversidade e a beleza negra a partir da relação da menina com o coelho.	O poema convida o leitor a questionar os próprios preconceitos e a reconsiderar os padrões de beleza, promovendo um diálogo interno e social sobre a aceitação da diversidade de identidades e expressões de beleza
<b>Tensão criativa</b>	A tensão reside na maneira como a narrativa desafia padrões estereotipados de beleza, promovendo uma valorização da beleza negra.	A tensão criativa emerge do conflito entre a pressão para conformar-se a padrões estéticos e o desejo de autenticidade e autoaceitação, refletindo as lutas internas e sociais em torno da imagem corporal

Fonte: Carvalho; Souza (2024, p. 8).

A interação entre esses centros de valores – o reconhecimento da beleza na diversidade e a luta contra padrões estéticos restritivos – demonstra a natureza dialógica da literatura, na qual cada obra não apenas fala com o leitor, mas também dialoga com outras obras, criando um tecido rico de significados e valores. Essa dinâmica reflete o processo de tomada de posição axiológica que Bakhtin considera central para a vida e a arte: cada ato de criação e interpretação é um posicionamento diante de um mundo repleto de valores divergentes e em constante negociação. Jenyffer Nascimento dá um acabamento estético para tratar do tema, explorando o conflito interno do herói e sua jornada de autoconhecimento, ao refletir sobre o reconhecimento da beleza negra, envolvendo o leitor em um diálogo sobre tais valores.

Cada valor concreto do todo artístico é compreendido em dois contextos de valor: no contexto do herói –cognitivo-ético, vital, – e no contexto final do autor – cognitivo-ético e formal-estético, e esses dois contextos de valor interpenetram um ao outro, mas o contexto do autor tende a abraçar e fechar o contexto do herói (Bakhtin, 2003, p. 87).

O contexto do autor não apenas abraça essas experiências do herói, mas também as encapsula dentro de uma visão mais ampla, que é cognitiva-ética e formal-estética. A tensão criativa emerge do conflito entre a pressão para se conformar a padrões estéticos e o desejo de autenticidade e autoaceitação, refletindo as lutas internas e sociais em torno da imagem corporal. Do mesmo modo, Ana Maria Machado não apenas narra a história da menina bonita do laço de fita, mas também cria uma obra que desafia estereótipos raciais e celebra a diversidade, usando a forma e a estética para reforçar valores positivos da beleza negra.

A interação entre esses dois contextos de valor — o do herói e o do autor — revela uma tensão criativa, que é essencial para a arte literária. Enquanto o contexto do herói fornece o tecido vivencial e emocional da narrativa, o contexto do autor oferece um quadro que não apenas dá significado a essas experiências, mas também as transcende, apresentando uma reflexão mais ampla sobre questões éticas e estéticas. Essa interpenetração de contextos permite que a obra de arte fale não apenas sobre o herói ou o autor, mas também sobre o leitor e a sociedade como um todo, engajando-os em um diálogo contínuo sobre valores.

## 5 ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LEITURA NA SALA DE AULA

A pesquisa foi conduzida dentro de uma abordagem qualitativa, configurando-se como um estudo de caso voltado para a aplicação de uma proposta de leitura com ressignificação valorada, conforme delineada por Carvalho (2023). O foco dessa investigação foi explorar as relações dialógicas presentes na produção poética de Jenyffer Nascimento, com o objetivo de desenvolver uma proposta de leitura que estabelecesse um diálogo entre diferentes textos e vozes sociais, fundamentando-se nas relações dialógicas. A metodologia adotada visou à transposição didática das categorias de análise propostas pelo Círculo bakhtiniano, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da compreensão ativa por parte dos estudantes. A proposta foi aplicada em oficinas de leitura com alunos do 9º ano do ensino fundamental, em uma unidade escolar localizada no município de Nossa Senhora da Glória, SE.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, o docente responsável apresentou aos alunos o projeto de leitura de poemas de Jenyffer Nascimento vinculado à compreensão dialógica de suas produções literárias. Os alunos, sensibilizados pela abordagem, manifestaram interesse em participar das atividades de leitura literária, contribuindo para a produção responsiva oral e escrita. Ao apresentar a proposta da oficina e as temáticas a serem abordadas, os estudantes se viram motivados a participar das atividades de leitura com textos literários, desenvolvendo uma compreensão valorada.

### **Etapa 1**

O primeiro momento da oficina de leitura foi dedicado à contextualização da obra da autora Jenyffer Nascimento, uma figura central na literatura de mulheres negras periféricas na literatura contemporânea. A apresentação da poetisa negra e ativista permitiu aos estudantes conhecerem não apenas a obra, mas também o contexto de vida e as lutas sociais que permeiam sua produção literária. Jenyffer Nascimento, nascida em 1984, em Paulista, Pernambuco, emergiu como uma voz potente e significativa, especialmente dentro dos movimentos literários e culturais das periferias de São Paulo. Sua trajetória desde a infância, marcada por viagens literárias, até a sua adolescência, onde começou a escrever letras de *rap* como forma de canalizar suas revoltas e esperanças - ponto de partida crucial para a compreensão da sua obra.

Jenyffer é uma militante feminista que utiliza a literatura como uma forma de resistência e expressão das vivências e desafios enfrentados pelas mulheres negras e pelos moradores das comunidades marginalizadas. Os estudantes foram introduzidos à importância do diálogo que a autora estabelece com seu tempo e com as vozes excluídas da sociedade, como forma de reivindicar espaços e direitos, especialmente por meio de sua primeira obra individual, *Terra Fértil*.

### 5.1 A LEITURA DA CAPA

A capa do livro *Terra Fértil* foi utilizada como um recurso visual para aprofundar a discussão e introduzir a temática da mulher negra periférica na poesia e a sua visão de mundo. A análise simbólica da capa, com suas referências às tonalidades da pele negra, às pinturas rupestres, aos punhos cerrados e à figura da mulher primal, foi essencial para conectar os estudantes às temáticas centrais da obra. Enfatizamos que a capa não apenas ilustra, mas também dialoga com os conteúdos dos poemas, refletindo a força, a ancestralidade e a criatividade das mulheres negras periféricas. A proposta de leitura com ressignificação valorada (Carvalho, 2023) começou a ser aplicada, neste momento, convidando os alunos a desenvolverem uma compreensão ativa e responsiva, capaz de reconhecer as diversas vozes e a perspectiva do olhar feminino. Esse momento despertou a empatia, o senso crítico e a valorização das vivências dos sujeitos leitores, estabelecendo um espaço dialógico no qual as experiências pessoais dos estudantes começaram a emergir.

Esse primeiro contato visual despertou nos alunos uma empatia e um senso de identificação com as lutas da mulher negra na sociedade contemporânea. A compreensão de que a literatura de Jenyffer Nascimento é um reflexo de sua própria história e da história de tantas outras mulheres negras da periferia incentivou os estudantes a quererem conhecê-la mais profundamente—não apenas como uma escritora, mas como uma ativista que utiliza a arte para transformar realidades e inspirar mudanças sociais. Essa atividade de leitura da capa não apenas introduziu os estudantes ao conteúdo do livro, mas também serviu para desenvolver habilidades interpretativas e sensibilizar os participantes para a importância da leitura visual como parte da compreensão do texto. A conexão entre a capa e os temas abordados no livro permitiu que os estudantes comessem a identificar as vozes múltiplas e o diálogo entre passado e presente, características marcantes da obra de Jenyffer Nascimento. A combinação da apresentação contextual da obra da autora Jenyffer Nascimento com a análise detalhada da capa de *Terra*

*Fértil* estabeleceu uma base para a progressão das atividades da oficina e para a coleta significativa de dados da pesquisa.

## 5.2 A INTRODUÇÃO DA LINGUAGEM POÉTICA

### **Etapa II**

Nesta etapa, a oficina abordou a poesia e a construção de imagens, explorando a teoria dos gêneros literários de Aristóteles - lírico, épico e dramático. Discutimos como essas categorias tradicionais podem ser transgredidas na literatura contemporânea, enriquecendo a criação poética. Os participantes foram incentivados a perceber a flexibilidade dos gêneros e a experimentar na construção de suas próprias imagens poéticas, refletindo a complexidade da condição humana e da arte literária em constante evolução. Na oficina, foi trabalhado o gênero lírico com foco em suas características principais e sua importância na poesia. O gênero lírico se destaca pela expressão subjetiva e pessoal dos sentimentos e emoções do poeta. As principais características abordadas foram:

□ **Expressão Subjetiva:** O poema lírico é o veículo através do qual o "eu lírico" comunica suas emoções internas e experiências pessoais. Esta expressão é central para o gênero, diferenciando-o dos gêneros épico e dramático.

□ **Introspecção:** Ao contrário dos gêneros narrativos ou dramáticos, o lírico não se concentra em ações externas ou diálogos entre personagens, mas na reflexão e na exploração dos sentimentos do poeta. O mundo representado é predominantemente interno e introspectivo.

□ **Uso de Imagens e Símbolos:** A poesia lírica frequentemente utiliza uma linguagem evocativa e simbólica para transmitir emoções complexas e estados de espírito. Imagens poéticas e metáforas são comuns, ajudando a criar uma conexão profunda entre o leitor e a experiência emocional do poeta.

□ **Forma e Estrutura:** O gênero lírico pode assumir diversas formas e estruturas, como sonetos, ode e elegias, cada uma com suas próprias convenções e estilos. A forma escolhida muitas vezes reflete o tom e o conteúdo emocional do poema.

□ **Foco no Eu Poético:** O "eu lírico" é a voz narrativa que domina o poema, oferecendo uma visão única e pessoal sobre o tema. Este eu lírico pode ser uma representação direta do poeta ou uma construção ficcional que permite a exploração de sentimentos e pensamentos.

Durante essa etapa da oficina, os participantes analisaram como esses elementos contribuem para a criação do poema, observando como as escolhas estilísticas e estruturais influenciam a expressão poética.

### 5.3 O CONTRASTE ENTRE A LINGUAGEM INFORMATIVA E A LINGUAGEM POÉTICA

Nessa oficina, o professor conduziu um processo de transformação de um texto informativo sobre hologramas em uma exploração poética feita por Jeniffer Nascimento, quando produz a metáfora do holograma em seu poema *Presença-ausência*. Inicialmente, foi apresentado aos participantes o texto informativo *Hologramas*, explicando que são criados por meio de luz laser para produzir imagens tridimensionais e que, embora pareçam reais, são essencialmente projeções. Essa discussão temática ajudou os participantes a entender a metáfora que seria explorada posteriormente no poema de Jeniffer.

A transição para o poético foi feita com a introdução da metáfora do holograma no contexto do poema. O professor destacou como a ideia de algo que parece real, mas que, na verdade, é uma projeção, se relaciona com o tema da ausência e da frustração no poema. Essa metáfora ajudou a ilustrar a sensação de uma presença que nunca se concretiza, tornando a discussão do poema mais rica e significativa. Durante a leitura e a análise do poema, os participantes foram convidados a refletir sobre como as experiências descritas no poema podem ressoar com suas próprias vidas e sentimentos. Esse diálogo entre o texto poético e a experiência pessoal ajudou a valorizar o poema, promovendo uma ressignificação baseada nas vivências e nas emoções individuais dos leitores. Conforme vemos no diálogo dos alunos sobre o texto (Quadro 8):

**1º) Pessoal o que chama atenção e o que vocês sentiram em relação a esse poema?**

Resposta: No texto *Presença-ausência*, a gente percebeu que eles conversam um pouco entre si, é como na última estrofe que ele fala que é um holograma.

**2º) Qual é a relação que tem entre o título e o poema?**

Resposta: O que te falei, a questão da figura do holograma com o poema que o Senhor leu.

**3º) E o que a gente com esse poema e as figuras podemos relacionar com os dias atuais?**

Resposta: O poema ausência seria tipo, um relacionamento à distância ou a pessoa que ele se relaciona é meio distante dela? ou seja, são juntas? e meio separados? Fica a interrogação.

**4º) Vocês perceberam isso? Por quê? Expliquem.**

Resposta 1: Os dois não se encaixam, só que aí dependem do contexto que ele quis passar. Tipo, como ele tivesse presente e ausente ao mesmo tempo.

Resposta 2: Ele está virtualmente, mas não pessoalmente.

Resposta 3- *Presença-ausência*, pode ser que eles vivem juntos diariamente, mas separados sabe, não se amam em pensamento, eles moram juntos só que estão distantes um do outro, virtualmente.

**Observação:** Perguntando para a turma se eles concordavam com a resposta da colega, todos foram unânimes, e alegaram que as pessoas não se interagem pessoalmente, principalmente no mundo da tecnologia.

1: Acho que eles podem está presente, fisicamente, mas não está realmente ali. Tanto numa relação de amizade, quanto na amorosa, não importa a qual seja. Ela fala que a pessoa parece que a mente dela nunca está ali e que se tornou um alguém que é muito ausente, não fisicamente, mas mentalmente e psicologicamente, assim entendi.

Fonte: O autor (2024).

As reflexões dos alunos exploram proximidade virtual, sem autenticidade nas relações. A segunda resposta expandiu essa ideia, ao sugerir que é crucial reconsiderar como abordamos os relacionamentos virtuais, reconhecendo que, muitas vezes, a presença virtual não substitui a interação genuína e significativa. Este ponto de vista sublinha a necessidade de um envolvimento mais autêntico e consciente nas relações, especialmente em um contexto onde a tecnologia pode criar ilusões de proximidade. No poema *Presença-ausência*, de Jenyffer Nascimento, a metáfora e a linguagem poética são utilizadas de maneira profunda para explorar o tema da presença e da ausência em relacionamentos. A metáfora central, que descreve a pessoa amada como um holograma, é uma ferramenta poderosa para comunicar a sensação de uma presença que, embora pareça real, é, na verdade, apenas uma ilusão.

A oficina ampliou a discussão sobre a metáfora do holograma, ao explorar a presença ilusória nas redes sociais em contraste com a imagem poética do holograma, refletindo sobre a sensação de frustração e ilusão descrita pela protagonista. A metáfora do holograma foi

utilizada para representar a sensação de uma presença idealizada e inatingível do ser amado. Essa metáfora ajudou a conectar a visão informativa com a experiência emocional descrita na poesia em uma experiência intersubjetiva. A relação entre a metáfora do holograma e as emoções de frustração e ilusão do eu-lírico permitiu uma leitura mais profunda e ressignificada do texto, mostrando como a linguagem poética pode expressar complexidades emocionais.

A discussão em sala explorou como as imagens e metáforas aprofundam a compreensão do eu-lírico sobre sua própria experiência de ausência e desejo. Os alunos foram estimulados a refletir sobre a diferença entre a realidade e a percepção virtual das relações, destacando como a metáfora do holograma captura relações humanas virtuais contemporâneas que, muitas vezes, são marcadas por ilusões e expectativas não correspondidas. Neste contexto, os alunos notaram as diferenças de representação da mulher, tradicionalmente, elaboradas na poesia e a visão contemporânea manifestada por Jeniffer Nascimento, tal qual como se apresenta no Quadro 9.

Quadro 9 - Quadro comparativo sobre a representação da mulher

Aspecto	Mulher Idealizada nos Poemas Tradicionais	Mulher em <i>Presença-ausência</i>
<b>Representação</b>	Nos poemas tradicionais, a mulher é frequentemente idealizada como um símbolo de beleza, pureza e virtude, muitas vezes em uma posição passiva.	No poema <i>Presença-ausência</i> , a mulher é representada como complexa e emocionalmente ativa, em busca de uma conexão autêntica.
<b>Características</b>	É descrita principalmente por sua aparência física, virtudes e o papel de objeto de amor romântico.	Destaca-se por sua profundidade emocional, desejo de autenticidade nas relações e experiência de frustração e solidão.
<b>Conflitos</b>	Os conflitos geralmente giram em torno da conquista amorosa, honra e virtude, com uma ênfase nas expectativas sociais e românticas.	Os conflitos são internos e relacionais, lidando com a ausência e a frustração de expectativas, além da luta para encontrar significado e autenticidade na era digital.

Fonte: O Autor (2024).

O contexto do poema e a presença do outro são apenas uma ilusão, uma projeção que não se concretiza na realidade. O holograma representa uma forma de presença que engana, criando a aparência de algo real e tangível, sem realmente ser capaz de interagir ou influenciar a vida do eu-lírico. Os alunos identificaram que o poema não apenas explora a frustração da ausência, mas também critica a superficialidade das conexões virtuais, contrastando com as representações mais tradicionais da mulher idealizada. A comparação entre a mulher idealizada nos poemas tradicionais e a mulher apresentada em *Presença-ausência* revelou uma visão mais

complexa e realista, refletindo a profundidade emocional e os conflitos internos experimentados pela mulher moderna.

As relações dialógicas entre o texto informativo e o poético permitiu aos participantes entender como temas sociais e conhecimentos científicos podem ser avaliados e transformados em metáforas poéticas que refletem visões críticas da realidade e expressões subjetivas da experiência humana. Na atividade de leitura e análise do poema *Presença-ausência*, as ideias de Bakhtin sobre as relações dialógicas emergem de maneira significativa, ao explorarmos como o texto *Holograma* e o poema *Presença-ausência* dialogam entre si e com o leitor.

Os alunos perceberam que no poema *Presença-ausência*, de Jenyffer Nascimento, a voz poética é, predominantemente, individual, refletindo uma experiência pessoal de dor e desilusão. No entanto, essa experiência é apresentada de forma que ressoa com um público mais amplo, sugerindo que a sensação de ausência e desconexão pode ser uma experiência compartilhada. O eu-lírico expressa um sentimento de abandono e de luta interna que, embora pessoal, toca em questões universais de relacionamentos e expectativas não correspondidas.

A percepção do eu-lírico como representante de um segmento social é, particularmente, evidente na forma como cada obra aborda o tema central. No poema, o eu-lírico expressa um sofrimento que pode ser identificado por outros indivíduos que experimentam a mesma sensação de ausência emocional. A forma como a dor e a frustração são descritas permite uma conexão empática com o leitor, que pode reconhecer suas próprias experiências nessas descrições

#### 5.4 A PRODUÇÃO RESPONSIVA DOS ALUNOS DIANTE DO POEMA

Nesta etapa da oficina, os alunos foram convidados a explorar o conceito de **eu-lírico coletivo**, analisando como ele emerge em textos literários e musicais que abordam questões sociais. A partir do poema *CARNE de Mulher*, de Jenyffer Nascimento, e da música *A Carne*, interpretada por Elza Soares, os estudantes participaram de atividades que fomentaram tanto a análise crítica quanto a produção criativa. Esses textos, ao denunciarem desigualdades raciais, de gênero e sociais, abriram espaço para reflexões sobre exclusão, resistência e valorização da diversidade. Com base nos princípios da *ressignificação valorada* (Carvalho, 2023), a atividade incentivou os alunos a se posicionarem responsivamente diante dos textos, relacionando-os com suas próprias vivências e com a realidade social. Dessa forma, buscou-se não apenas interpretar

os enunciados literários, mas também promover uma interação dialógica que ressignificasse os valores predominantes em discursos sociais conservadores e totalitários.

Quadro 10 - *A carne*, de Elza Soares, e *CARNE de mulher*, de Jenyffer Nascimento

<i>A carne</i> , de Elza Soares	<i>Carne de mulher</i> , de Jenyffer Nascimento
<p>A carne mais barata do mercado é a carne negra</p> <p>(tá ligado que não é fácil, né, mano?) (Né, mano? Vixe!) (Se liga aí!)</p> <p>A carne mais barata do mercado é a carne negra</p> <p>A carne mais barata do mercado é a carne negra</p> <p>A carne mais barata do mercado é a carne negra</p> <p>A carne mais barata do mercado é a carne negra</p> <p>(Só serve o não preto)</p>	<p>Nua em frente ao espelho Me olho Me observo Me vejo E me sinto mulher.</p> <p>Nas ruas é bem diferente. Mesmo vestida Me olham Me observam Me veem Como pedaço de carne.</p> <p>Quanto vale ou é por quilo?</p> <p>Carne de primeira, de segunda? Carne de mulher? Carne de vaca?</p> <p>Cadê a mulher que eu era quando sai de casa?</p> <p>Não! Não aceito! Me recuso! Eu não sou a carne mais barata do mercado.</p>

Fonte: Soares (2002) e Nascimento (2016).

A produção responsiva dos alunos evidencia os fundamentos da **análise dialógica** de Bakhtin, em que cada enunciado literário é compreendido como parte de uma cadeia maior de vozes que dialogam entre si. Nesse contexto, o **eu-lírico coletivo** assume um papel central, pois não apenas expressa experiências individuais, mas articula vivências que ecoam em uma comunidade mais ampla.

No poema *CARNE de Mulher*, o **eu-lírico** representa a mulher negra periférica como um símbolo de resistência e denúncia contra a objetificação e a desvalorização impostas pela sociedade. Já na música *A Carne*, o **eu-lírico coletivo** se manifesta explicitamente como uma voz de protesto contra o racismo estrutural, utilizando metáforas como “a carne negra” para denunciar a desumanização e a marginalização vividas por pessoas negras. Esses textos, ao

promoverem um diálogo com os alunos, ampliaram sua percepção crítica sobre as condições sociais abordadas.

## 5.5 TRABALHANDO O EU-LÍRICO COLETIVO

### Etapa III

A terceira etapa da oficina de leitura abordou a construção e a representação do **eu-lírico coletivo** nas produções literárias, explorando como ele reflete as experiências e desafios vividos por grupos sociais marginalizados. Ao focar na relação entre a poesia e a música, a atividade evidenciou como diferentes gêneros textuais podem dialogar e ampliar a compreensão de temáticas sociais e históricas. Essa etapa buscou promover uma leitura responsiva e valorada, conforme os princípios de **ressignificação valorada** propostos por Carvalho (2023), incentivando os alunos a estabelecerem conexões éticas, estéticas e discursivas entre textos literários e suas próprias vivências.

A percepção do eu-lírico como representante de um segmento social expressa um estilo particular na forma como cada obra aborda o tema central. Em alguns poemas, o eu-lírico expressa um sofrimento de uma coletividade que pode ser identificado por outros indivíduos que experimentam a mesma sensação. A forma como a dor e a frustração são descritas permite uma conexão empática com o leitor e uma coletividade, que podem reconhecer suas próprias experiências nessas descrições.

Na música *A Carne*, a visão social é mais explícita e direta. A utilização de uma linguagem coloquial e a ênfase na desvalorização racial refletem uma consciência coletiva da injustiça social. O eu-lírico se posiciona como um porta-voz de uma experiência vivida por muitos, utilizando metáforas como a "carne negra" para criticar a objetificação e a marginalização. Esta abordagem reforça a importância da música como um meio para expressar e protestar contra estruturas opressoras e desigualdades.

A carne mais barata do mercado é a carne negra (tá ligado que não é fácil, né, mano?)  
(Né, mano? Vixe!) (Se liga aí!) A carne mais barata do mercado é a carne negra A  
carne mais barata do mercado é a carne negra A carne mais barata do mercado é a  
carne negra A carne mais barata do mercado é a carne negra (Só serve o não preto).

Na música de Seu Jorge, o eu-lírico assume uma perspectiva coletiva. A voz poética não fala apenas por si mesma, mas como parte de um grupo social – os negros – que enfrenta discriminação e objetificação. A repetição da frase "A carne mais barata do mercado é a carne

negra" serve como um grito coletivo de resistência e denúncia. O eu-lírico representa a frustração e a resistência de uma comunidade historicamente marginalizada, utilizando uma linguagem que reforça a autenticidade e a conexão com as experiências diárias dessa coletividade.

## 5.5 TEXTO: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA (ANA MARIA MACHADO)

Nesta etapa da oficina, foi explorada a interação entre dois textos que abordam, sob perspectivas diferentes, questões de identidade, ancestralidade e racismo. A obra infantil *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, apresenta, de forma lúdica, a valorização da negritude, convidando o leitor a refletir sobre a beleza da diversidade étnica e cultural, especialmente a partir da perspectiva de uma criança negra. Já o poema *Menina Bonita sem Laço de Fita*, de Jenyffer Nascimento, aborda de maneira mais poética e reflexiva os desafios e as vivências das mulheres negras em uma sociedade que, constantemente, invisibiliza-as e as inferioriza.

### **Menina bonita sem laço de fita**

Laço de fita?  
Nunca botou no cabelo  
Diz que é feio, não combina.

Menina, só quer ser bonita.

Do nariz já não gosta  
Da boca tem vergonha.  
Toda semana o ritual.  
Acorda cedo, lava o cabelo  
Separa mecha por mecha  
Começa a chapinha.  
Às vezes o couro arde, queima.  
Ela já não liga.

Gosta assim  
Quando passa na rua e alguém diz:  
- Psiu, ô morena, ô moreninha!  
Menina, só quer ser bonita.

Queria que os garotos  
A olhassem na escola  
Mas dia após dia  
Ela parece invisível.

Ainda não percebeu  
Ao alisar seus cabelos  
Alisa também seus crespos sonhos  
Os deixando sem brilho  
Sem forma definida.

Sexta-feira não abre mão  
Vestir de branco é tradição  
Sua vó lhe ensinou assim  
Vivendo a ancestralidade  
Essa não pode negar.

Ah! Menina...  
Te vendo assim  
Reconheço no seu presente  
Pedacos do meu passado.  
Menina bonita, sem laço nem fita  
Tenho certeza  
Eu ainda vou te ver brilhar  
E seu cabelo crespo reinar.

Futura Rainha Nagô (Jenyffer Nascimento p. 16 e 17)

**Professor: O que a gente pode tirar desse texto literário em relação ao aspecto social e histórico? Como vocês avaliam?**

**Aluno 1-** Então, é tipo assim, que vendo ou não, a cor dela vem da história dela e de sua família e ela entendendo isso, ajuda ela compreender e conviver em sociedade. Tipo, ela vai entender sobre isso e sem rancor, pois ela entende que isso veio da avó, a ancestralidade, e isso pode ajudar muito ela. Vale lembrar que ela é uma criança, e por isso, que ela inventa várias coisas. E mesmo que o texto fale de uma forma mais engraçadinha, é uma coisa que tem forte valor na sociedade, pois mesmo que seja criança e entender sobre isso para não ficar tendo dúvidas ou achando inferior por conta disso.

**Professor: Como vocês se sentem lendo uma obra infantil, mas que tem um conteúdo significativo? Como vocês avaliam? Vocês se identificaram com essa obra e como a gente pode trabalhar esse processo na vida real? Comentem um pouco.**

**Aluna 2 -** Como é um livro infantil ajuda as crianças entenderem melhor sobre isso. Então, acaba que as crianças que são negras, podem se sentirem: “oh! meu Deus, como queria ser branca, isso tende a entender melhor esse tipo de ação e sua cultura da ancestralidade. E muitas das vezes a pessoa escolhe descendentes da família e aí a mãe pode ser branca e o pai moreno, e aí vem puxado dos dois.

**Professor: Vocês leram e analisaram os dois textos literários *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, e o poema *Menina Bonita sem Laço de Fita*. Nesses dois textos, há uma relação dialógica? Comente.**

**Aluno 3 -** Os dois textos resgatam valores que é o passado (ancestralidade) do povo negro, logo existe diálogos sim.

**Aluna 4 -** O diálogo vem muito por conta da cor da pele, que é marcado em ambos. Não é só pelo gênero que é destacado no poema, mas o que tem ligação com esses dois, é muito sobre o racismo, pois se você é uma pessoa negra, você se torna inferiorizada na sociedade. Como diz, o refrão: “É carne mais barata do mercado”

Fonte: O Autor (2024).

Notamos nas respostas dos alunos, que eles tiveram uma compreensão ativa diante dos enunciados, posicionando-se de forma responsiva por meio da leitura compartilhada, marcando reflexões sobre situações vividas pelo povo negro frente a temas tão frequentes na sociedade. Vale pontuar, também, que no processo de leitura e discussões, já nas próprias interações, eles percebiam as relações dialógicas que havia entre os textos, principalmente, no tocante ao negro, ação que permitiu uma melhor interpretação das informações, porque envolveu os planos ético-estético-discursivo. Essas leituras de cunho de ressignificação valorada (Carvalho, 2023) concedeu aos alunos terem um olhar de novos valores e de reconhecimento da descoberta daquilo que, muitas vezes, é omitido pela sociedade.

Nessa última etapa, apresentamos primeiro o texto em prosa *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, a partir do qual os alunos fizeram uma leitura compartilhada. Em seguida, fizemos uma roda de conversa para colher as primeiras impressões e intervir, quando necessário. Posteriormente, distribuímos, também, o poema *Menina Bonita sem laço de Fita*, de Jenyffer Nascimento. A leitura se deu de forma coletiva. A partir daí, abrimos uma discussão sobre esse texto literário, e, na medida do possível, anotamos os posicionamentos para possíveis intervenções. Os alunos ficaram à vontade para expressar as suas opiniões. Em seguida, entregamos os questionários para que eles pudessem responder em suas casas questões sobre os dois textos, trazendo as respostas na aula seguinte para exposição e discussões em sala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a leitura com ressignificação valorada dos poemas de Jenyffer Nascimento demonstrou que o trabalho com textos literários em sala de aula, fundamentado nos princípios dialógicos de Bakhtin, pode contribuir, significativamente, para a formação de leitores críticos, éticos e responsivos. Ao explorar as dimensões **ética**, **estética** e **discursiva** das obras, os alunos foram levados a dialogar com questões sociais complexas, como o racismo, a ancestralidade, os padrões de beleza, a exclusão social e a identidade de gênero, ampliando suas perspectivas sobre si mesmos e o mundo ao seu redor.

A oficina de leitura revelou que o processo de ressignificação valorada permite ao aluno se tornar sujeito ativo na construção de significados, reconhecendo as múltiplas vozes que compõem os textos e estabelecendo conexões com suas próprias vivências. Essa interação dialógica não apenas fortaleceu a compreensão dos textos literários, mas também promoveu o desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação do leitor crítico, como a capacidade de analisar, questionar e se posicionar diante das questões éticas e sociais.

Além disso, a análise dialógica e responsiva dos poemas fomentou a produção criativa dos alunos, evidenciada nos textos e nos poemas que produziram, nos quais ressoavam tanto os enunciados literários quanto suas perspectivas pessoais e coletivas. Esses novos enunciados não apenas ampliaram a compreensão dos textos originais, mas também se configuraram como atos de resistência e ressignificação diante de discursos conservadores que excluem e marginalizam vozes minoritárias.

Os passos planejados para a leitura com ressignificação valorada e avaliação do processo de análise das interações em sala de aula foram fundamentais para promover uma compreensão de procedimentos didáticos e textos poéticos, especialmente no contexto de uma oficina dedicada à obra de Jenyffer Nascimento. Destacamos a discussão inicial sobre a contribuição do holograma e do poema - abordagem que permitiu aos alunos refletirem sobre as dimensões de presença e ausência, tanto no formato digital do texto informativo quanto na poesia. Os alunos perceberam que os temas sociais, ao serem tratados na abordagem artístico-literária, ganham um novo tratamento no plano estético, ético e discursivo. Essa discussão serviu como ponto de partida para os alunos reconhecerem diferenças entre o gênero *poema* e os textos da vida cotidiana, com finalidade prática.

O trabalho de leitura de poemas, com foco na ideia do estilo como expressão da identidade e da posição socioavaliativa do autor, enriquece a análise literária, ao reconhecer a complexidade inerente à criação artística. Primeiramente, a escolha cuidadosa de um poema e a pesquisa sobre o autor, incluindo seu contexto de vida e influências, são essenciais para contextualizar a obra dentro da trajetória pessoal e cultural do autor. Isso permite uma compreensão mais profunda das motivações por trás das escolhas estilísticas e temáticas presentes no poema.

O estudo de caso em uma classe de nono ano do ensino fundamental ofereceu uma oportunidade de testar e refinar a abordagem didática de leitura dialógica, com foco na poesia periférica na mulher negra. A criação de um caderno pedagógico baseado na experiência empírica fortalece ainda mais a contribuição do estudo, servindo como recurso para educadores interessados em replicar ou adaptar a abordagem. Dessa forma, a pesquisa abre espaço para o diálogo sobre procedimentos didáticos de leitura em uma perspectiva ético-estético-discursiva, abordando questões sobre a leitura, a interpretação e o ensino da poesia. Ao focar a obra de Jenyffer Nascimento sob uma perspectiva ético-discursiva e dialógica, abrimos um espaço para diálogos mais ricos e significativos sobre literatura, sociedade e formação do indivíduo como leitor crítico, dialógico e responsivo.

A noção de estilo é fundamental para compreendermos como a linguagem reflete e molda as posições e avaliações sociais dos falantes. O estilo não se limita apenas à escolha de palavras ou à estrutura de frases; ele envolve uma série de escolhas linguísticas, que refletem a identidade e as crenças de um indivíduo ou grupo.

A poesia de Jenyffer Nascimento pode ser considerada, em grande parte, dialógica à luz da visão de Bakhtin. Isso significa que sua obra tende a incorporar e interagir com múltiplas vozes e perspectivas sociais e culturais. Jenyffer Nascimento demonstra uma sensibilidade para as nuances da linguagem e da experiência humana, permitindo que diferentes dialetos encontrem espaço em suas composições poéticas.

A análise bakhtiniana enfoca as vozes presentes na poesia. Investigamos os atos éticos das vozes envolvidas nos poemas de Jenyffer Nascimento, incluindo a voz do autor, a voz do autor-criador, a voz do herói/personagem e a voz do leitor. Examinamos como essas vozes interagem, dialogam e constroem significados juntas. Além disso, identificamos os valores, as crenças e as posições éticas expressas por essas vozes e como esses elementos contribuem para a riqueza da experiência poética.

Ao seguir esses passos na análise da poesia de Jenyffer Nascimento, buscamos não apenas compreender as relações dialógicas de sua obra, mas também contribuir para o reconhecimento e a valorização da literatura negra no Brasil. Esperamos que essa análise ajude a iluminar as vozes que ecoam na poesia periférica contemporânea, promovendo uma apreciação mais significativa e enriquecedora da poesia como uma forma de expressão artística e socialmente engajada.

A pesquisa revelou, de forma abrangente, como a aplicação dos princípios metodológicos da leitura com ressignificação valorada, fundamentados na análise discursiva do Círculo de Bakhtin e propostos por Carvalho, transformou significativamente o processo educativo da aula de leitura. A metodologia, com sua ênfase no diálogo interno e externo, mostrou-se satisfatória na organização e na execução do trabalho de leitura dos poemas, permitindo uma articulação com outros textos e vozes que, por sua vez, estabeleceram uma rede de significações em constante diálogo.

Por fim, esta pesquisa reafirma a relevância da **ressignificação valorada** como metodologia para o ensino de literatura no contexto escolar. A obra de Jenyffer Nascimento foi essencial nesse processo, pois sua poética, carregada de força e sensibilidade, deu voz a questões sociais urgentes e, muitas vezes, silenciadas, permitindo que os alunos estabelecessem diálogos profundos com temas como ancestralidade, identidade e resistência. A leitura literária, quando orientada por princípios dialógicos, torna-se não apenas uma prática de interpretação de textos, mas também uma oportunidade de transformação social e pessoal. Dessa forma, formar leitores que compreendam e ressignifiquem os valores presentes nos textos é formar cidadãos que dialoguem com a pluralidade de vozes da sociedade e atuem de maneira crítica e ética na construção de uma realidade mais justa e inclusiva.

Este estudo, ao destacar o diálogo entre texto, leitor e sociedade, deixa um convite à continuidade dessa abordagem em outras práticas pedagógicas, ampliando as possibilidades de compreensão ativa e transformadora no espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Prefácio da edição francesa: Tzevetan Todorov, Tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir. São Paulo: 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica**. Tradução de Marisol Barenco de Mello; Mario Ramos Francisco Júnior; Alan Silus. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas e edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CARVALHO, José Ricardo. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo et al. **Agir da linguagem na escola é na universidade**. [recurso eletrônico]. São Luís: Edufma, 2021.
- CARVALHO, José Ricardo. A leitura e o domínio da ressignificação valorativa do texto literário em abordagem bakhtiniana. In: CARVALHO, José Ricardo et al. **Agir da linguagem na escola é na universidade**. [recurso eletrônico]. São Luís: Edufma, 2023.
- CARVALHO, José Ricardo; SOUZA, Hugo Hudsney Santana de. **A leitura de poemas de Jenyffer Nascimento a partir das relações dialógicas externas**. No prelo, 2024.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba, PR: Criar, 2011.
- LITERAFRO, O Portal da Literatura Afro-brasileira. **Jenyffer Nascimento**. Por Jéssica Balbino, postado em 2014. Literafro/autoras negras (UFMG). Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/1067-jenyffer-nascimento>. Acesso em: 22 jul. 24.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2005.
- MACIEL, Lucas Vinicius. **Relações dialógicas narrativas**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 137- 151, jan./abr. 2017.

MARÇAL, Matheus Menezes. **Nos olhos de mulheres negras**: estudo das poéticas de Cristiane Sobral, Jenyffer Nascimento e Lívia Natália. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: 2018.

MIOTELLO, Valdemir; FARACO, Carlos Alberto. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

NASCIMENTO, Jenyffer. Carne de Mulher. *In*: NASCIMENTO, Jenyffer. **Terra fértil**. Mjiba. São Paulo: Ed. da Autora, 2016. p. 54.

NASCIMENTO, Jenyffer. Presença-ausência. *In*: NASCIMENTO, Jenyffer. **Terra fértil**. Mjiba. São Paulo: Ed. da Autora, 2016. p. 35.

NASCIMENTO, Jenyffer. **Terra fértil**. Mjiba. São Paulo: Ed. da Autora, 2016.

PERFEITO, Alba Maria; VEDOVATO, Luciana. O gênero poema: um estudo na perspectiva bakhtiniana. **Revista de Estudos Linguísticos**, ISSN 1517-7238, v. 12, n. 22, p. 241-264, 1º semestre de 2011, Dossiê: Estudos Linguísticos.

PASSOS, Leonardo. Formalismo russo: e suas contribuições para a moderna crítica literária. **Revista Conhecimento Prático**: Literatura, São Paulo, n. 23, p. 01-05, 2009. Trimestral. Disponível em: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/23/artigo134431-1.asp>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PERFEITO, Alba Maria; VEDOVATO, Luciana. O gênero poema: um estudo na perspectiva bakhtiniana. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 12, n. 22, 2011, p. 241-264.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação da tradução de Valdemir Miotello. SP: Contexto, 2008. p. 108-128.

PONZIO, Augusto. Introdução: a concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In*: BAKHTIN, Mikail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: 2010.

SANTOS, Célia Regina dos; WIELIWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005.

SEU JORGE [Jorge Mário da Silva]; YUCA, Marcelo Yuca; CAPPELLETTI, Wilson. A Carne. *In*: SOARES, Elza. **Do cóccix até o pescoço**. São Paulo: Maianga Discos, 2002. Álbum (CD).

SOARES, Elza. A carne. *In*: SOARES, Elza. **Do cóccix até o pescoço**. São Paulo: Maianga Discos, 2002. Álbum (CD).

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões: **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 37-45, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9246>. Acesso em: 22 mar. 2024.

TEZZA, Cristovão. **Entre a poesia e a prosa**: Bakhtin e o formalismo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TEZZA, Cristovão. Sobre o autor e o herói: um roteiro de leitura. *In*: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007 [1996]. p. 231-56.

VOLÓCHINOV, Valentim. **Marxismo e filosofia da linguagem**: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do século XX. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentim. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & Joao Editores, 2013.

## APÊNDICES

APÊNDICE A - 1ª Parte - Aula de interação em sala de aula com falas e escritas

---

### 1ª AULA DE INTERAÇÃO EM SALA DE AULA COM FALAS E ESCRITAS

Poema: *Presença-ausência*/ análise e leitura

#### QUESTIONÁRIO

**1º) Pessoal o que chama atenção e o que vocês sentiram em relação a esse poema?**

**Resposta:** No texto *Presença-ausência*, a gente percebeu que eles conversam um pouco entre si, é como na última estrofe que ele fala que é um holograma.

**2º) Qual é a relação que tem entre o título e o poema?**

**Resposta:** O que te falei, a questão da figura do holograma com o poema que o Senhor leu.

**3º) E o que a gente com esse poema e as figuras podemos relacionar com os dias atuais?**

**Resposta:** O poema ausência seria tipo, um relacionamento à distância ou a pessoa que ele se relaciona é meio distante dela? ou seja, são juntas? e meio separados? Fica a interrogação.

**4º) Vocês perceberam isso? Por quê? Expliquem.**

**Resposta 1:** Os dois não se encaixam, só que aí dependem do contexto que ele quis passar. Tipo, como ele tivesse presente e ausente ao mesmo tempo.

**Resposta 2:** Ele está virtualmente, mas não pessoalmente.

**Resposta 3:** *Presença-ausência*, pode ser que eles vivem juntos diariamente, mas separados sabe, não se amam em pensamento, eles moram juntos só que estão distantes um do outro, virtualmente.

**Observação:** Perguntando para a turma se eles concordavam com a resposta da colega, todos foram unânimes, e alegaram que as pessoas não interagem pessoalmente, principalmente no mundo da tecnologia.

**5º) O que podemos relacionar para o lado social, esse poema?**

**Resposta:** A questão da forma de convivência.

**6º) E sobre a questão ética (valores) do poema. O que vocês analisaram?**

**Resposta 1:** Acho que eles podem estar presentes, fisicamente, mas não está realmente ali. Tanto numa relação de amizade, quanto na amorosa, não importa a qual seja. Ela fala que a pessoa parece que a mente dela nunca está ali e que se tornou um alguém que é muito ausente, não fisicamente, mas mentalmente e psicologicamente, assim entendi.

**Resposta 2:** Precisamos repensar relacionamentos, principalmente virtuais.

**7º) Em relação ao Plano Estético (sentimentos, sensibilidade, estilo), tanto das figuras como do poema, o que apresenta e chamou atenção de vocês?**

**Resposta 1:** Acho que o holograma e a figura do holograma, tem conversado e fisicamente, ambos estão ali, mas por dentro não tem nada.

**Resposta 2:** Acho que de certa forma, o eu-lírico do poema está amargurado, mas se conectando e tentando e querendo esquecer dos amigos, familiares, então por isso, ele fica um pouco na solidão.

**8º) Qual é a mensagem central desse poema? Ele dialoga com as figuras do holograma e com a vida real?**

**Resposta 1:** Sim, há uma conversar entre eles, principalmente o poema e o holograma.

**Observação 1:** Nesse momento, tive que explicar mais uma vez o que é holograma.

**Observação 2:** A partir das respostas em grupo desse primeiro vídeo, percebemos que os estudantes realizaram uma compreensão ativa, ressignificando de forma valorada os valores ali contidos, bem como identificaram a intenção da expressão artística do poema e da figura do

holograma no plano estético, identificando também as relações dialógicas que existem entre o holograma, o poema e a vida no mundo das tecnologias.

---

## APÊNDICE B - 2ª Parte - Aula de interação em sala de aula com falas e escritas

---

Transcrição das falas dos alunos, via gravador de voz, em que grupos de estudantes apresentaram as respostas aos questionários.

### Questionário sobre a música *A Carne* (Elza Soares)

#### 1. Qual é a mensagem central da música?

**R1** – *Faz uma crítica a sociedade sobre o racismo.*

**R2** – *Crítica os presídios onde estão os pretos.*

**R3** – *O revólver já está engatinhado. Essa passagem aqui, é uma fase muito boa para se pensar.*

**R4** – *Quando têm muitos brancos reunidos, os negros se sentem excluídos, por pretos.*

**R5** – *Tem muita gente que fala que o racismo não existe, mas com certeza, existe e a música dela é de uma pessoa preta e que vive isso diariamente.*

**R6** – *Os negros sempre são assassinados, e a justificativa dos policiais é que foi bala perdida.*

**R7** – *É igual ao caso Mariele Franco que foi abafado ninguém mais falou.*

**R8** – *A cantora fala muito sobre a perseguição e desvalorização dos negros.*

#### 2. Como a música utiliza a repetição da frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra” para enfatizar sua mensagem?

**Resposta** - *A repetição do refrão enfatiza a realidade que tem na sociedade que foi implementado por muito tempo, vem desde 1500 o racismo. Mas de certa forma houve uma melhora, contudo o racismo é estrutural na sociedade, principalmente em ambiente de trabalho porque os negros recebem menos.*

**3. Qual é o propósito do uso de gírias e linguagem coloquial, como “né, mano” “mermão”, na música?**

**Resposta** - *São gírias usadas por pessoas pretas porque acabam vindo da favela normalmente, de pessoas mais pobres que também tem um tipo de questão racial. Elas falando essas gírias, crítica a sociedade.*

**4. Analise a forma como a repetição da frase” A carne mais barata do mercado é carne negra” contribui para o impacto emocional e estético da canção. Considere a performance de Elza Soares e como sua interpretação afeta a recepção da mensagem.**

**Resposta** - *O objetivo dela é falar sobre sua raça que muitas pessoas não respeitam.*

#### **5. QUESTÃO NO PLANO ÉTICO**

**Discuta as questões éticas (de valores) levantados pela música, forçando a crítica ao racismo sistêmico e à desigualdade social. Como a canção desafia os ouvintes a refletirem sobre suas próprias percepções e a sociedade em que vivem?**

**Resposta** - *Faz os ouvintes refletirem como a nossa sociedade é preconceituosa.*

#### **6. QUESTÃO NO PLANO DISCURSIVO**

**Explore como *A carne* dialoga com outros discursos sobre racismo, desigualdade e resistência. Identifique conexões com movimentos sociais, históricos ou outras obras artísticas que tratem de temas semelhantes.**

**Resposta** - *Temos a revolta da chibata que foi um acontecimento que infelizmente acabam mal.*

**7. Como a música *A carne* contribui para a discussão sobre a ética na sociedade contemporânea?**

**Resposta** - *Ela fala no repensar nas nossas ações e nossas decisões, porque a gente começa a tratar as pessoas de forma desnecessária devido a cor de sua pele, então, temos que repensar nesse ponto.*

**Leitura, respostas e falas abertas sobre o poema *Carne de Mulher*, de Jenyffer Nascimento.**

**R1** - *Ela está falando sobre o assédio sofrido pelas mulheres na rua.*

**R2** - Ela pergunta sobre a carne, não como ela falou que vê como pedaço de carne. Vejo que ela também começa a questionar quanto vale, se por quilo. Isso começa a impactar pessoas se vendo como um animal. Que ela fala: Será que é carne de vaca?

**R3** - Ela fala e cita várias vezes a objetificação que a sociedade faz com as mulheres e nisso também coloca o racismo e a objetificação. Assim, as pessoas olham para as mulheres como um objeto que pode ser utilizado. (Nessa passagem, notamos que aluna realizou uma compreensão ativa do poema)

**R4** - Fala do modo que ela olha no espelho e até vestida o povo julga. Não pode sair de roupa curta porque será assediada até com roupa composta, mas povo continua falando.

**R5** - Ela cita meio uma frase da canção de Elza Soares na última estrofe, onde fala " que não é a carne mais barata do mercado, não é a da mulher negra, isso é muito significativo. (Nessa passagem da resposta, identificamos uma relação dialógica entre os sujeitos do discurso).

**Análise das relações dialógicas entre a música de Elza Soares, A Carne, e o poema Carne de Mulher, de Jenyffer Nascimento, com contribuições dos alunos das falas das artistas no campo coletivo e individual.**

**Professor: Falem um pouco das situações éticas e sociais identificadas na música e no poema.**

**R1** - Para ver se o que está acontecendo com a sociedade é algo correto comportamental das pessoas.

**R2** - Porque ninguém vai querer sair na rua e outras pessoas (homens), ficar te olhando como você fosse um pedaço um objeto, aí fica falando coisas contigo obviamente. Você sentiria desconfortável, não iria querer ninguém gostar. (Identificamos nessa fala, um valor, um posicionamento ético e responsivo).

**R3** - O racismo, a separação e imposições da sociedade foi o que vi. (nessa fala percebemos uma compreensão ativa relacionado aos valores que são impostos).

**Texto: Menina Bonita do laço de Fita, de Ana Maria Machado**

**Pergunta: O que chamou atenção nessa história, o que está por traz dessa narrativa? Coelhoinho branco, depois aparece a menininha. Qual é o contexto disso?**

**R1** - *Olha achei bem estranho, porque já tinha lido ele na infância, mas agora vendo a capa os coraçõezinhos, houve alguma mudança da lá para cá.*

**Pergunta:** **Você achou estranho essa história. Por quê?**

**R2** - *Então, vendo você falar ele tem sim, umas problemáticas, é o coelhinho perguntando o segredo da menina para ser tão pretinho, mulato.*

**Pergunta:** **Por que o coelho provocava, qual era a intenção dele?**

**R3** - *Talvez ele queria ser, deu entender que ele queira também ser o pretinho, inclusive se molhou na tinta e, tomou bastante café, tentou várias coisas para tentar ficar como o coelhinho.*

**Pergunta:** **Por que a menina criava essas invenções?**

**R4** - *Porque ela não sabia, o porquê que ela era negra. Aí foi que a mãe a viu, e disse foi por causa da avó dela que ela era preta.*

**Pergunta:** **O que a gente pode extrair desse poema em relação a pontos éticos (valores)?**

**Resposta** - *Sei lá, seria esse negócio do padrão, a ética, será que esse padrão imposto pela sociedade não é um? É um ponto. Que ela estava tentando entrar.*

**Pergunta:** **Será que no poema de Jenyffer, ela não queria resgatar a identidade do povo negro? Ela fala “sem laço”, já Ana Maria Machado fala “com o laço”, as duas têm visões diferentes. Nesse contexto, qual é o posicionamento da autora criadora Jenyffer, então?**

**Resposta** - *É dá para perceber que ela, está falando, aqui nessas últimas estrofes, que quando ela vê essas meninas não presentes, ela lembra dela mesma no passado, ou seja, ela já sofreu, mas foi no passado.*

**Pergunta:** **Por falar nesse passado, ela faz uma ponte com quem? Ela cita uma pessoa, quem é?**

**Resposta** - *Ela fala de ancestralidade, e principalmente a avó.*

**Pergunta:** **Quando ela traz da memória a avó, o que é quem vem ao texto de Ana Maria Machado (Menina Bonita do Laço de Fita)?**

**Resposta** - *A herança cultural que ela fala, né professor.*

**Pergunta:** **Então, nesse ponto, há um diálogo entre os dois textos?**

**Resposta** - *Sim, houve, principalmente a aceitação e resgate dessa cultura. Professor, sobre a sexta-feira de não abrir mão de não vestir branco, devido a tradição da avó, da ancestralidade. Isso pode falar sobre um orixá, né da cultura africana que é o oxalá, isso porque o dia de sexta, normalmente as pessoas usam branco.*

**Pergunta:** **Pessoal, em relação ao poema de Jenyffer (*Menina bonita sem laço de fita*, o que mais chama atenção de vocês?**

**R1** - *Professor, estava conversando aqui com a colega, e tem uma passagem que ela falar, principalmente, quando ela passar na rua e os meninos mechem com ela, e ela gosta, acho que é valorizada nesse ponto, pois é bonita. É uma forma de validação, devido a aparência. Inclusive, já vi pessoas falando que se sentem feia porque nunca foi assediada na rua. Quando elogia, ela se sente autovalorizada.*

*Aluna: professor esse texto de Jenyffer nos emociona e faz nos sentir sensível e reflexiva. (Nessa passagem, notamo o valor estético do poema de Jenyffer.)*

**R2** - *Foi uma história muito breve em relação a tudo que aconteceu. Uma imaginação muito diferente do que é a realidade, tipo como ela fosse forçada.*

**R3** - *É um texto que conversa com o da Jenyffer (Nessa passagem percebemos uma relação dialógica).*

**R4** - *Ele não sabia a origem da cor do coelho (negro) quando soube através da mãe, compreendeu. (Nessa passagem a aluna, percebeu que houve uma ressignificação valorada do processo da ancestralidade).*

**R5** - *Esse texto lembra bem o que as pessoas fazem, hoje, de se apropriar da cor do outro. As vezes na escola, em dias comemorativos, exemplo dos Negros ou Indígenas, os pais pintam as crianças com a cor dessas pessoas que falei. (Nessa passagem, o aluno se posicionou criticamente em relação a exploração que é feita ao povo nativo e negro, de forma responsiva e real).*

**R6** - *Houve uma ganância por parte dele para ir atrás da coelhinha. (Uma interpretação).*

**R7** - *Logo na primeira aula, quando o Senhor (Professor) apresentou o livro *Terra Fértil* de Jenyffer Nascimento, percebi olhando os poemas que tinha um parecido “Menina Bonita do*

*Laço sem fita” que tratava também, de gênero e cor. (Nesse ponto, a aluna antecipou a relação dialógica que tinha os dois textos que a gente iria trabalhar, compreensão ativa).*

**Texto: Menina Bonita Sem Laço de Fita (Jenyffer Nascimento)**

**Professor: O que vocês perceberam nesse poema de Jenyffer Nascimento? É importante que vocês se posicionem. Fiquem à vontade.**

**R1 -** *É dar para perceber aqui que ela, tenta mudar algumas coisas na aparência dela, devido ao tipo de preconceito que ela já sofreu e vê alguém sofrendo. E aí, ela tenta parecer mais bonita para os olhos das outras pessoas né, aí ela tenta entrar no padrão, se encaixar. (Nessa passagem, percebemos a compreensão ativa da aluna.)*

**Professor: Que padrão? O que a sociedade exige ou quer? Explique melhor.**

**R2 -** *É um padrão de beleza que a sociedade exige, tipo ela não gosta do nariz, provavelmente ele, é achatado, por que qual é o padrão de nariz? É aquele fininho, pequeno. O cabelo, ela resolve alisar, provavelmente devido ao cabelo crespo dela. Muita gente faz isso.*

**Professor - Porque o texto de Ana Maria Machado é “com laço” e o de Jenyffer é “sem laço de fita”. Por que essa diferença? Qual é a opinião de vocês?**

**Resposta -** *Porque, queira ou não ela está abafando a negritude dela com o texto de Jenyffer Nascimento.*

**Resposta -** *Acho que é a falta de aceitação dela, com ela mesma, com as suas características, aí ela tenta mudar para se encaixar no padrão que ela quer, e acha que as pessoas vão achar bonito.*

**Professor: O que a gente pode extrair desse poema de Jenyffer Nascimento em relação ao plano ético, ou seja, aos valores e princípios?**

**Resposta -** *Sei lá, seria esse negócio (valor) do eu padrão? Porque, será que esse padrão que ela queria se encaixar não é um valor? pois ela estava tentando entrar.*

**Professor:** Será que Jenyffer não quer resgatar a identidade do povo negro? Porque Ana Maria fala com laço, já Jenyffer sem laço. Que vocês acham? Qual é a visão de Jenyffer, então, e dentro desse contexto que mais valores podemos perceber?

**Resposta** - *É dar para perceber que ela não está falando dela mesma (nas duas últimas estrofes) e aí quando ela vê essas meninas não presentes. Ela lembra dela mesma no passado, não atualmente, então, ou seja, ela já sofreu, mas foi no passado, ela acompanha o presente como é hoje.*

**Professor:** Para vocês, que passado o “eu-lírico” no poema de Jenyffer Nascimento resgata, e, nesse sentido, ela está realizando uma ponte com quem?

**Resposta** - *Os dois textos resgatam os valores culturais que é o passado familiar (ancestralidade) do povo negro. (Nessa resposta identificamos uma relação dialógica entre os textos de Ana e Jenyffer).*

**Resposta:** *Sobre a Sexta-Feira que a poema cita, de vestir branco que é tradição da avó, a ancestralidade, isso pode falar sobre um Orixá, né da cultura Africana que é oxalá, porque o dia de Sexta-Feira é o dia dele normalmente, as pessoas usam o branco.*

**Professor:** O que mais chama atenção de vocês do que a gente já debateu aqui, a partir do poema de Jenyffer Nascimento?

**Resposta:** *Observei uma parte que ela se arruma e os meninos mexem com ela, mas a propria gosta.*

**Apresentação em grupo da música A Carne (Elza Soares) e a Carne de Mulher (Jenyffer Nascimento).** Questões do Questionário entregues.

1) Qual é a mensagem central da música A Carne?

**Resposta:** *A desvalorização do negro na sociedade. Ela fala muito sobre o preconceito, o racismo.*

**Professor:** Dentro dessa resposta de vocês, que sentiram diante dessa música? Como vocês avaliam?

**Resposta** - *Percebi que a música fala muito sobre o preconceito e racismo.*

**2) Como a música utiliza a frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra” para enfatizar a sua mensagem?**

**Resposta** - *Porque ela quer expressar a realidade que acontece no Brasil. Expressar a realidade que acontece na sociedade. Infelizmente, ainda hoje, acontece a desvalorização dos negros, assim, avaliamos que há muito preconceito.*

**3) Qual é o propósito do texto usar as gírias e a linguagem coloquial, como “né”, “mano” “mermão”, na música?**

**Resposta** - *Eles usam essa linguagem para se aproximar da comunidade, pois eles têm mais intimidade. Se identificam com a comunidade que moram, tem mais costume com seu povo, e não com outras comunidades.*

#### **PLANO ÉTICO**

**4) Discuta as questões éticas (os valores) levantadas pela música, forçando a crítica ao racismo sistêmico e à desigualdade social. Como a canção desafia os ouvintes a refletirem sobre suas próprias percepções e a sociedade em que vivem?**

**Resposta** - *A letra confronta diretamente a injustiça e a desigualdade com o povo negro, incentivando o racismo.*

**Professor: Dentro dessa pergunta, vocês como mulheres, como se sentem?**

**Resposta** - *Na minha opinião, nem todas são iguais, nem todas são diferentes, cada uma tem seu jeito único de ser e na minha opinião, branca, negra, tanto faz, não existe cor, forma de cabelo, não existe padrão, na verdade foi a sociedade que fez um padrão.*

#### **PLANO DISCURSIVO**

**Professor: Como A Carne dialoga com outros discursos sobre racismo, resistência. Identifique conexões com movimentos sociais, históricos e outras obras artísticas que tratam de temas semelhantes.**

**Resposta** - *A resiliência. E assim, o racismo não só no Brasil, como no mundo inteiro.*

**Professor:** Vocês conhecem algum movimento social e histórico que aqui no Brasil apresenta essa luta e constrói também diálogos?

**Resposta** - *Hoje em dia não, mas antigamente, sim. Quando os negros eram vendidos, havia uma resistência (História). Hoje, diminuiu mais por várias questões de leis (Como ela não conhece os números das leis que foram criadas, elas citam, grifo meu) que fizeram.*

**Professor:** Como a música *A carne* contribui para a discussão sobre a ética na sociedade contemporânea?

**Resposta** - *Ela faz o debate da discriminação e a mercantilização da vida negra.*

**Texto:** *A Carne*, de Jenyffer Nascimento (Questionário), respostas em grupo.

**Professor:** Como o uso do paralelismo nas estrofes deste poema contribui para transmitir as experiências da protagonista em relação à sua autoimagem e a percepção que os outros têm dela?

**Resposta** - *É que ela se vê como uma mulher normal, só que quando ela saiu na rua, devido aos assédios e julgamentos, ela se sente como um pedaço de carne, algo como um objeto que se usa e joga fora tornando insignificante.*

**Professor** nesse contexto dessa pergunta, como é que vocês, avaliam? Como eu-poético fala, e que vocês como mulheres se posicionam?

**Resposta:** *Nós como mulheres já sofremos o assédio hoje, não somos muito valorizadas pelos homens que eles não tão nem aí. E também como cita o poema, a questão será que a carne vale mais? Vale menos? Se é barata ou tá mais cara? Muitas mulheres de fisionomia corpuda, malhada, é muito objetificada, um pedaço de carne, como retrata o poema.*

**Professor:** Como o poema *Carne de Mulher* explora a ideia de que a protagonista se vê de maneira diferente quando olha no espelho em comparação com a forma como é vista pelos outros nas ruas? Qual é o contraste entre essas duas perspectivas?

**Resposta:** *O contraste é que em casa fica a vontade, se veste como quer e se vê. Ela senti segura em casa, já na rua olham ela com julgamento, assédio falam do jeito que ela anda, se*

*veste roupa curta ou longa. Por conta da cor da pele também, por ser gorda ou magra, tudo é motivo de julgamento.*

**Professor:** Dentro das respostas de vocês. Na família, na escola ou embalada ou festa, vocês já se depararam com isso, essa situação?

**Resposta -** *Já, frequentemente, bom, na rua homens para ser mais específico. Qualquer lugar, homens, eles passam olhares, mexem, assoviam, falando, tipo “Oh, lá em casa”. Toda mulher suporta, da nojo de escutar isso, nós sentimos isso muito na pele.*

**Professor:** Como o poema aborda a questão de gênero e raça? De que forma a protagonista, como mulher negra, é afetada por essa questão na sociedade retratada no poema?

**Resposta -** *É ela já sofre preconceito por ser negra, e ser negra e mulher, é muito difícil, porque a questão de ser negra sofre o racismo, os assédios, aí juntando os dois é muito difícil, muito difícil mesmo. Falam sobre a cor da pele, o julgamento do corpo, de como se veste.*

**Professor:** Como a linguagem e a estrutura do poema contribui para transmitir sua mensagem sobre a objetificação da protagonista?

**Resposta:** *Pela forma que ela usa as palavras, principalmente, em relação ao assédio. Elas se sentem usadas. Vejo também como uma crítica para uma sociedade menor que são o homens, que são misóginos, têm versão as mulheres.*

**Professor:** Qual é o papel da autora Jenyffer Nascimento, ao escrever este poema? Como sua identidade como mulher negra influencia a mensagem do poema?

**Resposta -** *Ela influencia porque ela destaca, por uma experiência própria, não só como uma pessoa negra, como uma mulher, e nisso ela se destaca pelo fato que muitos olham, outras pessoas e a tratam como um animal, mas em casa não. Então, ela destaca o fato do olhar dos outros. Assim, como nós sabemos o machismo sistemático, assim como o racismo sistemático é muito presente na vida das mulheres, pois ele é muito estruturado na sociedade, enraizado de que as pessoas negras é inferiorizadas e são destacadas no lugar menor, no lugar de inferioridade. Assim, como as mulheres. Se você for vê um homem e uma mulher que exerce o mesmo serviço. Elas estão com salário menor, uma total desvalorização e se for negra, então*

*pior, que muitos a colocam para baixo. Como a colega falou, ela não está falando por ela, e sim, representando todas as mulheres numa voz coletiva. (Percebemos nessas respostas algumas categorias de Bakhtinianas e Volochinov, o autor-pessoa (expressando a sua experiência de vida no poema), a compreensão ativa, posicionamentos e interpretações e a voz coletiva de cunho social, grifo meu)*

### **Relações Dialógicas entre a música *A Carne* e o poema *CARNE de Mulher*.**

**Professor:** Qual é a importância dialógica entre o texto literário de Ana Maria Machado, a música e o poema de Jenyffer Nascimento? Como os textos dialogam (conversam)?

**Resposta 1** - *O diálogo entre as obras vem muito por conta da cor da pele, que é mais marcado em ambos, não só pelo gênero que é destacado no poema, mas o que tem ligação com os esses dois, é muito sobre o racismo, pois se você é uma pessoa negra, você se torna inferiorizada na sociedade, como apresenta a letra: “A carne negra, é a carne mais barata do mercado”*

**Resposta 2** - *Na Carne de mulher (Jenyffer), ela enfatiza mais o assédio, a objetificação que a mulher sofre. Já a CARNE (Elza), ela fala mais do racismo, contudo existe um diálogo entre os textos, tem também a questão da ancestralidade, o resgate desse passado nos dois textos. Há um diálogo entre elas. (Nessas respostas, identificamos como chave do nosso projeto, As Relações Dialógicas no poema de Jenyffer Nascimento entre os dois textos literários, como bem frisaram os alunos. Grifo Meu).*

### **Relações Dialógicas entre a música *Carne* e o poema *Carne de Mulher* (questões da tabela)**

**Resposta 1** - *Ambos os textos englobam (dialogam) a questão do racismo (os dois) e a objetificação da mulher. (Poema Carne de Mulher).*

**Professor:** Esse racismo e a objetificação da mulher acontece? Por quê?

**Resposta:** *Sim, diariamente, porque as pessoas são preconceituosas. Os homens não têm um pouco de senso.*

**Professor:** No poema *A Carne* (Elza), o que vocês notaram ali numa perspectiva do eu-lírico?

**Resposta** -*A canção o eu-lírico é coletivo, ela engloba os negros em geral e outras pessoas para alerta o que acontece em geral. Já a carne de mulher é individual para um grupo de mulheres independente de cor.*

**Professor: Em relação ao signo carne, na canção e no poema, como vocês avaliam?**

**Resposta** - *Na canção, há uma desvalorização, preconceito aos negros, Já o poema A Carne, uma objetificação da mulher.*

**Professor: Qual é a mensagem social que se encontra na canção A Carne e no poema CARNE de Mulher?**

**Resposta** - *Há a questão do Racismo sobre as minorias, pobres, favelados que eles são sempre rebaixados.*

**Professor: Isso procede? É um fato? Como vocês avaliam?**

**Resposta** - *É uma verdade a gente vê diariamente. É triste.*

**Professor: Qual é a mensagem social no poema Carne de Mulher?**

**Resposta** - *O desrespeito ao corpo das mulheres que provoca baixo autoestima, quando assediam.*

**Professor: Qual a ação de Resistência pode ser construída na canção A carne e no poema Carne de Mulher, no poema?**

**Resposta** - *Tem que haver sempre o combate ao racismo sistemático.*

**Resposta** - *Tem que haver sempre o combate ao Machismo e ao racismo, porque em ambas as obras, chama muita atenção a isso. Elas querem ser escutadas.*

**Professor: Como a canção A carne, de Elza Soares, usa as técnicas literárias para chamar atenção dos ouvintes e leitores?**

**Resposta:** *Ela usa um tom grave, a repetição com a performance dela, ajuda muito a sensibilizar. Ela se levanta faz gestos, se expressa, coloca para fora o seu ódio contra o racismo. (Notamos nessa resposta um pouco do plano Estético apresentado nas passagens sensibilidade e sentimentos.)*

**Professor:** E quanto ao poema *CARNE de Mulher*, como eu-lírico usa as técnicas literárias?

**Resposta** - *O jeito que ela usa as palavras, ela tonaliza, porque muitas vezes, ela pergunta se seria de vaca. Acho que é naquele momento que ela coloca a emoção do eu-lírico, de ter vivido aquilo ou ter passado essa experiência, é a partir daí que ela entrega a emoção do poema e sensibiliza todo mundo que ler. (Nessa passagem, notamos uma apresentação do plano estético e do autor-pessoa do poema.)*

**Professor:** Como vocês avaliam e se posicionam em relação aos aspectos sociais e históricos da canção de Elza e do poema de Jenyffer?

**Resposta** - *Elas reforçam o fato que há muito tempo, o racismo se perpetua. Mesmo que houve diminuição na escravidão, mas não deixou de existir na sociedade, porque as pessoas negras não superaram esse tipo de coisa e isso, que ela traz o fato de que ainda não acabou, e do jeito que a sociedade ainda anda doente de certa forma, dificilmente irá acabar agora. Então se a gente continuar nesse sistema vai permanecer.*

**Professor:** Precisamos de que para mudar essa situação?

**Resposta** - *As pessoas precisam mudar esse pensamento e que será difícil. Tem gente que nasce ouvindo falar “Preto é marginal” essas ideias, aí eles crescem assim, e para mudar a mente de um adulto é difícil. Nossa esperança é as próximas gerações pensem diferentes, tenham a mente aberta e olhares diferentes, pois ainda existe muita escravidão. Eles querem ter uma classe para inferiorizar a outra e serem superiores, e mostram que são superiores, aí infelizmente. Geralmente, quem vai mais para a cadeia são os negros e obres, pois são desvalorizados. (Notamos através das respostas, uma compreensão ativa e posicionamentos frente aos debates).*

**Texto:** *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado/ Questionário/ apresentação em grupo com algumas perguntas do docente-pesquisador.

**Observação:** Nas questões objetivas, pedi para os alunos apresentarem as respostas e justificá-las. Não foram escritas as perguntas para ganhar tempo devido ao prazo.

**1º) Discuta como Ana Maria Machado utiliza a linguagem simbólica e metafórica em *Menina Bonita do Laço de Fita* para expressar temas de beleza, identidade e diversidade. Como as descrições físicas da menina e as interações entre os personagens contribuem para o entendimento destes temas?**

**Resposta -** *Ela utiliza para simbolizar a cultura do povo negro, principalmente a beleza.*

**2º) Objetiva. Quando a menina inventa respostas sobre como se tornou “pretinha”, o que isso revela sobre sua personagem?**

**Resposta -** *Letra C, ela usa a imaginação para lidar com a curiosidade do coelho.*

**Justificativa:** *Ela não sabia pelo fato de ela nascer negra, pois ela ainda é uma criança. Ela também não conhecia muito da genética, herança.*

**3º) Como a narrativa *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, aborda a questão da herança cultural e familiar na percepção da beleza da menina?**

**Resposta -** *Letra C, mostrando que a beleza da menina é fruto da herança de seus antepassados e deve ser celebrado.*

**Justificativa -** *Porque a beleza dela vinha da descendência da avó, pois a pessoa se sente valorizada.*

**Professor: O que vocês acham dessa questão de manter essa identidade genética?**

**Resposta -** *Ela se sentia mais valorizadas nas raízes da família.*

**Resposta -** *Isso mostra que as descendências têm que ser reconhecidas. (Nessas respostas, notamos uma compreensão ativa, bem como uma ressignificação valorada por parte dos alunos)*

**Resposta -** *Vê também que ele achava bonito a cor preta. Ele procura saber, mas no final, ele entendeu só a herança genética que traz isso.*

**Professor: Quando o coelho descobre a verdade, o que acontece ali?**

**Resposta -** *Ele viu e aceitou, porque não tinha como ele ficar da cor da menina. Ele aceitou porque ele é branco.*

**Resposta** - *E também depois que ele aceitou. Ele quis mudar tipo casar com uma coelha negra e ter filho negros.*

**Observação** - Diante dessas respostas, tive que realizar uma intervenção e explicar aos alunos que ali naquela ação de descoberta da verdade, houve uma *ressignificação valorada*, conforme conceitua Carvalho. A partir das descobertas e do conhecimento da verdade, trazida pela mãe dela, ele (o coelho) teve uma nova concepção de entendimento. Os alunos livres ficaram livres para opinar se concordavam ou discordavam.

**Resposta** - *Concordo, porque tipo a pessoa tem se aceitar do jeito que é, né. E se torna tipo, melhora a beleza. As vezes tenta ser igual as outras pessoas, como ele queria ser igual a menina.*

**Resposta** - *letra B, ilustra a transcrição de explicações fantasiosas para uma compreensão dos descendentes que justifica a identidade racial.*

**Justificativa** - *Por conta que a menina da ideia de como ela ficou preta, pois não teve nenhum embasamento para ela falar aquilo. Depois com a resposta da mãe, muda tudo, tipo da resposta da sua genitora que tipo, a menina era mais fantasia com as respostas e a mãe falou o fato real que estava por trás.*

**Professor: Então, nessa perspectiva, quando a mãe responde, qual é a reação do coelho?**

**Resposta** - *Ele fica sem entender. E não sabia como ela nasceu morena.*

**Professor: Qual era a visão dele antes?**

**Resposta** - *Ele achava que no decorrer da vida, ela ganhava aquela tonalidade, e depois que a mãe responde, ele compreende que houve um fator genético, descobrindo a realidade de ela ter nascido morena.*

**Observação** - Mais uma vez, foi explicado que, nesse processo, houve uma *ressignificação valorada*, a partir da explicação da mãe (os alunos compreenderam e entenderam).

**5º) Qual foi a reação do coelho após ouvir a explicação da mãe da menina sobre a origem da cor de sua pele?**

**Resposta** - *letra B, o coelho aceitou a explicação e entendeu a importância da herança genética.*

**Justificativa** - *Porque ele só entendeu, como ela nasceu morena, depois que a mãe explicou a ela que veio através da arte da mãe dela (avó) se a mãe não tivesse explicado, ele não teria conhecido como ela nasceu morena. Se não fosse a explicação da mãe, ele não teria entendido a ancestralidade da família.*

**Professor:** **Para vocês, isso é um fato real e verdadeiro, no sentido da questão da herança cultural? Como vocês avaliam nessa linha?**

**Resposta** - *É porque só depois da explicação da mãe, ele começou a entender, como ela nasceu preta, porque antes a menina criou mil fantasias, e ele achava que era, como ela falou. Ele testou todas e não deu certo, aí devido a explicação da avó, ele entendeu.*

**história de origem da cor da pele?**

**Resposta** - *Letra C, que a autenticidade e a compreensão da própria herança são fundamentais para reconhecer a beleza.*

**Justificativa** - *É porque pra saber a verdade da beleza, precisa saber de onde veio e de quem veio, as origens. (Nessa passagem, percebemos uma compreensão ativa por parte dos alunos).*

**Professor:** **Queria que vocês dessem as considerações finais sobre o que texto mostra e debate e qual a lição que fica de aprendizagem.**

**Resposta** - *Na verdade, se a mãe não tivesse dito ao coelho que ela nasceu moreninha (neguinha), provavelmente, o coelho nunca iria descobrir que ela nasceu negra por conta da ancestralidade dela. E se mãe não contasse a menina continuaria fazendo fantasias na cabeça do coelho e ele continuaria fazendo fantasias na cabeça do coelho e continuaria testando, pra ele descobrir, como houve. A partir daí vai atrás de uma coelha para também ter filhos pretinhos e outras corresponderão e ele viu a verdadeiro significado da cor dela (negra).*

**6º ) O que a escolha do coelho de procurar uma coelha preta para se casar revela sobre o impacto da história na percepção da diversidade?**

**Resposta** - *Letra B, mostra que o coelho entendeu que a beleza é relativa e que a diversidade deve ser buscada e valorizada.*

**Justificativa** - *Ele entendeu que precisava de uma coelha preta, porque não dar para se tornar preto. Você tem que nascer preto. Isso não vem de qualquer lugar ou de pé de Jabuticaba, isso indica algum tipo de acessibilidade da menina da mãe e da avó. Bem como, ele busca é valorizar a ancestralidade negra, é por isso que ele procura uma coelha negra para se casar.*

**Professor:** **A narradora fala sobre a palavra *diversidade*, como vocês a avaliam no contexto?**

**Resposta** - *Isso pode ser muito amplo para muitos assuntos, para muitas coisas, pode ser a questão racial, pode ser de algum tipo de ele gostar da beleza negra ou de outras cores. Ele admira ela como uma pessoa preta. Ele gosta disso nela. E mesmo que isso não seja, tipo alguém pode gostar de você devido a cor da sua pele, também pode ser um tipo de afeição que ele tem por ela.*

#### **7º) QUESTÃO DISSERTATIVA/ ABERTA**

**Como o diálogo entre a menina, o coelho e a mãe exemplificam o confronto e a ressignificação de valores na obra, especialmente em termos de “SABER” ético?**

**Resposta 1** - *Seria a compreensão da ancestralidade da menina, no qual, ela descobre que é negra por causa da avó dela que foi contada pela própria mãe.*

**Resposta 2** - *É tipo sobre a moral ou valores, e os valores são os pais que implantam, as pessoas que criam, eles são os responsáveis pelas ações (valores) que criam e isso, quando a mãe dela fala o fato dela ter uma ancestralidade que veio da avó, mostra que a mãe explicou e ela conseguiu entender e não falar que ela tomou café ou comeu alguma coisa, ou tinta, nada disso. Assim, nasce um valor para perpetua na família. (Nessa passagem, verificamos que o aluno apresentou e explicou o ponto ético (um valor) no texto).*

**Professor:** **Como vocês avaliam a questão da ressignificação de valores nesse texto?**

**Resposta 3** - *Ela ressignifica os valores dela, quando ela percebe que não é negra porque, ela toma, ou come algo e mergulhou em algo e sim, por causa da ancestralidade dela. Ela aprendeu o valor daquilo. (Percebemos que realmente os alunos entenderam sobre o conceito de Ressignificação Valorada, conforme Carvalho)*

**Resposta 4** - *Um conhecimento novo pra ela, mesmo que ela não soubesse, pois ela vai crescer melhor sobre isso e entender melhor sobre a cultura e toda ancestralidade.*

### **3ª Parte: Transcrição das falas dos alunos/as**

Texto: *Menina Bonita do Laço de Fita* (Ana Maria Machado)

Aspectos Sociais e Históricos

**Professor: O que a gente pode tirar desse texto literário em relação ao aspecto social e histórico? Como vocês avaliam?**

**Resposta:** *Então, é tipo assim, que vendo ou não, a cor dela vem da história dela e de sua família e ela entendendo isso ajuda ela entender e conviver em sociedade. Tipo, ela vai entender sobre isso e sem rancor, pois ela entende que isso veio da avó (ancestralidade), e isso pode ajudar futuramente, quando ela tiver filho, vai ajudar muito ela. Vale lembrar que ela é uma criança, é por isso que ela inventa várias coisas. E mesmo que o texto fale de uma forma mais engraçadinha, é uma coisa que tem forte valor na sociedade, pois mesmo que seja criança e entender sobre isso para não ficar tendo dúvidas ou achando inferior por conta disso.*

**Professor: Como vocês se sentem lendo uma obra dessa, que é uma obra infantil, mas tem um conteúdo forte ali? Como vocês avaliam? Vocês se identificam com essa obra? Como a gente pode trabalhar esse processo na vida real? Falem um pouco.**

**Resposta 1:** *Sim, porque faz a gente ficar por dentro do assunto, pois a questão da menina, é por ela achar que muitos das vezes, ela é...*

**Resposta 2:** *Como é um livro infantil ajuda as crianças entenderem melhor sobre isso. Então, acaba que crianças que são negras, podem se sentirem: “oh! meu Deus como queria ser branca, isso tende a entender melhor esse tipo de ação a sua cultura da ancestralidade. E muitas das vezes a pessoa escolhe descendentes da família e muita das vezes a mãe pode ser branca e o pai moreno, e aí vem puxado dos dois.*

**Professor: Então, esse resgate cultural familiar é uma forma de quebrar preconceitos também?**

**Resposta 1:** *Sim, o resgate cultural é uma forma de quebrar preconceitos, pois ajuda a criança entender melhor sobre isso. A criança não nasce sabendo de tudo, ajuda ela entender que não é como adulto. E também tem muita gente que tem a cabeça fechada, e os pais, não ajudaram elas abrir a mente e acabam se tornando pessoas preconceituosas.*

**Resposta 2:** *Bem como os familiares não ajudam por conta que os comentários deles são racistas. Então, acho que influencia um pouco também.*

**Professor:** **O texto *Menina Bonita do Laço de Fita* estabelece uma relação dialógica com o texto *Menina Bonita com Laço de Fita*. Considerando o trecho inicial, como o eu-poético utiliza o título para contrastar e expandir a narrativa do poema original, abordando a questão de identidade e autoaceitação?**

**Trecho:** **“Laço de fita nunca botou no cabelo. A menina só quer ser bonita”. Façam uma explicação.**

**Resposta 1:** *É que meio ela quer viver um padrão na sociedade, né, e acaba esquecendo as suas raízes, um padrão que não deveria existir.*

**Resposta 2:** *É um padrão naturalmente que não poderia existir porque muitas mulheres ou meninas ou adolescentes, geralmente, esses jovens não se aceitam como eles são. Ex: Ah! Ela tem um cabelo liso igual ao dela, ou crespo. É uma comparação entre as meninas na sociedade, por isso que é chato existir esse padrão.*

**Resposta 3:** *Então, isso acaba que ela, fica preocupada com o padrão e criando um alto racismo em si mesma sobre seu nariz, cabelo, querendo alisar entre essas coisas. Mesmo que ela goste do cabelo dela, a sociedade acaba criticando, falando coisas que ela não gosta do cabelo dela, e tem algo de errado nisso. Ai fica parecendo um ritual que toda semana quer alisar seu cabelo.*

**Resposta 4:** *Ela não consegue se alto aceitar por causa dessas críticas e é julgamento da sociedade.*

**Professor:** **Muito bem, vejamos só, dentro desse contexto, existe um diálogo entre os textos literários de Ana Maria Machado, *Menina Bonita com o Laço de Fita*, e o da Jenyffer Nascimento, *Menina Bonita sem Laço de Fita*. Nesse diálogo, qual é o ponto que as duas divergem e chegam a um lugar comum?**

**Resposta 1:** *É porque em um texto as pessoas elogiam a menina (*Menina Bonita do Laço de Fita*). Já o outro meio que desprezam do jeito que ela é (*Menina Bonita do Laço de Fita*), por*

*isso, que ela acaba criando essa rivalidade da cabeça dela de não se aceitar, da não autoaceitação, mas os dois trabalham o assunto do racismo.*

**Resposta 2:** *Os dois textos literários trabalharam como se estivessem na infância e na adolescência, nessa fase ela já entende mais das coisas na sociedade e aí ela está ficando mais aberta para novas opiniões e acaba que muitas opiniões são maldosas e não vão ajudar ela e acaba pegando isso para si mesma e que a sociedade coloca muitos padrões e nisso, ela por ser uma menina adolescente, muito nova, acha que isso é o certo e tem que seguir o padrão, pois ela fazendo isso, as pessoas não vão gostar dela, não vão olhar para ela ou até mesmo ela acabará sendo excluída da sociedade. (Através das respostas dos alunos percebemos que eles tiveram uma compreensão ativa dos textos, se posicionando, identificando uma ressignificação valorada, principalmente, na imposição de padrões que é imposto pela sociedade, e colocam como saída a autovalorização da sua beleza natural. Quanto as relações dialógicas, nota-se que houve uma identificação na temática do racismo que os dois abordam, conforme resposta dos alunos.)*

**Professor: Vocês conhecem pessoas brancas ou negras que não se aceitam, ou pela cor ou estatura, e como elas reagem?**

**Resposta1:** *Conheço e inclusive, a família conversa muito com essa pessoa só que. Ela não se aceita desde criança, entende por ser negra, não se aceita e a família conversa, mas ela não entende e não se aceita do jeito que é.*

**Resposta 2:** *Não dá para entender, porque pessoas mesmo acaba, tipo, pessoas pretas pequenas, normalmente parentes, mas não conseguem cuidar do cabelo, ou acha feio, e coloca química na cabeça das crianças, aí acaba achando que isso é o normal, o certo. E muitas vezes pessoas da família, mesmo acaba sendo racista e falando coisas para essas pessoas é como fosse da família, ela pegando para si mesmo, achando que isso é normal, e algumas pessoas pretas tentam embranquecer ao máximo, é pintar cabelo fazer cirurgia plásticas entre outras coisas e quando as pessoas falam e recebem insultos, ficam com raiva de si mesmo devido ao fato da cor da sua pele praticando algo racismo sistêmico.*

**Resposta 3:** *Ainda sim, é questão, eu acho que a família conversa hoje por, as pessoas precisam conversar mais e precisam tocar nesse assunto (autoaceitação como é), não sei como essa pessoa foi criada na infância e eu não possa dizer que as coisas estão erradas por se*

*aceitar. Mas, tudo bem, querendo ou não, e não sei da forma que ela foi criada e dos comentários que ela recebeu na infância.*

**Professor:** Nós trabalhamos os dois textos literários com algumas temáticas. Como vocês avaliam as temáticas da comunidade LGBTQ+; Pessoas especiais, pessoas em situação de rua, povo nativo, entre outros, ou seja, as minorias nesse país? Quais são os posicionamentos (contra ou a favor) de vocês frente a esses temas na sociedade? (Debate amplo)

**Resposta 1:** *É realmente isso para a sociedade nunca e nada está perfeita, tipo se você for uma pessoa LGBT acaba que a sociedade acaba lhe massacrando tanto que você acha que isso é errado, e você acaba fazendo de tudo para não achar que é erro seu, isso não interfere em nada no seu caráter, pois ele é seu. Você pode ser negra, branca, parda se você não tiver caráter, você não terá nada.*

**Resposta 2:** *As pessoas da sociedade deveriam se colocar no lugar dos outros( empatia), porque se você for trocar os papéis, aquela pessoa, exemplo, eu quero ser gay, apesar que não é a pessoa que escolhe que ela é, mas é se aquela pessoa se colocassem no lugar e eu ficasse por exemplo, tipo de chacota, a pessoa não iria gostar, tanto que que ela deveria se colocar no meu lugar, porque é o/a nossa sexualidade, vai escolher, a partir do momento que a gente já tem entendimento sobre isso, então, literalmente, não é a gente que escolhe, bem o que a gente quer ser, sobre o nosso ser, né, não tem muito o que fazer.*

**Resposta 3:** *Sexualidade é tipo cor da pele, você não escolhe, você nasce sendo.*

**Resposta 4:** *Eu acho assim, que sexualidade, é algo que não se discute porque se a pessoa quer ser o que ela é, deixa, respeite. Não tem o que ficar discutindo, exatamente, do mesmo jeito que eu respeito você. Precisa respeitar também, não é ficar falando sobre coisas, para não afetar a mente das pessoas, o psicológico, oh! também, deixa a sociedade criticar, faça a sua parte.*

**Resposta 5:** *Então, eu não concordo ( posicionamento contrário a da colega) da parte que ela falou “você quer ser gay, ok”, mas no caso, você não escolhe, eu não acho que seja algo de você escolher e também, você tem que auto se aceitar da maneira que você é, só que não, acho que as pessoas, deveriam cobrar muito das pessoas que têm que parar com essa homofobia com esse racismo, e assim, infelizmente, não temos que controlar a mente de outras pessoas e as opiniões dela também, mas é isso, acho que primeiro vocês têm que se aceitar e depois, você*

*vê a opinião dos outros se vale a pena ou não. (Através desses posicionamentos a favor ou contrário sobre um tema mais amplo, percebemos nos enunciados dos alunos uma compreensão ativa, ressignificação valorada que perpassam na sociedade)*

**Professor:** A busca por validação externa é um tema recorrente. Como o eu-poético retrata a invisibilidade social da personagem e sua consequente luta por reconhecimento dentro da estrutura escolar e social?

**Trecho para análise**

**“Querida que os garotos**

**A olhassem na escola**

**Mas dia após dia**

**Ela parece invisível”**

**Resposta 1:** *Que pra ela ser bonita tem que dar atenção pra ela. Mas, mesmo assim, ela fica invisível. Então, é isso, mesmo ela se arrumando e se achar bonita.*

**Resposta 2:** Ela procura a própria aceitação em outras pessoas.

**Professor:** Diante das respostas de vocês, como avaliam? Isso realmente acontece na sociedade. Por quê?

**Resposta:** *Sim, acontece porque o povo liga muito para o padrão que a sociedade impõe. Um padrão de beleza.*

**Professor:** Essa cobrança da sociedade é com todas as mulheres ou algumas?

**Resposta:** *Algumas, professor, eu acho porque têm umas que não ligam muito os que os outros pensam.*

**Professor:** E vocês, como mulheres, concordam com esse padrão imposto ou discordam. Por quê?

**Resposta:** *Discordo, porque cada pessoa tem que aceitar do jeito que é. Não devemos ligar com que os outros pensam.*

**Professor:** O poema faz uma transição para a aceitação e a valorização da herança cultural. Discuta como o eu-lírico utiliza a tradição de vestir branco para simbolizar uma reconexão da personagem com sua ancestralidade.

**Trecho para análise:**

“Sexta-feira não abre mão

Vestir de branco é tradição

Sua vó lhe ensinou assim

Vivendo a ancestralidade

Essa não pode negar.”

**Resposta1:** *Que desde pequena, ela tem que fazer um ritual, tipo assim de branca.*

**Professor:** Por que esse ato de vestir branco?

**Resposta:** *Por causa da ancestralidade devido a família que ela quer seguir.*

**Professor:** O que vocês acham disso, de fazer esse resgate ancestral?

**Resposta:** *É bem, porque ela está dando continuidade a origem da família, que é africana, né? é isso.*

**Professor:** Quando a gente resgata essa herança cultural, nós valorizamos a identidade? Nós levantamos algo consanguíneo da família? Quais as consequências para essa atitude ser benéfica?

**Resposta:** *Acho, que é positivo essa tradição, porque o coelhinho fez um filho ou ele próprio ser preto. Só que ele descobriu que não adiantava tomar café, pois para ele ser preto, é algo genético de família foi uma descoberta. E que o coelhinho entendeu que pra ele ser pretinho é de genética de família. Ele não podia ser preto, ele não tinha uma descendência da família.*

**Professor:** No fechamento do poema, o “eu-lírico” antevê um futuro empoderador para a personagem. Como a projeção de se tornar uma “futura Rainha Nagô” reflete uma jornada de autodescoberta e empoderamento, e de que maneira isso representa o ato criativo do autor ao tecer essa narrativa poética?

**Trecho para análise:**

“Menina bonita, sem laço nem fita

**Tenho certeza**

**Eu ainda vou te ver brilhar**

**E seu cabelo crespo reinar.**

**Futura Rainha Nagô”.**

**Resposta:** *Que ela se aceite do jeito que ela não precisa fazer ritual para se sentir bonito. Do jeito que ela nasceu, ela é bonita, tipo se ela tem cabelo crespo, ela não pode alisar para seguir o padrão da sociedade.*

**Professor:** **Vocês, estabelecendo ou fortalecendo, aliás, o poder feminino vai se empoderar? Haverá uma autovalorização para ela?**

**Resposta:** *Acho que sim, porque ela vai se aceitar do jeito que ela é, não precisa fazer coisas para ela se sentir no padrão.*

**Professor:** **E vocês, como mulheres negras bonitas, vão ouvir mais a sociedade ou se posicionar frente a essa temática ou seus conceitos de valores apreendidos na vida? Por quê?**

**Resposta:** *A gente, pensa os valores, tem que aceitar do jeito que a pessoa é. Não ligar o que os outros falam, e sim, o que nós pensamos sobre isso.*

APÊNDICE D - Textos: Canção *A Carne*, de Elza Soares, e o Poema *CARNE de Mulher*, de Jenyffer Nascimento

Atividade de Experiência Responsiva das artistas Elza Soares e Jenyffer Nascimento

Refleta sobre o processo de Criação Estética:

**Professor:** Quais aspectos temáticos e estilísticos do texto artístico-literário foram explorados para dialogar em sua criação estética (produção-artístico-literário)?

**Resposta 1:** *O Texto literário, ele foi construído com função artística.*

**Resposta 2:** *O texto de Jenyffer Nascimento, é que querem mudar o jeito de ela se vestir ficam criticando ela. Falam que ela só é um pedaço de carne.*

**Professor:** Como esses dois textos literários dialogam entre si? Qual é a linguagem que elas usam para dialogar, além da temática? Como a parte estética (sentimentos, sensibilidade, estilo) entram aí?

**Resposta:** *As duas autoras estão dialogando até porque hoje em dia as mulheres sentem isso, né são todas, mas têm outras que são assediadas.* (Nesse ponto, percebemos que os estudantes apresentaram uma relação dialógica entre os enunciados dos textos.)

**Professor:** Dentro da pergunta anterior, vocês acham que tanto a cantora Elza Soares (*A carne*) quanto a poetisa Jenyffer Nascimento (*CARNE de Mulher*), como mulheres pretas, passam por isso, também? As duas estão dialogando entre si? Por quê?

**Resposta 1:** *Acho que sim, né, porque hoje em dia as mulheres sentem isso, né não sei se todas, mas tipo algumas que eu já ouvir falar na cidade.*

**Resposta 2:** *Também eu me coloquei no lugar delas pra saber, tipo assim, que elas sofrem por abordar a carne de mulher.*

**Professor:** Qual foi o aspecto mais desafiador ao criar sua resposta? Como você superou as dificuldades para criar o seu texto artístico-literário. De que forma?

**Resposta 1:** *Eu também me coloquei no lugar dela pra saber tipo, assim que ela sofreu por abordar a carne de mulher. Um pedaço de carne e tipo analisando eu, aí fui analisando as palavras na outra e criei.*

**Resposta 2:** *A dificuldade que eu tive de responder o lado artístico e literário, tipo, você não consegue se colocar no lugar dela de como ela sofreu. Se as pessoas pararem para analisar e tipo, as pessoas entendem, aí consegui criar a resposta.*

Professor: De que maneira a sua escolha do eu-lírico influenciou o desenvolvimento de sua obra?

**Resposta 3:** *Ela passou por situações das mulheres, e na mesma situação que elas, e isso, ela (Jenyffer) tentou explicar as situações das mulheres que passam nessa situação, como elas fossem um pedaço de carne. (Nessa passagem notamos a influência do autor-pessoa na construção do poema através das respostas apresentadas)*

**Professor:** Quando vocês leram o poema de Jenyffer, o que vocês perceberam, a exemplo da linguagem? Esse poema pode dialogar com outro gênero, também? Qual? Por quê?

**Resposta:** *Eu acho que ela tentou construir esse poema nessa linguagem para avaliar que se iria dar certo, e aí criou o poema. Ou às vezes, muita gente apoia ela e nisso para ajudar os outros, tipo família, amigos. Têm outros poemas, que tratam desse assunto, conheço alguns, exemplo o poema “A Imagem no Espelho de Estefania” Tabata e Reforma de Henrie Reis que li ano passado com a professora. (Nessas respostas, verificamos a apresentação da relação dialógica que o poema Carne de Mulher de Jenyffer e esses poemas que foram citados pela estudante).*

**Professor:** Como você vê a criação dialógica entre a criação original do texto *Menina Bonita com Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, e o poema *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Jenyffer Nascimento? Que novos significados e questões surgiram nesse processo?

**Resposta1:** *Acho que não mudou quase nada, os temas também foram a mesma. Mudou foi a estrutura(forma) de um para com o outro. E os títulos, um COM outro SEM.*

**Resposta 2:** *É como ela criasse outro texto pra conseguir falar e ajudar as outras mulheres e construir conversas (diálogos). Ela tenta diferenciar os dois textos. (Nessa passagem, percebemos uma compreensão ativa por parte dos estudantes e apresentação de uma relação dialógicas entre os textos)*

**Professor:** Vocês perceberam esse diálogo nos textos. Por quê?

**Resposta:** *Sim, para diferenciar menina bonita com laço de fita e menina bonita sem laço de fita, eles apresentam assuntos iguais, mas o primeiro fala mais do racismo do negro já o segundo a inferioridade que as mulheres negras passam, ela não aceita a beleza que tem.*

---

#### **4ª Parte: Transcrição das falas dos alunos/as**

##### **Questionário sobre a música *A Carne* (Elza Soares) e o poema *CARNE de Mulher* (Jenyffer Nascimento)**

Atividade Responsiva de Produção Textual-Discursiva

Procedimentos da atividade responsiva:

1º - Escolha se sua resposta será a do poema ou a da música. Decida se usará um eu-lírico coletivo, representando uma voz comunitária, ou individual, focando em uma experiência individual.

2º - Desenvolva sua obra refletindo sobre os temas de desvalorização e objetificação. Tente incorporar elementos estilísticos ou simbólicos discutidos nas análises.

3º - Considere como sua resposta dialoga com a obra original, seja através de contraponto, ampliação do tema ou oferecendo novas perspectivas.

#### **Resposta 1**

##### Mulheres nas ruas

Em casa me sinto mulher

Mulher de verdade

Mulher empoderada

Mulher linda

Já nas ruas sou vista,

Como objeto

Como brinquedo

Posso estar bem vestida, composta  
Mas nas ruas é bem diferente  
Sou como um brinquedo para uma criança.

## **Resposta 2**

### A desvalorização

No espelho vejo meu reflexo cansado  
Marcas de uma vida de desvalorização  
Objeto tipificado, reduzido a um mero dado  
Minha essência perdeu na solidão.

Sou mais do que um corpo a ser admirado  
Minha voz ecoa em busca de libertação  
Não serve, mas é um ser manipulada  
Reivindico meu espaço com determinação

Na obra original espero minha luta  
Contra a agressão e a injustiça absoluta  
Rompemos correntes, buscando a verdade  
Não serei mais silenciada, nem julgada

Meu ser é forte, minha alma é sagrada  
Ergo-me em resistência  
Busco a igualdade, minha alma é sagrada.

## **Resposta 3**

Quando saio na rua com minha irmã  
É péssimo, homens sempre fazem questão  
De fazer alguma gracinha, isso é  
Super desconfortável.

Porém, eles acham que estão arrasando  
Parecem que estão olhando para um pedaço de carne  
Sem sentimentos e utilidade  
Homens não ligam para a gente, só querem suprir o desejo e impor o seu ego.

#### **Resposta 4**

##### Perdida

Ao se olhar no espelho não se via  
Como se via antigamente  
Depois de várias críticas contra si mesma  
Já não acreditava que se arrumar deixava bonita

Já não acreditava que fazer um penteado  
Fazer as unhas se arrumar mudava  
As opiniões das pessoas sobre ela  
Ela foi mudando aos poucos o seu jeitinho

De ser para que as pessoas gostassem dela  
E aceitassem ela como é  
O brilho dela foi se apagando  
E não queria chegar perto das pessoas

Com medo de julgá-la como as outras.

#### **Resposta 5**

O olhar do mundo com as pessoas magras

Neste mundo de olhares, magra és vista,

Julgamentos sem compreender a tua luta.  
Mas tua beleza, além da estampa fina,  
Residi na força que em ti se destina.

Magreza não define a tua essência,  
Nem teu valor, nem a tua presença.  
Em cada curva e traço, és singular,  
Um ser de luz que brilha no olhar.  
Não te deixes abalar pelos olhares vãos  
Pois és completa em todos os teus planos.  
A magreza é só um aspecto exterior,  
O que importa é o teu ser interior.

**Resposta 6** (de uma aluna negra com cabelos crespos)

Espelho da Vida

No espelho da vida uma história se desenha,  
Inspiração na jornada “Menina bonita SEM laço de fita”  
A lição que reivindica, uma aprendizagem.

No segundo passo, um ser em comparação,  
Dificuldades vividas, sombras da aceitação.  
Notas tomadas, a narrativa delineada,  
Cidade de comparação, insegurança, uma jornada marcada.

Perspectivas entrelaçadas, vozes a ressoar,  
A visão do indivíduo, amigo, familiares a ponderar.  
Cada pensamento, um eco no coração,  
Do pesar da comparação a luz da autoaceitação, a redenção.

No esboço da história, nuances a explorar,

Momentos de sombras, reflexão a brotar.  
Passos hesitantes, até a dança da descoberta,  
Percorrendo caminhos, o eu autêntico desperta.

Do poema emerge a melodia da compreensão  
Versos entrelaçados, eco da transformação,  
Internos pensamentos, na dança da existência  
Da comparação a aceitação, a jornada da consciência.

Revisão atenta, a mensagem a lapidar, clareza e impacto,  
Para o leitor tocar, na partilha da vida.  
Extravagâncias do uso das perspectivas,  
A história ganha vida na poesia reflexiva.

Discussão rica, na sala de ideias a florescer,  
A importância da autoaceitação a se perceber.  
Cada palavra, uma luz na escuridão,  
No palco da vida, a comparação perde a razão.

OBS: Esse poema está ligado à vida e à existência da aluna, há poesia, uma linguagem carregada de sensibilidade, sentimentos e figuras, além disso, há nele uma relação dialógica com o poema de Jenyffer Nascimento, *Menina Bonita Sem Laço de Fita* e responsivo.

**Resposta 7** (aluna branca)

É cedo da manhã, todo dia um desafio para mim,  
O céu está azul, as nuvens são braços estendidos,  
O sol também está a nos observar,  
Sinto-me escuro de dentro.

O mundo não é o mesmo para mim,  
As pessoas me olham de lado, com repulsa.

O mundo me deixa com medo, insegurança e tristeza.  
Parece que não posso ser quem eu sou,  
Ser feliz, ser livre, viver a vida calma.  
Tenho medo de ser repreendida, julgada,  
Medo de ser colocada em risco,  
Tratada como diferente, um qualquer.

Tenho medo, medo, medo de caminhar na vida  
E toda minha paz de espírito é longa,  
Eu queria apenas a felicidade,  
Quero ser amada por todos.

Ser quem eu sou, sem medo, um ser verdadeiro,  
Ser aberto ao sol, ao mundo, ser de coragem,  
Mas o mundo me impede de andar,  
Ele me coloca em julgamento toda hora.

Minha alma quebra, mas tenho que seguir em frente,  
Não quero ficar triste, não quero ser diferente  
Quero ser eu mesma, é o que eu quero,  
Ser verdadeiro, ser feliz, como um rio sereno.

Como um pássaro livre todos os dias,  
O sol brilha e tenho repensado a vida.  
O dia nasce, mas só penso ir para escuridão,  
Lá poderei viver à vontade, sem cobranças.

Observações: Os poemas apresentados há uma existência com a vida dos alunos/ as, pois tocam a sensibilidade, os sentimentos, algo que é comum ao outro, neles existem poesia, a linguagem é carregada de figuras e sentidos. Além disso, há uma relação dialógica com os textos literários de Jenyffer Nascimento de forma responsiva, conforme Bakhtin defende

## APÊNDICE F - Atividade: Compartilhamento da Experiência Responsiva Artística

**Tópico I** - Caro aluno/a, nessa atividade, você irá apresentar e discutir como foi o processo de criação. Fique à vontade, usando o plano artístico, pois enriquecerá a compreensão coletiva dos temas explorados durante os objetos culturais vistos e criados. Lembre-se de destacar a arte como forma de diálogo e expressão pessoal e social.

**Resposta 1:** A minha escolha me ajudou bastante, pois através do diálogo consegui desenvolver o texto e expressar a minha opinião sobre os temas abordados nos textos literários.

**Tópico II** - O texto literário, a música de Elza Soares, *A Carne*, expressou o racismo estrutural, a desigualdade social e a objetificação da mulher da comunidade negra. Já no texto literário, o poema *Carne de Mulher*, de Jenyffer Nascimento, o eu-lírico expressou como a mulher negra é apresentada e vista pela sociedade: desvalorizada e objetificada. Diante desse contexto, produza um texto, apresentando, também, como é vista a comunidade LGBTQ+, Pessoas Especiais, julgamentos de padrões de beleza, magro ou gordo, alto ou baixo, intolerância religiosa, também praticada, pessoas de situação de rua, entre outras situações. Através da produção do seu texto, conte experiências que aconteceram dentro de sua casa ou com familiares ou até com você mesmo. Apresente reflexões e posicionamentos dentro desse cenário de exclusão desses segmentos pela sociedade. Fique à vontade.

**Resposta 1:** Assuntos como esses são delicados, pois abordam violência, intolerância, julgamentos em relação à aparência. Pessoas LGBTQ+ são vistas na sociedade como pessoas “nojentas”, pois gostam de pessoas de outro gênero, mulheres, homens trâns, são as que mais sofrem preconceito, chegam até mesmo a serem agredidas nas ruas por conta de sua sexualidade. Já em relação a pessoas especiais, elas são vistas como malucas/doidas pela sociedade. Em relação aos padrões de beleza que a sociedade impõe é muito preocupante, pois as pessoas (principalmente os jovens) começam a desenvolver distúrbios, baixo autoestima e entre outros fatores. Muitas das vezes, esses jovens são considerados pessoas com a mente fraca, e que eles “precisam” de Deus na vida deles. Portanto, é de extrema importância abordar sobre essas temáticas. A sociedade tem que respeitar todos igualmente.

**Resposta 2 (Tópico I):** Para criar o meu pequeno texto, eu li o poema mais de uma vez para compreender sobre os assuntos em questão. Falei sobre os fatos e valorizei as mulheres no meu pequeno texto.

**Resposta 2 (Tópico II):** Muitas pessoas da sociedade não respeitam outras religiões, por acharem que o caminho daquela não é o correto, ou até mesmo achar que todos nós deveríamos seguir uma única religião. É triste ver o preconceito que as pessoas têm com algumas certas religiões, falo isso porque sofro na pele por ser evangélico, precisamos respeitar todas as religiões, independente do seu caminho e sua crença. Alguns acham que é errado, acreditar em espíritos, santos, deuses, etc. Outros, julgam as pessoas que seguem aquela religião, observam o modo de vestir, de caminhar, e criticam muito sobre a religião dos outros.

**Resposta 3 (Tópico I):** A criação da minha obra foi trabalhosa, mas sincera e direta, pesquisas foram feitas para que tivesse coerência, verificando o diálogo entre os textos literários.

**Resposta 3 (Tópico II):** Os padrões impostos pela sociedade são desnecessários e cruéis, passei muito tempo vendo meu corpo como se ele fosse feio e inválido. Ouvindo o que não deveria, principalmente, para uma criança que era na época. A sociedade oprime de forma assustadora, lhe deixando sem ares, lhe pisando com toda força. Isso diz muito sobre a criação de todos, criando raízes discriminatórias na cabeça dos mais novos, fazendo com que eles cresçam nos diminuindo em sua cabeça, e tornando isso natural.

**Resposta 4 (Tópico I):** Para criar o texto, eu tive que entender um pouco mais do poema, pois não é algo fácil de se entender, muito menos de se expressar. O Professor deixou a gente ficar à vontade para falar sobre os poemas, e também assistir histórias de pessoas que sofreram a exclusão na sociedade.

**Resposta 4 (Tópico II):** Apesar de ter alcançado muitas conquistas ao longo dos anos, a população LGBTQ+ ainda enfrenta desafios diários. Muitas pessoas LGBTQ+ sofre por causa da sua sexualidade. Hoje, o movimento LGBTQ+ abrange diversas orientações sexuais e identidades de gêneros de modo que, mesmo sem uma organização central, promove diversas frentes de lutas pelos direitos civis da comunidade. Já a intolerância religiosa gera malefícios para a

sociedade. Ela é caracterizada quando alguém não reconhece ou não respeita a religião ou a crença do outro. Uma prática que deve ser combatida porque traz à tona falta de liberdade, respeito e diversidade. Um fato importante é o julgamento de padrões de beleza, que hoje em dia muitas pessoas se importam com que os outros falam, se preocupam se estão magro ou mais gordo. Através disso, que muitas pessoas são vítimas de bullying, como pessoas com deficiência que também são vítimas. Uma experiência que eu tenho, certo dia, olhei no espelho e não gostei do que eu, me sentir muito magra e não queria aceitar aquilo.

**Resposta 5 (Tópico I):** Foi um processo bom e delicado, pois sinto que esses assuntos (temas) são bem importantes e acredito que a criação dos textos literários me fez refletir bastante sobre a vida.

**Resposta 5 (Tópico II):** A comunidade LGBTQ+ é muito discriminada e marginalizada diante da sociedade, ainda mais em periferias, interior, lugares pequenos, entre outros. As pessoas de mente fechada acredita que sua sexualidade é alguma escolha, mas isso tá bem longe da realidade ninguém escolheria sofrer diariamente, tiro por mim, que tenho orientação sexual homossexual, ser expulso de casa, por algo que você não escolheu apenas nasceu assim, ser espancado na rua por sua sexualidade, ser alvo de piadas, deboche, ofensas e inúmeras coisas. Portanto, a homofobia no Brasil, se torno algo comum, coisa que não deveria acontecer. Nós, merecemos respeito e não, somos diferentes de ninguém, chega de homofobia, dizer seguir alguma crença pra ser homofóbico, é repugnante e totalmente nojentoso, não usem o nome de Deus para despejar seu ódio e sua ideologia atemporal. Diga não a homofobia.

**Resposta 6 (Tópico I):** O processo de criação do texto foi que eu li várias vezes a letra da canção até entender, compreender e depois aplicar e usei a sociedade em que vivemos hoje como construtora da desigualdade social.

**Resposta 6 (Tópico II):** Nos dias de hoje, a desigualdade social vem sendo muito comum, muitas pessoas vão sendo desvalorizadas, por exemplo, pelos padrões de beleza, eu vejo muitas pessoas sofrendo bullying por serem gordas ou magras, altas ou baixas, é comum ver isso, muitas pessoas julgam pelo padrão de beleza das outras, eu já passei por isso, foi uma fase difícil mas, eu superei e não ligo pelo o que as outras falam ou pensam de mim, eu recomendaria as outras pessoas que estão sofrendo bullying ou estão sendo desvalorizadas fazerem o mesmo o que eu fiz, não se importarem com o que as outras falam de você, seja você mesma, nem todo

mundo é perfeito do jeito que é. Caso se sentir incomodado procure alguém que possa te guardar, isso tem que acabar, muitas pessoas tão tirando a vida, por causa de outras pessoas, estarem fazendo bullying, as pessoas tão deixando de amar a si mesmo e não estão ligando mais para as próprias vidas, por isso, cresce a desigualdade, o bullying, a homofobia, isso precisa acabar de uma vez.

**Resposta 7 (Tópico I):** No processo de criação, utilizei plano artístico para explorar e expressar os temas de forma mais profunda e significativa, analisando os textos literários.

**Resposta 7 (Tópico II):** Como você consegue dormir e acordar bem? Sabendo que você é uma pedra. Bem, família não lhe conhece de verdade, pois se conhecesse se abriria e chamaria para conversar. Isso é algo que algumas pessoas vivenciam diariamente, com frases desumanas. Falar sobre uma religião que você não se identifica, porque você nunca será feliz assim. Não respeitariam a sua religião e nem orientação, isso é algo que eu passo em casa, é real.

**Resposta 8 (Tópico I):** Então, foram aulas bem bacanas, porque eram textos que trabalhavam as realidades vividas pelas pessoas. Na produção tive dificuldade em interpretar algumas questões, mas o professor me orientou como responder, já a escrita como é poemas, trouxe algumas figuras de linguagem que estudei o ano passado, como as metáforas, me coloquei no lugar delas, pois já passei por isso. No geral, foi muito bom as atividades trabalhadas.

**Resposta 8 (Tópico II):** São temas muito importantes e complexos. A exclusão de diferentes grupos sociais é um problema sério, que precisa ser enfrentado. Cada pessoa tem sua própria experiência e deve lutar contra esses absurdos. É essencial ter a empatia, o respeito e a diversidade. Todos nós merecemos ser tratados com respeito, independente de sua sexualidade, aparência física gorda ou magra, e também não podemos julgar a religiosidade de ninguém, nem da raça, “cor”, não podemos fazer *Bullying* com ninguém, dizer que tá magro, gordo por isso, traz trauma, ansiedade e depressão, afetando o psicológico de qualquer ser humano, nenhuma mulher deve ser desvalorizada e feita de objeto, nenhum ser humano merece sofrer absurdos em lojas, escolas e principalmente nas ruas. Nenhum *gay* merece sofrer homofobia, nem as sapatão merece, na verdade ninguém gosta de pessoas por ofensas desse tipo.

Observações: Através das respostas dos alunos, notamos que eles apresentaram uma compreensão ativa de forma responsiva no plano dos enunciados e na construção no plano artístico e expressivo, bem como nos seus posicionamentos frente às questões levantadas, formando, assim, valores.

---

### **Interação oral discussão das relações dialógicas entre os dois textos:**

**Professor-** O texto literário que, a música de Elza Soares, *A Carne*, expressou o racismo estrutural, a desigualdade social, a objetificação da mulher da comunidade negra. Já o texto literário, o poema *Carne de Mulher*, de Jenyffer Nascimento, o eu-lírico expressou como a mulher negra é apresentada e vista pela sociedade: desvalorizada e objetificada. Diante desse contexto, produza um texto, apresentando, também, como é vista a comunidade LGBTQ+, pessoas especiais, julgamentos de padrões de beleza, magro ou gordo, alto ou baixo, intolerância religiosa, também praticada, pessoas em situação de rua, entre outras situações. Através da produção do seu texto, conte experiências que aconteceram dentro de sua casa ou com familiares ou até com você mesmo. Apresente reflexões e posicionamentos dentro desse cenário de exclusão desses segmentos pela sociedade. Fique à vontade.

**Aluno 1:** Assuntos como esses, são delicados, pois abordam, violência, intolerância, julgamentos em relação a aparência. Pessoas LGBTQ+, são vistas na sociedade como pessoas “nojentas”, pois gostam de pessoas de outro gênero, mulheres, homens trans, são as que mais sofrem preconceito, chegam até mesmo a serem agredidas nas ruas por conta de sua sexualidade. Já em relação a pessoas especiais, elas são vistas como malucas/doidas pela sociedade. Em relação aos padrões de beleza que a sociedade impõe é muito preocupante, pois as pessoas (principalmente os jovens) começam a desenvolver distúrbios, baixo autoestima e entre outros fatores. Muitas das vezes, esses jovens são considerados pessoas com a mente fraca, e que eles “precisam” de Deus na vida deles.

Portanto, é de extrema importância abordar sobre essas temáticas. A sociedade tem que respeitar todos igualmente.

**Aluna 2** - Muitas pessoas da sociedade não respeitam outras religiões, por acharem que o caminho daquela não é correto, ou até mesmo achar que todos nós deveríamos seguir uma única religião. É triste ver o preconceito que as pessoas têm com algumas certas religiões, falo isso porque sofro na pele por ser evangélico, precisamos respeitar todas as religiões, independente de seu caminho e sua crença. Alguns acham que é errado, acreditar em espíritos, santos, deuses. Outros, julgam as pessoas que seguem aquela religião, observam o modo de vestir, de caminhar, e criticam muito sobre a religião dos outros.

**Aluna 3** - Os padrões impostos pela sociedade são desnecessário e cruéis, passei muito tempo vendo meu corpo como ele fosse feio e invalido. Ouvindo o que não deveria, principalmente, para uma criança que era na época. A sociedade oprime forma assustadora, lhe deixando sem ares, lhe pisando com toda força. Isso diz muito sobre a criação de todos, criando raízes discriminatórias na cabeça dos mais novos, fazendo com que eles cresçam nos diminuindo em sua cabeça, e tornando isso natural.

Observação: Fica perceptível nas colocações dos alunos posicionamentos valorados - uma forma de se colocar criticamente, incluindo, também, as suas experiências de vida diante dos comportamentos que são impostos pela sociedade. Nessas respostas dos estudantes, perpassam discussões éticas-estéticas-discursivas, que vão ressignificar de forma valorada (Carvalho, 2023) os discursos totalitários e conservadores que circulam na sociedade a partir de uma leitura ressignificada. Outros pontos de vistas são construídos para combater falas sem amparo legal, criando, assim, uma cultura oral, que perpassa de geração a geração.

### INTERAÇÃO ORAL NA AULA DE LEITURA

**1. Qual é o tema central da música?**

2. R1 – Faz uma crítica a sociedade sobre o racismo.
3. R2 – Crítica os presídios onde estão os pretos.
4. R3 – O revólver já está engatinhado. Essa passagem aqui, é uma fase muito boa para se pensar.
5. R4 – Quando têm muitos brancos reunidos, os negros se sentem excluídos, por pretos.  
R5 – Tem muita gente que fala que o racismo não existe, mas com certeza, existe e a música dela é de uma pessoa preta e que vive isso diariamente.

6. R6 – Os negros sempre são assassinados, e a justificativa dos policiais é que foi bala perdida.
7. R7 – É igual ao caso Mariele Franco que foi abafado ninguém mais falou.
8. R8 – A cantora fala muito sobre a perseguição e desvalorização dos negros.

**Resposta 6** (uma aluna negra com cabelos crespos)

Espelho da Vida

No espelho da vida uma história se desenha,  
Inspiração na jornada “Menina bonita SEM laço de fita”  
A lição que reivindica, uma aprendizagem.

No segundo passo, um ser em comparação,  
Dificuldades vividas, sombras da aceitação.  
Notas tomadas, a narrativa delineada,  
Cidade de comparação, insegurança, uma jornada marcada.

Perspectivas entrelaçadas, vozes a ressoar,  
A visão do indivíduo, amigo, familiares a ponderar.  
Cada pensamento, um eco no coração,  
Do pesar da comparação, a luz da autoaceitação, a redenção.

No esboço da história, nuances a explorar,  
Momentos de sombras, reflexão a brotar.  
Passos hesitantes, até a dança da descoberta,  
Percorrendo caminhos, o eu autêntico desperta.

Do poema emerge a melodia da compreensão  
Versos entrelaçados, eco da transformação,  
Internos pensamentos, na dança da existência  
Da comparação à aceitação, a jornada da consciência.

Revisão atenta, a mensagem a lapidar, clareza e impacto,  
Para o leitor tocar, na partilha da vida.  
Extravagâncias do uso das perspectivas,  
A história ganha vida na poesia reflexiva.

Discussão rica, na sala de ideias a florescer,  
A importância da autoaceitação a se perceber.  
Cada palavra, uma luz na escuridão,  
No palco da vida, a comparação perde a razão.

OBS: Esse poema está ligado à vida e à existência da aluna, há poesia, uma linguagem carregada de sensibilidade, sentimentos e figuras. Além disso, há nele uma relação dialógica com o poema de Jenyffer Nascimento, *Menina Bonita sem Laço de Fita* e responsivo.

### **O olhar do mundo com as pessoas magras**

Neste mundo de olhares, magra és vista,  
Julgamentos sem compreender a tua luta.  
Mas tua beleza, além da estampa fina,  
Reside na força que em ti se destina.

Magreza não define a tua essência,  
Nem teu valor, nem a tua presença.  
Em cada curva e traço, és singular,  
Um ser de luz que brilha no olhar.  
Não te deixes abalar pelos olhares vãos  
Pois és completa em todos os teus planos.  
A magreza é só um aspecto exterior,  
O que importa é o teu ser interior.

### **Resposta 7 (aluna branca)**

É cedo da manhã, todo dia um desafio para mim,  
O céu está azul, as nuvens são braços estendidos,  
O sol também está a nos observar,  
Sinto-me escuro de dentro.

O mundo não é o mesmo para mim,  
As pessoas me olham de lado, com repulsa.  
O mundo me deixa com medo, insegurança e tristeza.  
Parece que não posso ser quem eu sou,  
Ser feliz, ser livre, viver a vida calma.  
Tenho medo de ser repreendida, julgada,  
Medo de ser colocada em risco,  
Tratada como diferente, um qualquer.

Tenho medo, medo, medo de caminhar na vida  
E toda minha paz de espírito é longa,  
Eu queria apenas a felicidade,  
Quero ser amada por todos.

Ser quem eu sou, sem medo, um ser verdadeiro,  
Ser aberto ao sol, ao mundo, ser de coragem,

Mas o mundo me impede de andar,  
Ele me coloca em julgamento toda hora.

Minha alma quebra, mas tenho que seguir em frente,  
Não quero ficar triste, não quero ser diferente  
Quero ser eu mesma, é o que eu quero,  
Ser verdadeiro, ser feliz, como um rio sereno.

Como um pássaro livre todos os dias,  
O sol brilha e tenho repensado a vida.  
O dia nasce, mas só penso ir para escuridão,  
Lá poderei viver à vontade, sem cobranças.

Observações: Nos poemas apresentados, há uma existência com a vida dos/as alunos/ as, pois tocam a sensibilidade, os sentimentos, algo que é comum ao outro. Neles, existem poesia e uma linguagem carregada de figuras e sentidos. Além disso, há uma relação dialógica com os textos literários de Jenyffer Nascimento, de forma responsiva, conforme Bakhtin defende.